



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

NELCI BATISTA DOS SANTOS

JUNTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO PELOS BECOS DA MEMÓRIA

CASCAVEL-PR

2025

NELCI BATISTA DOS SANTOS

JUNTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO PELOS BECOS DA MEMÓRIA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – para a obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras em Letras, nível de Mestrado e Doutorado - área de concentração: Língua e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória, Cultura e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Lourdes Kaminski Alves

CASCADEL-PR

2025

**Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração
Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.**

Batista Dos Santos, Nelci

Junto de Conceição Evaristo pelos Becos da Memória / Nelci
Batista Dos Santos; orientadora Lourdes Kaminski Alves. --
Cascavel, 2025.

120 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2025.

1. Conceição Evaristo. 2. Becos da memória. 3. Literatura
Negra Brasileira. 4. Escritas de si. I. Kaminski Alves,
Lourdes , orient. II. Título.

NELCI BATISTA DOS SANTOS

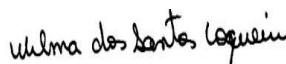
JUNTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO PELOS BECOS DA MEMÓRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Literatura, memória, cultura e ensino, APROVADA(O) pela seguinte banca examinadora:



Orientador(a) - Lourdes Kaminski Alves

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



Wilma dos Santos Coqueiro

Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão (UNESPAR)



Clarice Lottermann

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Antonio Donizeti da Cruz

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 21 de fevereiro de 2025

AGRADECIMENTOS

À Deus pela minha vida, saúde e disposição para resistir e enfrentar as adversidades da vida.

Agradeço à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, em especial ao PPGL (Programa de Pós-graduação em Letras), que me proporcionou a conclusão dessa dissertação;

À minha orientadora, Professora Lourdes Kaminski Alves, por toda a orientação recebida, pela leitura atenta do meu texto, pelas indicações bibliográficas, pelas aulas e pela amizade construída ao longo da minha pesquisa.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, professora Clarice Lottermann e professor Antonio Donizeti pelas importantes contribuições e indicações de leituras para esta pesquisa.

Agradeço aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PPGL/UNIOESTE, pelas disciplinas cursadas, com os quais tive a oportunidade de acessar conhecimentos teórico-críticos.

Em especial, agradeço à minha família (esposo e filhas), pelo apoio ao meu trabalho, bem como pela compreensão nos momentos de ausência.

À amiga Soliane Zulian pelo apoio prestado.

À minha mãe (*in memorian*), foi uma pessoa analfabeta, mas ainda em minha meninice procurava inculcar em mim o valor e a importância que o conhecimento tem na vida do ser humano. Ainda ouço seus conselhos.

À Secretaria Municipal de Educação de Cascavel por conceder o direito a qualificação remunerada, se não fosse assim teria sido muito mais difícil dedicar-se a pesquisa.

E, agradeço aqueles que de um modo ou de outro estiveram presentes em minha vida durante essa jornada, contribuindo para minha aprendizagem, meu crescimento pessoal e profissional.

*[...] o corpo negro se constitui e se redefine na experiência da diáspora e na transmigração (por exemplo, da senzala para o quilombo, do campo para a cidade, do Nordeste para Sudeste)
[...] O indivíduo negro, com o seu corpo em relação (con)sentidas, percorre em transmigração territórios negros fragmentados pela diáspora (Ratts, 2006, p. 65-69).*

SANTOS, N. B. **Junto de Conceição Evaristo Pelos Becos da Memória**. 120 f., 2025. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

RESUMO

Propomos na presente dissertação, desenvolver um estudo sobre a obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, sob a perspectiva teórico-crítica das escritas de si. Esta abordagem crítica é profícua para pensar sobre o *modus operandi* das narrativas e da poesia de Evaristo. Nossa intenção é verificar como se revelam, no romance, elementos que configuram o conceito de escrevivência, desenvolvido pela autora. Para tanto, teremos por base os referenciais teóricos e metodológicos das escritas de si, que por sua vez, articulam se com autorias de voz feminina e com a base histórico-reflexiva sobre literatura negra brasileira. Neste sentido, o objeto de estudo da pesquisa se insere nos estudos pós-coloniais, feministas e do feminismo negro. Articulado a este foco de investigação, temos ainda, como objetivo estudar a construção das personagens femininas no romance e a relação destas, com o espaço da narrativa na produção de subjetividades. A presente pesquisa ancora-se nos teóricos dos estudos pós-coloniais e decoloniais a exemplo de: Aníbal Quijano (2005), Zulma Palermo (2013), Walter D. Mignolo (2003), Thomas Bonnici, (2005) e outros. Articulado a estes teóricos, buscamos as abordagens acerca do feminismo negro, tais como: Lélia Gonzalez (2020), Djamila Ribeiro (2018, 2019), Françoise Vergès (2020), bell hooks (2020), Carla Akotirene (2019), Inocência Mata (2013), Zilá Bernd (2023, 2018, 2013), dentre outros. Com relação aos estudos sobre escritas de si, buscamos respaldo teórico-crítico em Michael Foucault (2014), Leonor Arfuch (2010), Diana Klinger (2024), dentre outros.

Palavras-chave: Conceição Evaristo; *Becos da memória*; Autoria feminina; Literatura Negra Brasileira.

SANTOS, N. B. **Junto de Conceição Evaristo Pelos Becos da Memória**. 120 f., 2025. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

ABSTRACT

In this dissertation, we propose to develop a study on the work *Becos da memory* (2018), by Conceição Evaristo, from the theoretical-critical perspective of self-writing. This critical approach is useful for thinking about the *modus operandi* of Evaristo's narratives and poetry. Our intention is to verify how elements that configure the concept of writing, developed by the author, are revealed in the novel. To do so, we will be based on the theoretical and methodological references of self-writing, which in turn, are articulated with female-voiced authors and with the historical-reflective basis on black Brazilian literature. In this sense, the research object of study falls within post-colonial, feminist and black feminist studies. Linked to this research focus, we also aim to study the construction of female characters in the novel and their relationship with the narrative space in the production of subjectivities. This research is anchored in theorists of post-colonial and decolonial studies such as: Aníbal Quijano (2005), Zulma Palermo (2013), Walter D. Mignolo (2003), Thomas Bonnici, (2005) and others. Articulated with these theorists, we seek approaches to black feminism, such as: Lélia Gonzalez (2020), Djamila Ribeiro (2018, 2019), Françoise Vergès (2020), bell hooks (2020), Carla Akotirene (2019), Inocência Mata (2013), Zilé Bernd (2023, 2018, 2013), among others. Regarding studies on self-writing, we sought theoretical-critical support in Michael Foucault (2014), Leonor Arfuch (2010), Diana Klinger (2024), among others.

Keywords: Conceição Evaristo; Alleys of memory; Female authorship; black brazilian literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
PARTE I - UMA VIDA EM CONSTANTE REFAZIMENTO: MINHAS MEMÓRIAS	11
PARTE II – PENSAMENTO CRÍTICO DE AUTORIA NEGRA E RELAÇÕES COM O LITERÁRIO	35
2.1 MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI NA CONSTRUÇÃO DA ESCRIVÊNCIA	36
2.2 UMA EPISTEMOLOGIA NEGRA BRASILEIRA	41
2.3 A CONSOLIDAÇÃO DA LITERATURA NEGRA BRASILEIRA	54
2.4 EDITORAS BRASILEIRAS DEDICADAS A PUBLICAR OBRAS DE AUTORIA NEGRA	59
PARTE III – CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA VOZ DA LITERATURA NEGRA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORANEA	66
3.1 BREVE CARTOGRAFIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	66
3.1.1 Participação de Conceição Evaristo nos <i>Cadernos Negros</i> e no Movimento Literafro	69
3.1.2 Produção Literária de Conceição Evaristo	70
3.1.3 Reconhecimento e Premiações	73
PARTE IV– ESCRIVÊNCIA: <i>BECOS DA MEMÓRIA</i>	79
4.1 BECOS DA MEMÓRIA: ESCRITURA E REMINISCÊNCIA NARRATIVA --	80
4.2 REFLEXÕES SOBRE AS PERSONAGENS E OS PROCESSOS MEMORIALÍSTICOS	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, temos como proposta, desenvolver um estudo sobre a obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, sob a perspectiva teórico-crítica das escritas de si. Esta abordagem crítica é profícua para pensar sobre o *modus operandi* das narrativas e da poesia de Conceição Evaristo, no cotejo com a literatura afrodescendente de autoria feminina brasileira da contemporaneidade. Nossa intenção é verificar como se revelam, na narrativa, elementos que configuram o conceito de “escrivência”, desenvolvido pela autora.

Para isso, tomamos por base, os referenciais teóricos e metodológicos das escritas de si que, por sua vez, articulam se com a literatura de voz feminina e com a base histórico-reflexiva sobre literatura negra brasileira¹. Neste sentido, o objeto de estudo da pesquisa se insere nos estudos pós-coloniais do feminismo negro. Articulado a este foco de investigação, temos, ainda, como objetivo estudar a construção das personagens femininas no romance e a relação destas, com o espaço da narrativa na produção de subjetividades.

A obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, teve sua primeira edição em 2006, pela Mazza Editora, Belo Horizonte (MG). A segunda edição em 2013, pela Editora Mulheres², sendo que em 2016 a obra teve uma edição traduzida para o francês, publicada pela Editora Anacaona³. A terceira edição, em 2018, foi publicada pela Pallas Editora⁴.

¹ Nesta dissertação, empregamos a denominação **literatura negra brasileira**, a partir do proposto por Cuti (2010).

² “A Editora Mulheres foi fundada em 1995 pela então professora recém-aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Zahidé Lupinacci Muzart e outras duas parceiras, também aposentadas: Elvira Sponholz e Susana Bornéo Funck. O objetivo do trio era republicar obras de escritoras brasileiras do século XIX, a partir das pesquisas acadêmicas que traziam à tona o talento e a existência dessas mulheres apagadas pela narrativa hegemônica sobre a história da literatura brasileira” (Ribeiro; Karam, 2020, p.1).

³ “As Edições Anacaona foram criadas por Paula Anacaona, tradutora. as Edições Anacaona foram criadas, no final de 2009, centravam-se na literatura marginal – literatura feita por minorias raciais ou socioeconômicas”. Disponível em: <https://www.anacaona.fr/crivain-bresilien-conceicao-evaristo/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁴ “Fundada em 1975, na cidade do Rio de Janeiro, a Pallas Editora dedica grande parte de seu catálogo aos temas afrodescendentes. Interessada na compreensão e na valorização de nossas raízes culturais e ciente do ainda precário registro dos saberes africanos na diáspora e de sua importância como uma das matrizes fundadoras de nossa nacionalidade [...]”. Disponível em: https://www.pallaseditora.com.br/pagina/a_editora/2/. Acesso em: 30 jan. 2024.

O mercado editorial voltado para as produções literárias de autores e autoras afrodescendentes e temas relacionados vem se expandindo no contexto brasileiros, o que é importante e que de alguma forma reflete o interesse crescente de pesquisadores dos estudos pós-coloniais e da decolonialidade epistêmica. Um desejo de ler literatura que tematize direitos humanos, silenciamentos e racismo estrutural.

Thomas Bonnici (2000) esclarece que a teoria pós-colonial analisa não apenas as relações entre o colonizador e o colonizado, mas também a maneira como a construção do primeiro acontece através da fabricação do segundo, em condições de hierarquização e outremização.⁵

Desde a sua sistematização nos anos 70, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como ‘selvagens’, ‘primitivos’ e “incultos” pelo imperialismo; a recuperação das fontes alternativas da força cultural de povos colonizados; o reconhecimento das distorções produzidas pelo imperialismo e ainda mantidas pelo sistema capitalista atual (Bonicci, 1998, p. 10).

Desta perspectiva, o tema da resistência às ideologias colonialista é recorrente na maioria dos textos pós-coloniais e revela não somente o revide do sujeito colonizado, mas também a ambiguidade e a fragmentação do colonizador. Estes aspectos são observados na literatura de Conceição Evaristo.

O livro *Becos da memória* “havia sido escrito em 1988, ano do centenário da abolição, quando houve uma movimentação sem sucesso do Instituto Palmares para publicá-lo” (Machado, 2014, p. 260).

Conceição Evaristo é uma escritora que se destaca pelo pioneirismo de sua literatura hibridizada pelas vivências, suas e de mulheres racializadas, descendentes de povos escravizados. Seus textos podem ser lidos como produção decolonial, na medida em que sua arte evoca um modo diferente de ler a história e a cultura afro-brasileira.

Neste sentido, as perguntas que orientam nossa pesquisa são: como se revelam, no romance, elementos que configuram o conceito de escrevivência. Como

⁵ Este termo foi cunhado por Gayatri Spivak para o processo pelo qual discurso imperial cria seus ‘outros’. [...] O outro é o excluído ou sujeito dominado criado pelo discurso de poder. A outremização descreve os vários modos pelos quais o discurso colonial produz seus sujeitos. Na explicação de Spivak, outremização é um processo dialético porque o colonizador Outro é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados outros são produzidos sujeitos (Ashcroft, 1998, p. 171).

Conceição Evaristo capta sua temporalidade histórica, no que diz respeito ao feminismo decolonial e a produção de uma escritura ética e estética? É possível identificar a passagem de elementos da memória individual para a memória coletiva nas escritas de si, tomando por base o romance *Becos da memória*?

A fim de responder parte destas inquietações, a pesquisa tem como objetivos:

- a) Analisar e aprofundar os estudos sobre a literatura de autoria feminina negra; b) Estudar a construção das personagens femininas de *Becos da memória* e as relações destas com o espaço da narrativa na produção de subjetividades; c) verificar como se revelam, no romance, elementos que configuram o conceito de escrevivência; d) Compreender como Conceição Evaristo capta sua temporalidade histórica, no que diz respeito ao feminismo decolonial; e) Contribuir com a visibilidade da literatura brasileira de autoria feminina afrodescendente.

Considerando estes objetivos, a dissertação é construída, a partir de quatro partes principais, sendo que a primeira se intitula **Uma Vida em Constante Refazimento: Minhas Memórias**. Nesta parte, apresentamos um memorial do sujeito que escreve esta dissertação, acreditando que é conhecendo um pouco da própria história, que se definem as escolhas do presente. A escrita do memorial justifica-se na medida que esta pesquisa se volta para o estudo das escritas de si, e do estudo de uma obra literária, em que se visualiza o conceito de “escrevivência”, de Conceição Evaristo. A segunda parte, denominada **Pensamento Crítico de Autoria Negra e Relações com o Literário**, reflete sobre a relação da produção de um pensamento teórico-crítico de autoria feminina negra e a importância de formulações conceituais para a consolidação de uma epistemologia negra na relação com a literatura de autoria feminina negra contemporânea. A terceira parte intitula-se **Conceição Evaristo: uma Voz da Literatura Negra Brasileira de Autoria Feminina Contemporânea**. Nesta seção da dissertação, o estudo procura relacionar aspectos biobibliográficos de Conceição Evaristo e de sua atuação em movimentos importantes na luta contra o racismo estrutural no Brasil, evidenciando o protagonismo da autora na literatura de autoria feminina negra no atual contexto brasileiro. Destaca-se ainda, a importância da militância negra para o surgimento de editoras com caráter decolonial.

Por fim, a quarta parte, cujo título é **Escrevivência: Becos da Memória**, apresenta uma análise literária da obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, como foco para escritas de si no cotejamento com estudos da memória individual e da memória coletiva e social. Objetiva-se verificar elementos estéticos que

apontem a presença da ancestralidade africana, reminiscências e memórias, com foco para a mulher negra.

Quanto ao arcabouço teórico-crítico, a presente pesquisa ancora-se nos teóricos dos estudos pós-coloniais e decoloniais a exemplo de: Aníbal Quijano (2005), Zulma Palermo (2013), Walter Mignolo (2003), Thomas Bonnici, (2005) e outros. Articulado a estes teóricos, buscamos as abordagens acerca do feminismo negro, tais como: Lélia Gonzalez (2020), Djamila Ribeiro (2018, 2019), Françoise Vergès (2020), bell hooks (2020), Carla Akotirene (2019), Inocência Mata (2013), Zilá Bernd (2023, 2018, 2013), Wagner Souza (2023), dentre outros. Com relação aos estudos sobre escritas de si, buscamos respaldo teórico-crítico em Michael Foucault (2014), Leonor Arfuch (2010), Diana Klinger (2024), dentre outros.

Em levantamento realizado nos bancos de dissertações e teses da CAPES, por amostragem, no último quadriênio, iniciando pela busca nos bancos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unioeste, destacamos os estudos abaixo descritos, sobre a autora e sua obra.

A busca se deu a partir do tema “dissertações e teses sobre a obra de Conceição Evaristo”, no último quadriênio/CAPES.

No Programa de Pós-graduação em Letras encontramos a dissertação “Conceição Evaristo: do Imaginário Racial à Circularidade de Seu Dizer”, defendida no ano de 2021, por Karla Daniel Martins de Souza, na Linha de Pesquisa em Estudos Discursivos: Memória, Sujeito e sentido, orientada pela profa. Dra. Dantielli Assumpção Garcia. A dissertação estuda os deslocamentos de sentidos em torno das complexidades raciais materializadas pelas posições que Conceição Evaristo assume na enunciação por meio de entrevistas. Sendo assim, o *corpus* é formado por recortes de duas entrevistas selecionadas. A primeira encontrada no *Nexo Jornal* (2017), intitulada “Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’”. A segunda, no site “Brasil de fato” (2018), intitulada “Conceição Evaristo: ‘Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos’”. A pesquisa encora-se nos pressupostos teóricos/metodológicos da Análise de Discurso, de linha francesa, derivada de Michel Pêcheux (1975), busca uma escuta no funcionamento discursivo da voz da escritora Conceição Evaristo, que retoma uma memória discursiva que perpassa desde os tempos coloniais até os dias atuais.

Em outros programas de Pós-graduação da área foram encontradas pesquisas relacionadas à obra aqui proposta, contudo, com diferentes perspectivas teóricas

conforme observaremos a seguir. A “Escrevivência como Lituraterra”, defendida por Tayna Celen Pereira Santos, no ano de 2022, no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Apesar de não ser da área de Letras, julgamos interessante fazer referência a esta pesquisa devido a mesma partir do conceito de “Escrevivência” para formulação do conceito de “Lituraterra”. A autora se propõe a uma incursão teórica pelo conceito de “letra” no ensino de Lacan, para com isso, operar com as noções propostas em Lituraterra aplicadas à escrevivência evaristiana, relançando-as no campo da política, e verificando a hipótese de que a Lituraterra se aproxima do manejo da escrita na escrevivência.

Na área de Letras, destacamos, a dissertação “Escrevivências Decoloniais e o Corpo Encantado em Conceição Evaristo”, defendida por Francielle Suenia da Silva, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba - Campus João Pessoa, em 2022. A autora toma como corpus de análise oito contos publicados nas obras *Olhos d’água* (2015) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), além de uma novela pertencente à última obra mencionada. O objetivo principal da pesquisa é apresentar o conceito das categorias de “corpo encantado” e de “corpo terreiro”, a partir da epistemologia decolonial, bem como da perspectiva do encantamento a partir da análise de personagens femininas centrais das narrativas estudadas.

Ainda na área de Letras, destacamos pela Universidade Federal de Viçosa, na linha de pesquisa: Literatura, Cultura e Sociedade, a dissertação “Tessituras de resistência: relações entre a perspectiva trágica e a Escrevivência de Conceição Evaristo”, escrita por Angela Cristina Froes de Sousa e defendida no ano de 2021. A pesquisa teve como orientador Adélcio de Sousa Cruz. Coorientador: Edson Ferreira Martins. Os pesquisadores se propuseram a realizar um trabalho que analisasse a perspectiva trágica e a escrevivência da escritora Conceição Evaristo. Com vistas a evidenciar que os corpos negros femininos são os que mais sofrem na contemporaneidade, pois carregam em si marcas de violência e opressões, que configuram se em condições trágicas. O aporte teórico parte da concepção de Raymond Williams (2002) e Terry Eagleton (2013) os mesmos defendem que a tragédia permanece na modernidade. Nesse sentido os pesquisadores entenderam que o drama encenado pelos personagens negros na escrita da Conceição Evaristo manifestasse como possibilidade de leitura a experiência trágica da modernidade. Logo as narrativas ficcionais analisadas evocam por meio de metáforas a violência

experimentada pelas ancestrais que fizeram parte do sistema escravista e continuam na contemporaneidade.

Pela instituição de Ensino Superior Universidade Federal do Rio Grande, no Programa de Pós Graduação em Letras, Área de Concentração: História da Literatura e Linha de Pesquisa: Escrita Feminina, mencionamos a dissertação que tem por título: “O Ressoar das Vozes que se movem na favela, por entre os Becos da Memória” - defendida no ano 2023 pela então mestrande, Ana Karolina Damas da Costa. O objetivo da pesquisadora foi tecer uma análise sobre o Romance *Becos da Memória* (2017) de Conceição Evaristo, bem como o processo criativo da autora que é marcado pela experiência memorialística. Tal análise procura esclarecer as relações humanas, no cenário conflituoso que envolve o processo de desfavelamento. No espaço da narrativa são apresentadas diversidades que são submetidas as pessoas negras subalternizadas. A pesquisa se dá a partir do entrecruzamento da memória com a ficcionalidade, ainda o estudo da experiência traumática dos personagens como os traumas afetam os comportamentos. Ancora-se sob o viés analítico da crítica feminina literária em Schmidt (2002), os estudos sobre a memória em Ferreira (2003), pressupostos do feminino Negro em Gonzales (2020), antirracismo (2020), Interseccionalidade em Crenshaw (2002), história da literatura de autoria feminina em Constância Lima Duarte (2002). Além dos autores citados a pesquisa fundamenta se ainda na perspectiva decolonial na concepção de Verges (2020). O espaço de *Becos da Memória* apresenta se degradado e negligenciado por tecitura política que desconsidera os interesses dos moradores, oprimindo-os. Neste cenário evidencia se personagens femininas fortes e ao mesmo tempo frágeis que se movem entre os becos memorialísticos da favela.

A dissertação intitulada “Pelos Becos da Memória: Uma Análise da Autorrepresentação Negro-Feminina em Conceição Evaristo”, escrita por Lizia Khenya de Campos Rosa Oliveira Machado, defendida em 2021. O referido trabalho teve a pretensão de refletir como a literatura negro-feminina, através da escrita de Conceição Evaristo, especificamente o romance *Becos da Memória* tem o potencial de reivindicar um protagonismo para a mulher preta, a fim de torná-la sujeito da sua própria história. Principalmente nesse momento que a literatura contemporânea se propõe a debater sobre o fazer literário de autores considerados marginalizados. Também teve a pretensão de refletir sobre a capacidade que essa escrita apresenta de dar visibilidade a lugares e pessoas que nunca tiveram reconhecido o seu “lugar

de fala”. As memórias de Evaristo fazem com que suas narrativas reivindicuem uma literatura que rompa com os padrões impostos pela sociedade estigmatizada e preconceituosa que há muito vigora. O estudo dialoga com as teorias de bell hooks (2019), Lélia Gonzalez (2018), Grada Kilomba (2019), Chimamanda Adichie (2019), Gayatri Spivaki (2016), Djamila Ribeiro (2019), Sueli Carneiro (2019) e tantas outras. Ainda a pesquisadora intentou refletir sobre a literatura negro-feminina como forma de resistência e subversão em um contradiscurso que compreendesse a identidade da mulher preta como produtora de discursos repletos de significados e proximidade com o leitor.

Quanto a esta pesquisa que vamos desenvolvendo, esperamos que a mesma contribua com os estudos sobre literatura e sociedade, escritas de autoria feminina e pós-colonialismo na linha de pesquisa “Literatura, Memória, Cultura e Ensino”, do Programa de Pós-graduação em Letras da UNIOESTE, considerando ser esta a primeira pesquisa da linha, sobre a obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, sobretudo, pelo potencial poético e crítico que sua obra contém.

Espera-se ainda, com esta pesquisa, aprofundar estudos sobre a literatura de autoria feminina e feminismo decolonial, com vistas a compreender o pensamento da autora e suas contribuições para a crítica literária contemporânea e como esta lê sua temporalidade histórica, no que tange a uma escritura ética e estética.

PARTE I

-

UMA VIDA EM CONSTANTE REFAZIMENTO: MINHAS MEMÓRIAS

Recordo-me de sentir muito medo, pensava que a vida que tivera, anteriormente, com a outra tia e tio era muito ruim, não queria viver e reviver alguns momentos. Era uma criança e não tinha voz para nada. Mas, desta vez, o medo foi substituído por sentimentos de alegria, motivação e até coragem (Nelci Batista dos Santos).

A história que minha mãe me contou sobre meu nascimento, quando eu ainda era bem pequena é o que sei sobre meu nascimento. Segundo ela, algumas mulheres estavam reunidas em uma conversa, quando uma delas, uma parteira chamada Rute, comentou com as demais que no bairro São Cristóvão, as margens da Rodovia- Br 467, havia uma favela, e ali encontrava-se uma mulher que estava para dar à luz a um bebê e, que devido as suas condições queria “dar” a criança e se não achasse para quem doar iria matar o bebê e jogá-lo dentro de uma fossa que existia próximo de seu barraco(casa).

Durante esta conversa, uma senhora chamada Anália comoveu-se e disse para a parteira Rute que diante da história, ela pegaria a criança. Conversou com seu esposo que aceitou, daí em diante dedicou-se a preparar um enxoval simples conforme suas condições. Enquanto preparava o enxoval, seu esposo falava: “não se apegue muito a isso, pois você não sabe se dará certo”. O tempo passou e, em um determinado dia, mais precisamente, 08 de dezembro de 1977, ao amanhecer, a senhora Anália contou que escutou batidas em sua porta, antes mesmo que abrisse, reconheceu que era a voz de sua mãe a senhora Emília, dizendo que o bebê havia nascido de madrugada, que era uma menina e se ela (Anália) iria mesmo ficar com a criança, que poderia ir buscá-la.

D. Emília era uma das mulheres que estava reunida com as outras conforme citado acima. Anália chamou seu filho caçula, pegou as roupinhas que ela mesma

tinha confeccionado, colocou-as em uma sacola e foram buscar a criança. Ao chegarem no local, em um quarto da casa, depararam-se com uma criança enrolada em alguns panos, no colo de uma mocinha, não avistaram a mãe da recém nascida. D. Anália questionou onde estava a mãe da criança. Nesse momento, a parteira Rute a conduziu até outro quarto da casa, onde estava a mesma, pois não queria ver a criança.

D. Anália a cumprimentou e perguntou se era isso mesmo que ela desejava fazer? A mulher respondeu que sim. Também pediu se D. Anália tinha algum dinheiro para lhe dar, para que pudesse comprar algum alimento, enquanto se recuperava no período pós-parto, em sua dieta. Sua atitude foi repreendida pela parteira que disse para a mesma: “se não tinha vergonha na cara, primeiro falou em matar sua filha, agora queria dinheiro para comer”. D. Anália tinha na bolsa alguns trocados, se dirigiu até a mulher para entregar-lhe, mas, a mesma não quis pegar, dizendo apenas que quando eu ficasse maior era para enviar uma foto minha para ela me conhecer. “Quando ela - referindo-se a criança -estiver maior você manda uma foto dela prá mim”. Anália nada respondeu, voltou para o outro quarto me pegou nos braços, chamou seu filho que a aguardava, foram em busca de uma farmácia, para comprar uma lata de leite, uma mamadeira e uma chupeta. Retornaram para casa, levando-me, ao chegarem, o esposo e os filhos que estavam a espera ficaram contentes, alguns até pularam de alegria por terem um bebê em casa. O esposo lhe perguntou como tinha sido lá, a mesma disse que tudo bem, que apenas a mulher, referindo se a parturiente tinha pedido para que lhe enviasse uma foto da menina quando esta estivesse maior.

Seu Antônio, este era o nome do esposo de D. Anália a aconselhou a nunca fazer isso, pois quando a menina estivesse maior, com certeza, ela viria roubá-la. Passaram-se três dias e, no dia 11 de dezembro de 1977, D. Anália e seu Antônio foram até um cartório da cidade e registraram a criança como filha, deram-lhe o nome de Nerci Batista dos Santos.

O tempo passou, quando a criança tinha por volta de um ano e três meses, o senhor Antônio foi acometido por um AVC, que o levou a óbito.

D. Anália ficou sozinha para cuidar dos filhos. Ela contava com um salário de pensão que recebia, devido a morte do marido, começaram as dificuldades financeiras. D. Anália se vê obrigada a procurar um emprego fora de casa para sustentar os seus filhos. Naquele tempo, o trabalho disponível para ela, era na

agricultura ou como empregada doméstica, pois era uma pessoa analfabeta, e mãe de oito filhos, logo não tinha boas oportunidades. Quando conseguia emprego, na lavoura, ou como empregada doméstica, recebia baixo salário pelo trabalho prestado, diante das circunstâncias dizia que preferia o trabalho na roça, pois poderia ficar próxima dos filhos para cuidar dos mesmos. D. Anália foi mãe de oito filhos, porém dois faleceram ainda bebês, a mesma ficou com seis filhos legítimos, posteriormente, após a adoção voltou a ter os oito. Nesse período, após o falecimento do senhor Antônio, os filhos mais velhos foram trabalhar na construção civil, exercendo ofícios que tinham aprendido com o pai e passaram a ensinar para os irmãos mais novos. Trabalhavam em uma empresa que os levava para outras cidades. Entre os filhos de D. Anália, havia uma única filha mulher, essa filha tinha sido “mãe solteira”, teve um filho, o mesmo estava com três meses de vida. E, assim como os homens da família foram trabalhar em busca de sustento, a moça também partiu, deixando seu filho para D. Anália cuidar (Por isso dois adotados dito acima).

Com duas crianças pequenas, totalmente dependentes de cuidados, pode-se entender, o motivo que levou a pobre mulher preferir o trabalho braçal do campo, pois era o único lugar que os patrões aceitavam, que crianças permanecessem junto aos responsáveis, provavelmente, com a intenção de futuramente orientar as crianças ao trabalho com a mãe. E, era isso mesmo. Lembro-me, que em tenra idade, quando eu tinha 4 anos, no ano de 1981, minha mãe mudou-se da cidade de Cascavel para o município de Goioerê, para trabalhar em uma lavoura de algodão, levava para o trabalho eu e meu irmão, sim, irmão, porque o neto que Anália teve de sua única filha mulher, foi registrado em seu nome, logo era seu filho, também adotivo, assim como eu. Nossa mãe nunca nos deixava sozinhos, estávamos sempre juntos, ela era uma mãe carinhosa e tinha muito amor por nós. Durante a execução do seu árduo trabalho dizia: “a mãe quer que vocês estudem para não sofrer como a mãe sofre”. Nesse tempo, apesar de irmos para a lavoura com nossa mãe, ainda não trabalhávamos, passávamos parte do tempo brincando por perto, buscávamos água na mina, em uma moringa e alcançávamos para os adultos quando solicitavam. Minha mãe morou neste lugar pouco tempo, sofriamos muito ali, pois morávamos com uma irmã dela que também tinha muitos filhos e um esposo horrível de ruim.

Retornamos para a cidade de Cascavel, onde moramos por aproximadamente dois anos, quando minha mãe decidiu ir morar no estado de Rondônia, para onde seus familiares já tinham partido em busca de melhores condições de vida e de

trabalho em meados da década de 70. Foram trabalhar com plantio e colheita de café e seringa, por acreditarem que conseguiriam ser melhor remunerado do que aqui no estado do Paraná. A comunicação era feita por meio de cartas, de vez em quando a mãe recebia alguma, com notícias dos parentes que aproveitavam para convidá-la para ir também. A mãe pensou e decidiu ir, então fomos morar na cidade de Rolim de Moura, com uma tia, irmã da mãe e sua família. Me recordo de sentir muito medo, pensava na vida que tivera anteriormente com a outra tia e tio, pois era muito ruim e não queria reviver alguns momentos, mas eu era uma criança e não tinha voz para nada. Porém desta vez no novo local de moradia, o medo logo foi substituído por sentimentos de alegria, motivação e até coragem. Moramos com a família de minha tia por alguns meses, quando o avô, pai de minha mãe nos levou para morar com ele em outro município chamado Presidente Médici, também em uma área rural, mas era muito distante da cidade e um lugar onde nem estradas havia, existia somente as principais, as demais chamavam de “picada”. Ali a vida era de bastante sofrimento, não tinha luz elétrica, as pessoas faziam uso de lamparinas, a água para consumo era tirada de um poço, não tinha banheiro, íamos no mato quando precisávamos, para tomar banho tomávamos em um cômodo da casa, em uma bacia. Essa habitação era feita de costaneira de coqueiro, foi construída com madeira “verde”, com o passar do tempo começou a distanciar uma madeira da outra formando frestas. Meu vô dizia que por aquele buraco a onça puxava criança, eu morria de medo pois, como a região era de muita mata, era comum ver não só a onça, via se outros animais selvagens nas redondezas. A casa ficava próxima de um rio, em épocas de enchente, tudo ficava inundado, quando a enchente acontecia de noite acordávamos mergulhados na água, sob a fala da mãe, gritando para levantar da cama. O colchão e o travesseiro eram feitos de palha de milho, depois da inundação não prestava para mais nada.

Quando ocorria essa situação de alagamento, minha mãe procurava outra habitação em algum lugar mais “alto”, distante do rio então mud  vamos até que a situação voltasse ao normal. Meu v  o não mudava junto com a gente, pois não queria abandonar sua casa, os animais que possuía e também seus objetos. Com ele ficava tudo certo, não precisava sair da casa, pois como já sabia da situação de enchentes, construiu para si, um “jirau”, um tipo de cama construída próximo da cobertura da casa, assim não era atingido pela   gua. E para ele a maior preocupação era ter onde dormir, pois o resto ia levando conforme desse.

Todas as pessoas que moravam nas proximidades pegavam a doença da malária frequentemente, eu peguei uma vez, mas minha mãe e meu irmão foram acometidos diversas vezes. Devido a isso, tinham que procurar atendimento médico na cidade, não haviam meios de transportes, a locomoção era por meio de caminhões de toras de madeira, que transportavam os troncos das árvores retiradas da floresta para levar até uma serraria no município. Ao irem para a cidade devido as dificuldades enfrentadas no caminho e conseguir o atendimento demoravam alguns dias para retornar para casa e eu ficava sob os cuidados da família do tio, irmão de minha mãe que morava próximo. Meu vô era um senhor nordestino muito sistemático e ruim, não gostava de todos os netos, igualmente, só cuidava e agradava o filho mais jovem desse tio que tinha umas oito crianças. As crianças do tio se reuniam conosco e com mais algumas que viviam na redondeza, juntos brincávamos, nos alimentávamos, meu tio caçava, pescava colhia frutas que encontrava nas andanças e nós comíamos de tudo o que ele trazia e oferecia; entre as caças, tinha carne de (pacas, cutias, porcos do mato, peixes, etc.), as frutas cacau, jaca, mamão vermelho.

Minha mãe ia para a cidade em duas circunstâncias, quando precisava ir ao médico, devido à malária, ou era certo, uma vez por mês, para receber o benefício de aposentadoria e fazer o rancho do mês, numa dessas idas, ela sofreu um acidente. Estava em cima do caminhão carregado de toras, quando uma delas se soltou e caiu em cima da mão que a mãe estava apoiada, esmagando e quebrando alguns dedos, a mãe nada pode fazer devido o caminhão estar em movimento. Os homens que estavam na cabine não escutarem por seu pedido de socorro. Desta forma só foram perceber o ocorrido quando chegaram ao destino final. Minha mãe foi ao médico, fez o que tinha que ser feito na mão, posteriormente, os demais compromissos que tinha ido resolver, retornou para casa sem medicamentos, pois o vô foi para outra cidade e levou consigo a receita médica no bolso do casaco, impossibilitando a compra. A alternativa era cuidar do ferimento com ervas caseiras, era feito um emplasto e envolto na mão com um tecido. Lembro que a mãe tinha uma pequena plantação de arroz, estava em época da colheita, sob sua orientação, eu a ajudava a amarrar um tecido em sua mão em cima daquele que já tinha com as ervas e íamos para a roça. Lá chegando, com as duas pequenas mãos eu segurava a touceira de arroz e a mãe cortava com a foice, em seguida, após as orientações eu e meu irmão levávamos para colocar em cima da lona para secar e assim lograríamos êxito naquela produção. O sofrimento era grande, minha mãe resolveu, então, voltar a morar em Rolim de Moura,

perto da sua irmã, pois ali tínhamos mais ajuda e não sofreríamos tanto. Éramos largados a própria sorte pelo vô, não ajudava em nada só sabia criticar e demonstrar a ruindade que tinha no coração.

Ao retornar, meu tio construiu uma casa para nós em seu sítio, neste local plantava café e o trabalho envolvia todo o processo que ia das mudas até a colheita e ensacamento. A mãe então passou a trabalhar junto com a família dele. Eu gostava muito dali meus primos estudavam e minha mãe me matriculou pela primeira vez em uma escola. A memória que tenho em contexto escolar é do ano de 1986, estado de Rondônia, no patrimônio de Rolim de Moura, na linha 25, assim, era chamado o município e os lugares que se encontravam afastados do mesmo (linha) pelos moradores. Na linha 25, havia uma escola de madeira rústica, era uma construção tipo residência, na parte interna haviam os bancos que eram acoplados na carteira. Em uma parede encontrava-se fixado um quadro negro que era dividido em quatro partes, onde eram registrados os conteúdos por série. O 1º espaço correspondia à 1ª série, 2º espaço, à 2ª série e assim com os demais. Eu estudava no período da tarde, a aula começava 13 horas, mas como precisava caminhar alguns quilômetros para chegar na mesma, saíamos de casa cedo, por volta das 10 da manhã. Digo saíamos, pois ia eu, meu irmão, meus primos e alguns vizinhos. Levávamos nosso material que era um caderno, um lápis e uma borracha dentro de uma embalagem de arroz, levávamos também um litro de água, um pote de comida e uma sombrinha para se proteger do sol, que era intenso. Às vezes, não chegávamos na escola, pois desviávamos o caminho para tomar banho no rio, ou quando sentíamos algum medo, ficávamos na mata, brincando, nos baseávamos no sol, o horário que deveríamos voltar para casa. Existia um veículo chamado Rural, que os adultos nos colocavam medo e diziam que ele pegava crianças e levava embora, quando avistávamos um desses, era certo que dali mesmo nos esconderíamos no mato e não iríamos para a escola.

O professor era um senhor que, ao que me lembre, executava todas as funções que são desempenhadas dentro de uma unidade escolar (professor, diretor, coordenador, secretário, cozinheiro, zelador, auxiliar de manutenção fazia tudo pelos alunos que eram poucos. A educação baseada num sistema rígido e aquele professor fazia bom uso disso, quando os alunos não se apropriavam do conteúdo explicado eram castigados, lembro que ele usava dois métodos, um era deixar de joelhos no canto da sala e, o outro, era dar umas reguadas nos dedos da mão do aluno, passei

por essa punição. Certo dia tive que estender minhas mãos e os dedos foram atingidos pela régua de madeira. Nesse contexto, eu aprendi um pouco a ler e a escrever. Meus irmãos mais velhos que tinham ficado no Paraná vinham nos visitar, entre eles havia um que me tratava de modo diferente, com olhares, cuidado e carinhos estranhos, exagerados, que somente o tempo me ensinou a compreender o que acontecia.

A vida estava indo bem, parecia tudo certo, estava dando certo. Mas quando esses irmãos começaram a visitar minha mãe, não sei o que houve, conversaram com ela e a convenceram a voltar morar no estado do Paraná, na cidade de Cascavel, onde morávamos antes. Ao retornar não trouxe consigo nenhum documento que comprovasse que eu tinha estudado lá em Rondônia, a transferência, uma declaração, devido o professor estar com suas atividades suspensas pois estava em greve, a escola estava fechada por tempo indeterminado. Depois que retornamos, foi perdido o contato com os familiares e com todas as pessoas conhecidas inclusive com a escola. No ano de 1987, minha mãe me matriculou em uma escola que ficava próximo da nossa casa, era denominada E.M. Terezinha Picoli Cezarotto, localizada no loteamento jardim Clarito, onde cursei a 1ª série, e, como eu já sabia alguma coisa, a professora Neusa me colocava para ajudar os colegas, eu tomava a leitura dos mesmos. Na mesma escola cursei a 2ª série, recordo da professora, mas não recordo o seu nome, [não faz muito tempo eu encontrei essa senhorinha no centro da cidade tomando um sorvete e caminhando lentamente em companhia de outras pessoas, me apresentei a ela, tratou-me com carinho, mas não lembrava de mim, acabei de recordar o nome dela, professora Odila]. Estudar nessa escola era muito bom, só era difícil quando precisava ir ao banheiro, eu não ia, tinha medo pois havia uma falácia disseminada entre os alunos que quando a gente entrava e fechava a porta aparecia uma menina morta com algodão no nariz e pedia para retirar, sei lá de onde inventaram isso, mas bastava para eu e os colegas não irmos ao banheiro.

A vida começou a ficar difícil novamente, pois o salário de aposentadoria recebido pela mãe era pouco para dar conta do sustento da casa, tinha que pagar água, luz, comprar os alimentos e o dinheiro não era suficiente. Então, como minha mãe gostava de plantar, todos os terrenos vazios que existiam próximos da nossa casa, ela plantava mandioca, milho, batata doce, cultivava horta e era disso que nos alimentávamos, principalmente quando estava próximo do fim do mês que a comida acabava e a mãe não tinha o que colocar na panela para cozinhar. No bairro São Cristóvão existia um posto de saúde, onde eram distribuídos pacotes de leite de soja,

também um pãozinho. A mãe buscava para nós, ajudava bastante nos dias de fome. Aqueles irmãos que tinham feito a cabeça da mãe para retornar, trabalhavam, tinham salários, mas não contribuía financeiramente, tinham a sua família, ao contrário sempre que podiam pediam a ela o pouco que tinha, minha mãe por, diversas vezes, chorava e dizia estar arrependida de ter voltado. Aquele irmão que me tratava de modo estranho, era solteiro e trabalhava em uma empresa que o levava para outros estados, retornava só de vez em quando para casa, mas, quando vinha, era muito ruim para nós. Fui abusada sexualmente por ele por diversas vezes, mas nunca pude contar para ninguém pois apanhava muito e era ameaçada, as lembranças que tenho o modo como eu era tratada, tais ações eram estendidas ao meu irmão mais novo também. Esse irmão (mais novo) teve uma vida totalmente dependente da minha mãe, nunca casou, não constituiu família e aparentemente tem alguns problemas cognitivos. Há um tempo tive coragem e perguntei a ele se lembrava de algum abuso sofrido na infância, respondeu que não lembra. Então procuro não pensar nisso até por que não posso voltar ao passado e fazer algo.

No ano de 1989, mudamos de bairro, fui matriculada na escola Municipal Nossa Senhora da Salete, no bairro Brasmadeira, onde cursei a 3ª e a 4ª série. Nesta última série, modifiquei no registro de nascimento uma letra do meu nome. Os colegas tiravam muita graça de mim e eu não gostava nada daquilo. Existia um medicamento para matar piolhos nominado Neocid, quase todas as pessoas que tinham pediculose faziam uso, e os colegas associavam ao meu nome e me chamavam de nercid. Na tentativa de me ver livre daquela situação incomoda, certo dia peguei meu registro de nascimento e apaguei a barriguinha da letra R, puxei um risquinho e fiz virar a letra L, passando a ter o nome Nelci, considerava que essa atitude iria fazer uma grande diferença, não fez, continuaram a me chamar de NERCID. No ano de 1991, a mãe me matriculou no Colégio Estadual do Brasmadeira, funcionava no mesmo prédio a escola que atendia o município e o estado. No ato da matrícula, a secretaria não notou a alteração das letras, no registro de nascimento adulterado e nas listas de chamada dos professores constava Nelci, assim passei a ser chamada pelos professores, que até corrigiam os colegas que ainda insistiam em me chamar de Nerci, posteriormente quando fiz os demais documentos (RG, CPF) ninguém percebeu nada da troca das letras, a vida seguiu e para sempre me livre do nome Nerci. Estudei nesse colégio por 2 anos consecutivos, quando ia cursar a 7ª série me envolvi em um conflito no qual agredi fisicamente uma colega. Sabia que a punição pelo que havia feito eram

três dias de suspensão da instituição escolar, então me suspendi, fiquei os três dias afastada da escola, ao retornar tive que ir até a sala da direção, quando levei uma bronca da diretora, a professora Loni Reginatto que me advertiu dizendo que eu não podia ter me suspenso sozinho. Iria permanecer expulsa por mais uma semana, para aprender, assim desisti dos estudos nesse ano letivo.

Na casa da mãe minha vida era horrível, apanhava de dois irmãos mais velhos, por qualquer motivo, o primeiro devido fazer uso de bebidas alcoólicas e ser esquizofrênico, chegava em casa e quebrava tudo o que via pela frente, inclusive a mãe e o meu irmão mais novo. O segundo era o que cometia os abusos, que também fazia uso de bebidas alcoólicas e agora eu era uma adolescente, parecia que ele tinha ciúmes de mim, queria eu para ele, inventava coisas a meu respeito para a mãe e ela acreditava. As justificativas que ele dava para ela era que eu ia me perder arrumando namorados, então precisava me educar nesse sentido, sempre que tinha oportunidade me espancava. Esse homem “meu irmão” no ano de 1993, já tinha arrumado uma esposa, mas mesmo assim não me deixava em paz, nesse momento da minha vida eu tinha me tornado uma pessoa agressiva. Aliás os dois irmãos tinham constituído família, mas ainda moravam na casa da mãe. Eu estava decidida a dar um rumo para a minha vida, me matriculei na escola no período noturno e arrumei um emprego na casa de uma família durante o dia, aparecia em casa após o término da aula, assim não ficava por casa e tinha um pouco de sossego.

Certo dia, na escola arrumei um namorado e o levei em casa e apresentei para a mãe, que estipulou algumas normas para que o namoro pudesse acontecer. No mês de junho iria ocorrer uma festa junina, no salão da igreja católica do bairro, o rapaz me convidou para irmos na festa, quando fomos pedir a autorização da mãe, a mesma autorizou e estipulou um horário para que eu retornasse para casa, nesse momento chega o irmão que diz: a mãe deixou você ir, mas eu não deixo, e começou a me espancar, eu sabia o porquê, minha mãe e a esposa dele que presenciavam o conflito não. Nesse momento, eu pedi ao namorado que fosse embora e que depois conversaria com o mesmo, ele foi, me deixou ali em meio aquela situação que pra mim não era novidade, mas ele ficou espantado, horrorizado. Nesta noite, do jeito que eu estava, com minhas roupas rasgadas, sem um calçado nos pés, falei para a mãe que iria embora de casa e nunca mais voltaria. E, assim fiz, fui pedir abrigo na casa desse rapaz, que juntamente com sua mãe me acolheram, relatei os fatos para eles o que acontecia comigo, da violência que eu, a mãe e meu irmão sofríamos, mas não

falei dos abusos. Foi quando eles disseram que eu poderia ficar na casa com os dois até resolver minha situação. Passados três dias retornei para casa a fim de conversar com minha mãe, saber como ela estava e também pegar alguns pertences. Expliquei para a mãe que eu não poderia mais ficar ali, que iria embora por que seria melhor, ela compreendeu e me deu sua benção. Retornei para a casa do namorado, sua mãe se chamava Olinda e ele Valmor, eu gostava desse rapaz, passei a ser a esposa dele. Arrumei outro emprego, então trabalhava para me sustentar era responsável pela minha vida, no ano de 1994 me matriculei no Colégio Estadual E. E. Pereira, onde concluí a 7ª série tinha 15 anos de idade quando passei por estas situações. Novamente o destino me conduziu ao estado de Rondônia, o namorado tinha familiares que moravam lá e queria tentar a vida. Eu fui junto, lá pude concluir a 8ª série no ano de 1995, na EPSGs Bernardo Guimarães, estudava a noite e consegui um trabalho durante o dia.

Sempre gostei de estudar, na medida do possível, era dedicada, pois tinha que dividir a vida entre o trabalho, estudo e a família que havia constituído. A Olinda durante o período que vivi em sua casa, antes de ir para Rondônia, era uma pessoa muito boa pra mim, sempre aconselhava a estudar, trabalhar e ser independente, eu procurava seguir os seus conselhos que ainda entre os mesmos vinha a orientação para não ter filhos, ela mesma comprava anticoncepcional e me dava.

Os anos de 1996, 1997, 1998, eu já estava de volta a Cascavel, e cursei meu ensino Médio no Colégio Estadual Marilis F. Pirotelli, tive excelentes professores nesse lugar, amava as aulas de literatura e língua portuguesa, lembro muito bem das professoras Marlene e Inês que lecionavam nestas áreas. Eu me maravilhava com a literatura, vivia tentando escrever algumas poesias e pensava até em escrever um livro. Lembro que li a obra *O quinze* da escritora Rachel de Queiroz remetia meu pensamento a quando vivia em Rondônia. Eu estudava no período da manhã e no período da tarde fazia as unhas das vizinhas que me pagavam uns trocados, diziam que meu trabalho era muito bom. Então uma delas me indicou em um salão de beleza e passei a ter um emprego fixo. Nessa época eu morava novamente com a Olinda, que exercia a função de zeladora no município de Cascavel na área da saúde, então me orientava a fazer um concurso público para ser auxiliar de dentista. Me inscrevi num concurso que achava que tinha sido para exercer essa função, porém não foi, me inscrevi errado, sem perceber. Nunca notei nada até ser convocada ao ir assumir a vaga fui parar em uma creche, o cargo era monitor o que me deixou muito revoltada

devido não gostar de crianças. Mas assumi com a reflexão que esse trabalho seria temporário até conseguir outro. Então transferi os estudos para o período da noite para conseguir concluir os estudos, no salão eu ia trabalhar somente nos sábados. Terminei o segundo grau e parei de estudar, só trabalhava, agora era mãe, por esses motivos acreditava que nunca mais iria conseguir retornar aos estudos. Uma triste realidade que muitos jovens pobres vivem no país, ter que optar entre estudar ou trabalhar para sobreviver e abandonar os estudos, pois o que prevalece é a luta pela sobrevivência. Mesmo tendo saído da casa da mãe, eu nunca deixei de ir ajudar com o que podia, e principalmente defende-la da violência que os filhos cometiam contra ela. Fiquei gigante, sempre que ficava sabendo de qualquer ação violenta que tinham realizado para minha mãe, me dirigia até a casa dela e enfrentava os irmãos.

Nesta época, havia uma senhora, professora que visitava a casa da Olinda, chamada Irma, me dava o maior apoio para ser professora e eu dizia a ela que nunca conseguiria e que também não queria ser. Eu vivia num período de revolta, pois o casamento não estava dando certo, o rapaz que era bom e querido, passou a beber virou alcoólatra, tinha comigo exatamente as mesmas atitudes que meus irmãos, chegava em casa bêbado e me agredia, não cumpria mais com as responsabilidades referentes ao sustento da casa, tudo ficava sob minha responsabilidade. A vida estava novamente um caos, houve um dia que o pai da minha filha, o Valmor, após uma briga feia me disse coisas terríveis, bem como eu também disse a ele e as agressões foram recíprocas.

Procurei minha única irmã e minha mãe para conversar e dizer que não aguentava mais aquela vida, quando fui aconselhada a separar do homem antes que um matasse o outro, eu não tinha mais paciência alguma com aquele sujeito. Minha filha Raphaela ia completar dois anos de idade, eu tinha 23, decidi sair da casa que um dia me acolheu e foi meu lar por oito anos. Procurei um lugar para morar, quando encontrei abrigo na casa de uma prima que também havia se separado do marido e passamos a dividir as despesas, pagava um valor de aluguel para ela.

Eu trabalhava na creche o dia todo, depois do horário e aos sábados, fazia bicos em outro salão de beleza como manicure e massagista. Os cuidados com a minha filha eram divididos entre eu, a minha irmã, e a Olinda que me ajudavam. Consegui comprar um terreno financiado em doze anos, pagava parcelado, por isso, precisava trabalhar bastante para conseguir honrar com o compromisso. No final do ano de 2001, ao receber meu décimo terceiro salário, consegui comprar uma casa de

madeira e construir nesse terreno, recebi ajuda da minha irmã, do meu cunhado e de um senhor carpinteiro chamado seu Rude, cunhado do meu cunhado. Essa casa ficou pronta em tempo recorde, tinha que parar de pagar aluguel para a prima pois não iria dar conta de pagar o terreno e ainda as despesas que eram minha responsabilidade. Morando ao lado da casa de minha prima tinha um rapaz muito querido e prestativo, me ajudava a limpar o terreno e ainda auxiliou na construção da casa, éramos vizinhos, depois amigos, namoramos e nos casamos.

No ano de 2002, me inscrevi e prestei o vestibular letras português-inglês ofertado pela Unioeste, na época muito concorrido, não tive chances, fiquei triste, mas fazer o que?

Eu trabalhava na creche, como dito anteriormente, o cargo era de monitora, nesta época a Secretaria do município que administrava as creches era a Secretaria de Ação Social, que logo iria transferir a responsabilidade da oferta e atendimento para a Secretaria Municipal de Educação. No início desse sistema de transição a orientação emanada da SEMED foi que para continuar no trabalho o servidor teria que ter como requisito no mínimo o magistério ou a formação em pedagogia. Eu não tinha nenhum dos dois requisitos, se tivesse escutado a Irma agora estaria em situação melhor pensava eu. Nessa época, houve um movimento e as pessoas preocupadas com a situação começaram a buscar meios para qualificar-se. Era comum as instituições particulares de ensino conveniarem-se com a prefeitura e fazerem propostas de descontos nas mensalidades, ou desconto em folha, sindicato enfim. Em meio a tudo isso, surgiu uma oferta de ensino pela Vizivale em um curso a distância denominado Normal Superior, que supriria a demanda que a SEMED necessitava e que, acima de tudo, tinha o valor da mensalidade acessível eu iria conseguir pagar. Me inscrevi, me matriculei, estava muito contente por estar aprendendo. Nas noites dos encontros presenciais assistia as aulas que eram gravadas e passadas em uma televisão, ia até o polo de ensino que ficava no bairro Faculdade para assistir com a turma. Tinha noites que levava a minha filha comigo, ela tinha entre 2 e 3 anos de idade, adormecia em meu colo, as aulas acabavam em torno das 22 horas, então pegava um ônibus e retornava para casa.

No decorrer desse curso escutava boatos que o mesmo não teria validade pois não era reconhecido pelo MEC. Eu tinha medo de investir o que não podia e então o que fazer desistir, continuar? Pensei bem e parei de pagar as mensalidades pois mesmo pagando um valor menor do que o cobrado por outras instituições, o salário

que ganhava não era suficiente para manter eu e minha filha e ajudar no sustento da casa passávamos dificuldade financeira. Não parei de frequentar as aulas e realizar as atividades que eram solicitadas assim concluí o curso, não pensava no diploma pois era ciente que como não pagava sabia que não teria direito, eu tinha muito interesse no conhecimento. Mesmo não realizando o pagamento, não fui excluída do processo e coleí grau com os demais colegas, claro que o conhecimento apropriado valeu, diploma e reconhecimento do curso não ocorreram mesmo, os boatos se confirmaram. Nesse momento tinha mudado de ideia, diferentemente do pensamento que tinha no passado, agora eu queria ser professora, mas não tinha condições financeiras para pagar a mensalidade em uma universidade/faculdade particular e não tentava vestibular na pública, não acreditava em mim, as pessoas diziam que era muito difícil entrar. Essa fala eu escutava das minhas clientes que eram colegas de trabalho no CEI,(Centro de Educação Infantil), posteriormente CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), que tinham condição financeira melhor que a minha, logo estavam encaminhadas na graduação ou no magistério e que me procuravam para lhes fazer o trabalho de manicure, trabalho esse executava no tempo livre, uma paixão que aprendi sozinha e a prática constante me levou a entregar um resultado de excelência a quem me procurava.

Em 2007, houve um movimento de transferência dos servidores que encontravam-se trabalhando nos CMEIS e que ainda não tinham a qualificação exigida pela SEMED. Nesse contexto fui transferida da Secretária Municipal de Educação para a Secretaria de Ação Social, que disponibilizava vagas em diversas áreas como abrigos de (meninos, meninas e mulheres), casa POP, resgate de pessoas de rua, oficinas para idosos entre outros espaços, escolhi e fui trabalhar no abrigo para meninas. O abrigo também era denominado pelas adolescentes como “casa de passagem”, devido ao serem resgatadas e permanecerem ali, provisoriamente, até que a sua situação fosse resolvida. Iriam para uma família acolhedora, adoção, fuga e retorno às ruas, ou ainda retorno às próprias famílias. Desempenhei a função de educadora social do ano 2007 a 2009, trabalhava no período noturno em escala de 12X36, no turno erámos em duas educadoras. O abrigo tinha capacidade para acolher em torno de 16 adolescentes, era um sobrado de edificação comum que o município alugava, preferencialmente em local discreto devido a situação de algumas meninas que eram acolhidas e tinham envolvimento com o mundo do crime (tráfico de drogas, acertos) pois precisava manter a segurança

das demais abrigadas, também dos profissionais que atuavam no ambiente. Além das educadoras a casa contava com uma equipe multiprofissional composta por assistente social, psicóloga, coordenadoras, vigia e motorista. O trabalho desenvolvido nesse ambiente não era fácil, o labor era acompanhado de muito stress, tinha que ter muita calma, paciência e versatilidade devido a clientela atendida. A “casa” como era tratado o espaço físico, ora estava tranquila, ora agitada, dependia de quem estava abrigada. Tinha noites que estava com o limite máximo de acolhidas e estava tudo tranquilo. No próximo plantão tudo estava diferente, algumas meninas tinham fugido, outras ido para a família acolhedora e a agitação enorme. A dinâmica mudava constantemente. Algumas meninas não aceitavam a permanência de outras, pois tinham desavenças por diversos motivos entre eles namorados, o tráfico de drogas que uma pegava o ponto da outra, a prostituição, onde as meninas que tinham idade próxima aos dezoito anos aliciavam as mais novas entre outros problemas. Tudo recaía sob as educadoras que tinham que separar conflitos, correndo o risco de serem agredidas e até mortas. Havia educadoras com diversos perfis, as “boazinhas”, eram as que procuravam compreender a história de vida e os problemas da adolescente e depois tentar orientar por meio do amor, carinho e respeito. Tinha as “ruins” que davam castigos para as meninas quando consideravam alguma atitude errada por parte da adolescente. Por exemplo quando a adolescente era abrigada em horário que aquela educadora não concordava, como punição desligava a energia para que a menina tomasse banho na água gelada na época do inverno. Vi e acompanhei diversas situações que ao meu modo de compreender não serviam para educar um sujeito e sim para revoltá-lo. Minha companheira de plantão era uma senhora chamada Zilda; humana sabia como ninguém receber as meninas, eu aprendi muito da função e da vida com essa mulher. Quando necessitava trocar de companheira de plantão percebia como era o trabalho das outras, certa vez, uma educadora disse palavras que humilharam uma garota, a mesma não pensou duas vezes e agarrou a mesma pelos cabelos queria jogá-la escada abaixo, a mulher foi salva pela outra educadora e por outras abrigadas. Muitas são as lembranças, teve uma menina chamada Evelyn, tinha treze anos de idade, constantemente era abrigada, durante a semana permanecia na casa e no final de semana fugia para ir traficar drogas em posto de combustível.

Certo dia desapareceu, ficamos um tempo sem ter notícias, quando tivemos, seu corpo estava no IML, a coordenadora teve que ir reconhecer, pois tinha sido encontrada nas proximidades do Ceasa. Um lavrador foi trabalhar na terra e ao passar

o trator descobriu os braços, desceu do veículo e foi verificar de perto, quando percebeu tratar-se de um corpo humano. Chamou a polícia que recolheu.

Era comum a visita da coordenadora ao IML quando alguma adolescente desaparecia. Na época, o juiz da vara da infância e juventude solicitava tal ação. Muitas meninas que passavam pela casa, tinham sido vítimas de abuso sexual e violência física por parte dos pais ou padrastos, tinha vez que a menor era acolhida gestante. Eu lembrava do que tinha acontecido comigo na infância e início da adolescência pensava e agradecia por não ter ficado grávida como aquelas meninas ficaram, pensava no trabalho que desenvolvia com as mesmas, que este devia ser pautado no respeito conforme a Zilda me explicava.

Em uma noite, no abrigo de meninos, um educador foi morto a tiros por um adolescente de treze anos, diziam que ele (o educador) era ruim, tinha atitudes desnecessárias e não respeitava os meninos. Todas essas situações e outras que não é possível relatar aqui, pois dariam um livro, faziam-me refletir sobre a minha vida profissional e pessoal.

Em meio a essa vivência, perdi minha mãe, ela foi diagnosticada com um câncer no pulmão, sofreu intensamente durante dois meses, o sofrimento foi longo, mas o tempo em relação a outras pessoas foi relativamente rápido, sofri muito pois minha mãe era um excelente ser humano, uma das únicas pessoas que eu realmente senti que me amou sem que carregássemos nas veias o mesmo sangue. Foi um ser bom, o seu exemplo de força, persistência e honestidade ficaram marcados em minha memória, guardei seus ensinamentos e tento colocar em prática. Uma mulher analfabeta, sua assinatura era o carimbo do seu dedo polegar no papel, quando estávamos juntas e ela ia assinar documentos, mostrava o dedo sujo de tinta e dizia que eu precisava estudar para não ser como ela.

No ano de 2008, no mês de março fui mãe pela segunda vez, eu tinha 31 anos de idade, tive minha querida filha Fernanda, ela nasceu em uma fase da vida repleta de tristeza pela recente perda da mãe, a chegada da criança amenizou um pouco aquela dor e solidão que eu sentia. No mês de agosto do mesmo ano de nascimento da filha, faleceu minha irmã, um acontecimento que novamente me entristeceu, perdi as duas pessoas que me ajudavam, meu porto seguro que realmente eu sabia que nos amávamos e que existia carinho entre nós.

No início do ano de 2009, o pai da minha primeira filha, levou a mesma para ir ver a vó Olinda em Rondônia e não a trouxe mais para Cascavel, a intenção era me

afastar da Raphaela, visto que no pensamento dele como eu tive outra filha, poderia ficar com a menina sozinho. Na verdade, morar ele, a criança e a vó Olinda. Aguardei a saudade até o mês de maio, quando não suportava mais a ausência da minha filha, fui até a prefeitura solicitei férias, licença prêmio, não fui atendida, por fim pedi a exoneração do município. Única forma que encontrei para ir ver a menina, chegando lá disposta a trazer comigo, mas influenciada por falas que trocar a criança de escola naquela época do ano atrapalharia o ano escolar dela, que iria prejudicá-la e que no final do ano o pai a levaria de volta para o Paraná. Permaneci em Rolim de Moura por dois meses, arrumei um trabalho em um salão de beleza a vó Olinda cuidava da Fernanda para que eu pudesse trabalhar e ao término desse período retornei à Cascavel, onde meu esposo tinha ficado.

Então, aluguei um pequeno espaço e ampliei o atendimento de manicure, tinha muitas clientes, pois o trabalho era bom, uma pessoa indicava para a outra, fiz também cursos de cabeleireira e outras funções inerentes a um salão de beleza. Assim ia sobrevivendo, até que um dia durante um atendimento uma cliente fez sentir me humilhada e também desafiada. Essa pessoa hoje é falecida, que Deus a tenha, tínhamos sido colegas de trabalho no CMEI. Ela, ao contrário de mim, conseguiu estudar se formar no curso de pedagogia, passar no concurso do município para professora, trabalhava dois padrões na escola e com orgulho relatava seu percurso, sofrimento, conquistas e mesmo suas intenções futuras de se tornar diretora de uma escola. Durante a narração, comparava sua história com a minha e finalizou dizendo que eu iria ficar a vida inteira “lixando pés” dos outros. Na sociedade, infelizmente, para alguns sujeitos, o trabalho que as outras pessoas desempenham não tem valor, era o que essa pessoa achava do meu labor e pensava sobre mim por mais que o meu trabalho estava a serviço dela.

Eu acreditava e acredito que o tipo de trabalho executado e o conhecimento que alguém tem, não pode servir de meio para humilhar a condição social do outro, as pessoas, ao escolherem e executarem trabalhos diferentes, está ligado a motivações pessoais. Enquanto sujeito trabalhador pertence à classe trabalhadora, se teve a oportunidade de adquirir conhecimento e o mesmo não faz diferença em sua forma de refletir, foi em vão.

Como essa situação me desafiou, fiquei pensativa e decidida a voltar a estudar e dar minha contribuição na formação de novos sujeitos que pensassem assim como eu pensava e penso. Poderia muito bem trabalhar o dia todo e estudar a noite como

sempre fiz, o problema financeiro sempre havia de existir, mas se apertasse um pouco, eu conseguiria. Foi quando a faculdade Univel - União Educacional de Cascavel abriu no ano de 2011, o curso de Licenciatura em Artes. Me informei sobre o curso como seria o processo de seleção para conseguir a vaga. Era necessário ter o histórico do ensino médio e escrever uma redação, cumpri o protocolo e fui aprovada. Ao iniciar o curso, descobri que poderia trabalhar nas escolas municipais como estagiária nos laboratórios. Não pensei duas vezes, pois articulei assim: o dinheiro que receberia pelo estágio dava certinho para pagar a mensalidade, logo não corria o risco de desistir do estudo por não poder pagar, também trabalhava seis horas diárias, realizadas das 7:30 as 13:30 horas, então sobrava tempo para atender as clientes e ir para a faculdade no período noturno, tudo se encaixava. Estudar ARTES quem diria? Às vezes, ao retornar para casa, dentro do ônibus, me pegava pensando com os botões, como diz o ditado. Eu gostava muito dos conhecimentos discutidos durante as aulas. Nesse ano fiz a prova do ENEM para concorrer a alguma bolsa de estudo ofertada pelo PROUNI.

Deu tudo certo, após o processo fui contemplada na faculdade com uma bolsa de 50 por cento do valor da mensalidade, fiquei contente e agradei a Deus. No mesmo ano, recebi na escola que trabalhava, Aníbal Lopes, a informação que, quem atuava na educação como estagiário ou professor, poderia enviar a documentação solicitada em edital para a Secretaria de Estado da Educação SEED para fazer uma complementação e resolver aquela situação Vizivale, já mencionada. Organizei a documentação conforme a solicitação e enviei. A complementação da grade curricular do curso Normal Superior seria ofertada por uma das instituições listadas a seguir: Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Alguns dias depois recebi a notícia que meu Polo de estudo seria no município de Guaraniaçu, pela UNICENTRO. Então, eu lutava para conseguir dar conta das duas oportunidades estudava as noites na Univel no curso de Artes, quando chegava em casa, realizava as atividades da Unicentro, pois durante o dia, trabalhava no salão. Em meio a essa situação meu irmão mais velho ficou doente e eu o trouxe para minha casa para cuidar do mesmo. Ele nunca havia tido uma companheira, não teve filhos e sempre morou com a mãe, além do mais era cadeirante e quando ficava doente enfraquecia e não conseguia se alimentar, cuidar da sua higiene e do espaço que vivia sozinho.

Ainda, uma noite, eu estava na faculdade, quando recebi uma ligação do meu esposo que pediu para eu adivinhar quem estava em casa, nos visitando, eu não imaginei, quando ele disse que era o meu segundo irmão mais velho. Este irmão sempre foi ausente, vivia pelo mundo, nem quando a mãe faleceu ele estava por perto, na verdade nem sabia do seu falecimento, soube quando retornou. Pois bem, cheguei da faculdade, era tarde da noite, por volta das 23 horas.

No dia seguinte tinha uma prova marcada no Polo de estudo no município de Guaraniaçu, referente aquela complementação de Pedagogia Vizivali/Unicentro, citado anteriormente. Acordei, levantei bem cedo, expliquei para o irmão que ao retornar à noite conversaríamos e ele concordou. Mas, ao retornar no fim da tarde, tive que ir para o salão atender uma cliente e cheguei em casa em torno das 22h e 30m, meu irmão já estava dormindo.

Não pude novamente conversar com ele, era umas seis horas da manhã, o irmão Matias, que era deficiente, me chamou e pediu que eu fosse dar uma olhada no Isaias, aquele que estava nos visitando, que ele achava que o mesmo não estava bem, pois de madrugada havia percebido um gemido estranho, dele. Foi, então, que fui olhar e constatei que o mesmo estava com a cor alterada para muito preta e não respirava, chamei o SAMU, que veio prestar o atendimento, o médico disse que ele estava em óbito há pelo menos seis horas, pois o corpo, apesar de estar com temperatura, já estava enrijecido. Após as orientações do médico que ligou e avisou a Acesc, fiz os trâmites necessários e sepultei meu irmão.

Em relação aos estudos não foi fácil, mas consegui concluir os dois propósitos. Os acontecimentos relatados me fizeram desfocar um pouco da saudade que sentia da minha filha mais velha, já não falava mais com ela, pois o pai inventava coisas a meu respeito e inculcava na cabeça da menina. Fui até o fórum na Vara da Infância e Juventude, no Conselho Tutelar, e também conversei com um advogado a fim de receber orientações sobre minha situação com a filha Raphaela, recebi orientações para ir até Rondônia e trazer a menina e ao chegar em Cascavel, fazer um documento de guarda, pois nem eu, nem o pai dela tínhamos, de modo formal. Para solicitar a guarda, o genitor que quisesse entrar com o processo deveria residir na mesma cidade que o filho(a). Então, articulei tudo, consegui com um médico um atestado de uma semana para o meu esposo apresentar em seu trabalho, para que fosse comigo, pois devido à distância eu não daria conta de ir dirigindo sozinha. Também, conversei com

meu irmão cadeirante, se ele aguentava uma viagem comigo, quando ele disse que sim.

Em um dia de sábado, por volta das cinco horas da manhã, eu, meu marido, meu irmão e minha filha Fernanda saímos com destino à Rondônia. Foi uma viagem feita em tempo recorde, no domingo à noite estávamos lá. Na segunda-feira, apareci de surpresa na casa da vó Olinda, pois eu tinha dado um jeito de saber se havia algum momento que a menina ficava sozinha, cheguei, bati palmas, ela abriu a porta e gritou: “mãe!” Eu perguntei: você quer ir embora com a mãe? Ela respondeu que sim, então falei para ela pegar, rapidamente alguns pertences, os mais necessários, ela pegou e voltamos para o Paraná. Enquanto retornávamos o pai dela ligou para saber onde ela estava, ela disse que estava com a mãe, o pai ficou enlouquecido, disse que chamaria a polícia, eu disse: “deixa que chame”, pois eu estava orientada sobre o que estava fazendo e sabia que a polícia nada poderia fazer. Trouxe minha filha, chegando em Cascavel imediatamente, fiz um pedido de guarda e tudo se resolveu.

Voltando a relatar sobre os irmãos, lembra daquele que relatei que era alcoólatra e era esquizofrênico, nesse período da vida eu tinha até um documento de curatela dele, era totalmente responsável pelo cuidado do mesmo. Meu Deus, que sofrimento, era muito complicado cuidar de mais um irmão, todo problemático, mas venci mais esta batalha, o ajudava no que eu podia, acompanhava em internamentos, buscava nas ruas quando me avisavam que ele estava em situação de risco, pois esse irmão devido aos problemas que teve no decorrer de sua vida, tornou se morador de rua.

Em 2015, ele teve problemas de saúde, foi internado e não resistiu e faleceu.

Em relação aos estudos ingressei em uma pós-graduação ofertada pela Unicentro denominada Pedagogia Social, onde o estudo era focado para grupos sociais (educação hospitalar, educação de jovens adultos e idosos, educação de pessoas em situação de rua).

No ano de 2016, o meu irmão mais velho, que era cadeirante ficou doente, passei a cuidar dele, mais intensamente, foi descoberto pela medicina que ele estava com câncer no esôfago, entre ele sentir sua primeira dor e falecer demorou dois meses, perdi mais um irmão.

Quando comecei a escrever este memorial relatei que a minha mãe Anália tinha seis filhos biológicos e a adoção de um filho neto e eu, totalizando oito filhos.

Bem, nesse momento, somos em três, eu meu irmão mais novo (o filho neto) que mora comigo, ainda não constituiu família, e o irmão abusador, foi o que restou.

Posterior ao falecimento do meu irmão mais velho, o Matias, fiz outra Pós-graduação também pela Unicentro em Gestão Escolar e prestei um concurso para professor no município de Cascavel, fui aprovada e assumi um padrão de quatro horas de trabalho. Fui lotada na escola M. Nossa Senhora da Salete, aquela escola que estudei quando criança e mudei meu nome. Lembra? Durante o desenvolvimento do meu trabalho, na escola, novamente me senti desafiada e acreditando necessitar buscar por conhecimento, resolvi procurar no site da Unioeste, as ofertas de Pós-graduação em nível de mestrado. Pesquisei na área de Educação e na área de Letras, a área da Educação não me atraiu, mas a de Letras, sim, nossa me arrepiei e a partir de então busquei informações, primeiro sobre ser aluno especial, pois as pessoas diziam que quem não fez a graduação na instituição não tem vez. Me matriculei na disciplina de Literatura Comparada, conheci 3 professores que me impressionaram com o modo de mediar a transmissão do conhecimento fiquei encantada com seus ensinamentos, pensei é isso que eu quero.

No final do ano de 2022, participei do processo de seleção regular para ingresso no mestrado e fui aprovada, cá estou. Entrei e sei que sairei, não tenho mais medo, estou indo pra cima do conhecimento. Se tudo der certo quero participar da seleção do Doutorado, pois o conhecimento que almejo é constante, estar entre os intelectuais é muito bom como disse uma professora admirável que passou em minha vida durante a graduação de Artes.

Estou casada, com o rapaz que era meu vizinho, há 22 anos, é uma pessoa companheira, tudo o que relatei, ele passou comigo e nunca reclamou, me apoia para estudar. Minhas filhas são queridas, educadas, dizem que sou um exemplo para elas, fico feliz, pois penso que serão, então, pessoas fortes.

Gosto de estudar, dançar *flasback* e dança do ventre em grupos que participo das oficinas de dança. Cantar no coral da Globoaves, com os colegas que lá participam sob a regência do maestro Wilson Cavalli, destas atividades, a dança e o coral, estou um pouco afastada devido aos estudos. Adoro uma cerveja e gosto de animais. No momento, tenho 3 cachorros adotados da rua e 3 gatos, já tive outros, mas já foram para o céu dos animais, tenho duas calopsitas.

Vejo a vida como uma passagem, onde o tempo de estadia nela deve ocorrer dá melhor forma possível, em paz, com alegria e regado de sentimentos bons, Sou

grata a Deus pela vida de cada pessoa que passou e passa pela minha, até, de quem me fez ou desejou-me o mal, pois tudo é aprendizagem e amadurecimento, mesmo que seja às custas do estranhamento e dor. Recorro aqui a Conceição Evaristo na apresentação de *Becos da Memória* (2018, p. 5) - “[...] a essas e a outras pessoas que foram surgindo ao longo da trajetória do livro renovo meus agradecimentos”.

Durante a trajetória de escrita da primeira parte desta dissertação, estiveram, em memória, comigo: (i) a mulher que me trouxe ao mundo, que de dentro de sua dor me gestou, cuja ausência física, não se apagou, sem deixar em meu corpo e em minhas memórias, recrudescido silêncio. Tudo que sei dela cabe em uma breve narrativa, a mim contada pela mulher que me criou e me amou. (ii) As memórias de D. Anália e a saga desta mulher para criar os filhos, após sua viúves. D. Anália sem instrução escolar, mas, muito sábia, nunca deixou de fazer minha matrícula escolar, onde quer que estivéssemos. Mulher pobre, sem posses, sem casa própria, indo e voltando pelos estados do Paraná e Rondônia, sofrendo privações e dores, contudo, resistiu o quanto pode. Teve uma velhice de sofrimento, vítima de machismo dos próprios filhos. (iii) Memórias de D. Emília, mãe de D. Anália, avisando a filha sobre o nascimento do bebê a ser adotado. (iv) Memórias de Rute, a parteira, primeiras mãos a me receberem neste mundo, única mulher a conhecer minha mãe. (v) Memórias de uma irmã, que ao partir, em busca de trabalho, entrega o filho à sua mãe, que o registra em seu nome. (vi) Memórias de D. Olinda, vó Olinda, mulher, também, forte pois entendeu o medo e o sofrimento daquela jovem menina que fugiu do agressor, buscando refúgio em sua casa. Vó Olinda e sua sororidade ao se preocupar para que esta menina não engravidasse cedo, deixando de estudar. Vó que cuidou da filha Raphaela tirada a contragosto de perto da mãe. (vii) Memórias de Rapha, vivendo a história da mãe e sua busca. (viii) Memórias de uma prima, compartilhando o pequeno espaço de moradia. (ix) Minhas memórias revividas com Raphaela, Fernanda e meu companheiro.

Estas memórias constituem o sujeito mulher que me tornei. Não, inteira, certamente, mas, empoderada pela vida, pois a considerar o nascimento de uma criança, que corria risco de morte - estou quase completando 46 anos de idade. Tenho vivido bem. GRATIDÃO!

Neste breve memorial há silêncios motivados por outras passagens que ainda não são possíveis de serem verbalizadas, contudo, a escrita do memorial criou-me a possibilidade de narrar minhas memórias, dores, perdas, afetos, buscas, lutas,

conquistas, escolhas - evocar minha historicidade e a constituição deste sujeito mulher, mãe, educadora da Educação Infantil e pesquisadora da área de Letras.

Por Nelci

PARTE 2

—

PENSAMENTO CRÍTICO DE AUTORIA NEGRA E RELAÇÕES COM O LITERÁRIO

— *Um conto para quem?*
 — *Um conto para todos! — gritaram os que estavam prontos para escutar a vovó contadora de histórias.*
 — *E quem o contou?*
 — *O camaleão! — gritou um menino.*
 — *É verdade. Não existe ninguém que saiba mais histórias que o camaleão. Agora lhes contarei os contos com que ele me presenteou há muito, muito tempo...* (Soler-Pont, 2009, p. 8).

O texto apresentado na seção anterior é minha primeira experiência com a escrita de um memorial, e este gesto de escrita se dá no movimento da leitura orientada pela Profa. Lourdes Kaminski Alves, sobre reflexões em torno do sujeito da escrita de uma dissertação, sobre o sujeito leitor, sobre as escritas de si, aqui alinhadas à leitura de textos literários e ou pictóricos perspectivados pelas escritas de si e por textos de base teórico-crítica sobre o tema.

A escrita das memórias caracteriza-se pelo atravessamento da palavra que elabora a revivência e pela subjetividade do sujeito que escreve, contudo, os fragmentos que ganham vida na escrita são contundentes, são marcas profundas, vestígios do vivido entre silêncios e apagamentos. Por isso, o gesto da escritura é ao mesmo tempo atravessado pelo vivido e pelo imaginado (Alves, 2022, p. 35).

Escrever minhas memórias embaçadas pelo tempo foi um exercício dolorido, mas, também, libertador, no sentido de assumir o meu lugar de fala. Os pesquisadores João Paulo Macedo e Magda Dimenstein (2009, p. 1) refletem sobre a importância de se pensar o exercício da escrita acadêmica como

uma produção que expresse as marcas ética, estética e política que compõem um fazer implicado e posicionado no mundo em que vivemos. Operar por uma marca ética na escrita significa escutar e experimentar a diferença em nós, como elaboramos nossos textos.

Imprimir uma marca estética reside na possibilidade de acionar processos inventivos tanto em termos do pensar quanto do expressar, no ato mesmo em que a produção dessa escrita se realiza, aprofundando as possibilidades de nos relacionarmos ética e politicamente com aquilo que estamos produzindo. Por fim, a marca política se coloca como a possibilidade que temos em nossas atividades de produção acadêmica de imprimir forças que rivalizem com aquelas que tentam manter a ilusória experiência de nós mesmos como uma verdade, negando, portanto, nossas possibilidades de diferenciação e alteridade.

Ao reconhecer-me como um sujeito de resistência e sororidade, a seleção do tema para a pesquisa do mestrado recaiu sobre a literatura de autoria feminina negra. Assim, conheci a obra de Conceição Evaristo.

Leio e releio *Becos da Memória* (2017), sinto que sempre me escapa algo por dizer, pois percebo a imbricação entre memória autobiográfica e memória histórica, sobretudo, tratando-se do racismo estrutural abordado na obra. Halbwachs (1990) distingue a memória autobiográfica e a memória histórica. O passar dos anos, a experiência, o alargamento dos quadros sociais de que vamos fazendo parte, nos vão ajudando a situar as nossas lembranças primeiras dentro do movimento histórico. Nesta seção, o estudo será subsidiado pelo aporte teórico crítico das escritas de si e sobre os estudos da literatura de autoria feminina negra brasileira, contemporânea. Com relação às análises do romance, o interesse volta-se para o conceito de “escrivivência” desenvolvido pela autora. Este conceito se coaduna com os pressupostos das escritas de si e gênero memorialístico, na medida em que a literatura de Conceição Evaristo é uma forma de produção de si, pelas estratégias de memórias, reminiscências e de relações transformadoras. Há uma potência crítica, ética e estética que aflora na construção de personagens e na narratividade neles contidas, aspectos que serão tratados nas próximas seções da dissertação.

O momento da literatura no atual contexto brasileiro é de reivindicação do lugar e da voz feminina negra que o mundo das letras excluiu.

Grande parte da literatura negra brasileira é marcada pelos temas de exclusão racial e violência de gênero, sendo, também em grande parte, narrativas, onde as autoras negras resgatam memórias e reminiscências, por meio das escritas de si. A voz feminina negra sempre existiu, o que deve ser levado em consideração é o grau de silenciamento que lhe foi conferido pela sociedade de mentalidade colonialista, em determinados espaços. Contudo, essas escritas persistiram contando outras

narrativas que a outras foram se agregando, tais como os contos orais africanos, fazendo referência, aqui à epígrafe que abre esta seção da dissertação.

A literatura atual está reivindicando esse espaço, pois ao olhar para o cânone, percebe-se uma lacuna, um vazio que é o da voz feminina negra. Ultrapassar espaços determinados pela sociedade escravocrata ou pelos resquícios do processo de colonização, mentalidade que tradicionalmente colocou a mulher negra como perfeita para ser a mulata prostituta, empregada doméstica, cozinheira, babá, entre outras funções subalternizadas, tem sido o objetivo da literatura negra brasileira.

O contexto da literatura negra brasileira é de reflexão acerca das temáticas abordadas pela escrita de autoria feminina negra que questionam o que foi escrito e o que foi silenciado sobre a mulher negra, pela história oficial.

Sabemos que desde o século XIX é possível encontrar na literatura brasileira, escritos de autoria feminina negra, como é o caso do romance *Ursula* (1859), de Maria Firmina dos Reis. “Seu livro *Úrsula* denuncia a condição das mulheres e do negro na sociedade do século XIX, demonstrando uma nova ótica no tratamento dado à questão de caracterização do africano sequestrado pelos colonizadores, em uma época de teorias de ‘superioridades raciais’ e preconceito” (Rosa, 2021, p. 1). Nesse mesmo intuito, citamos Carolina Maria de Jesus, no século XX, com a obra *Quarto de despejo* (1960). Moradora da favela do Canindé (SP), escreveu suas memórias e definiu a favela como quarto de despejo.

Tanto a literatura de Maria Firmina dos Reis quanto a de Carolina de Jesus não tiveram visibilidade na época da publicação, contudo, na contemporaneidade estão sendo revisitadas, o que é muito importante para a literatura brasileira. A literatura destas autoras representa sujeitos que tiveram suas narrativas ausentes no cânone literário nacional, a ausência da representação contribuiu com o silenciamento e a falsa ideia de democracia racial. Percebe-se, na academia, um lugar que pode auxiliar a dar visibilidade para a autoria feminina negra, inserindo essa produção em pesquisas, teses e dissertações. Nesse sentido, as escritoras negras vêm atraindo mais leitores.

A literatura produzida na contemporaneidade por escritoras como Conceição Evaristo e suas contemporâneas têm o objetivo de provocar, rasurar o cânone literário, tanto que em uma de suas obras, Conceição pontua que “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los dos seus sonos injustos”.

Nota-se que a literatura feminina negra apresenta temas de tonalidade ética e estética, que demonstram outro tempo que não mais se deixará silenciar.

2.1 MEMÓRIAS E ESCRITAS DE SI NA CONSTRUÇÃO DA ESCRIVIVÊNCIA

Ao escrever sobre as escritas de si na contemporaneidade é imprescindível abordar o filósofo, professor, psicólogo e escritor francês Michel Foucault. A produção teórico-crítica do autor é dividida em três partes distintas, segundo estudiosos de sua obra, a exemplo do filósofo brasileiro Roberto Machado (2017). A primeira parte refere-se à fase que o autor denominou de “arqueologia” das ciências humanas; a segunda parte demonstra preocupação com as formas de subjetivação; a terceira, que é a que nos interessa nessa escrita, é chamada de “O cuidado de si”. Em todos os períodos citados acima, as ideias e temas apresentados e discutidos pelo autor são muito diferentes. Nitidamente percebe-se uma mudança de foco, onde o filósofo passa a tentar compreender questões biopolíticas relacionada ao corpo e a relação dos sujeitos com as subjetividades mediante o corpo. A palavra biopolítica está ligada ao controle das populações, para controlar há a necessidade do biopoder que é o poder sobre a vida, de acordo com Foucault (2014).

Nesse sentido é importante saber que as decisões do Estado podem provocar a morte ou a saúde em determinados grupos. O estado é representado por um eu (governo) hegemônico que define o outro e gera políticas de morte sobre definidas coletividades. No Brasil, podemos citar os grupos marginalizados como exemplo (negros, indígenas, população LGBTQIA+, mulheres negras, pobres, analfabetas). Para entender como ocorre a formação das questões biopolíticas na história da humanidade, o pensador recorreu a estudos feitos na Grécia antiga, traçando a genealogia da resistência ao biopoder. Descobriu a utilização das técnicas de si (resistência, meditação, jejum) caracterizada pela existência do cuidado do outro. Em nosso país, a sociedade é composta por uma grande parte da população que apresenta comportamentos extremamente racistas, todos os dias em alguma parte do país, a mídia divulga massacres cometidos com homens e mulheres negros. Assim, uma forma de resistir é escrever, a escrita de si pode ser uma possibilidade de auto cuidado e ao ser compartilhada estende-se o cuidado com o outro.

Para Leonor Arfuch (2010), a autobiografia é mais que um relato objetivo, é, pois, uma construção discursiva, diferindo da biografia, pois na autobiografia encontra-se mais que uma identidade essencialista, uma “identidade narrativa” (Paul Ricoeur), e mais que um olhar afastado do outro ou do eu, é o encontro de muitas vozes, dialogicamente construído (Mikhail Bakhtin). Leonor Arfuch cita Paul Ricoeur (2010, p. 101): “Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. A autora cita Paul Ricoeur com relação à temporalidade e narração, o que propicia um entendimento mais refinado sobre os entrecruzamentos temporais que ocorrem no empreendimento biográfico, o tempo do acontecimento, o tempo da enunciação concorrem para a “formação” de um terceiro tempo, o tempo ficcional que se atualiza pela leitura. Arfuch também considera os estudos de Bakhtin, especificamente, a noção de “vozes narrativas” dentro do relato do biográfico. “Como estabelecer o quem do espaço biográfico? Como aproximar-se desse entrecruzamento das vozes, desses ‘eu’ que imediatamente se desdobra, não só em um ‘tu’ senão também em ‘outros’?” (Arfuch, 2002, p. 95). O “eu” do espaço biográfico encontra-se desta maneira sujeito a ressignificações constantes por “instâncias do auto-reconhecimento”. Arfuch também recorre a Barthes para refletir sobre o espaço biográfico. Lembra do gesto de ruptura de Roland Barthes, no livro *Roland Barthes por Roland Barthes* (2003). Neste livro, Barthes “desarticula as cronologias, mescla as vozes narrativas, desloca o ‘eu’ para a terceira pessoa, desconstrói o efeito de realidade” (Arfuch, 2002, p. 105). Em seu estudo, a autora desloca a possibilidade de identidade entre autor, narrador e personagem principal para um horizonte mais instável, híbrido, onde a medida da identidade é substituída pela de alguma constância, uma unidade psíquica fundada pelo discurso, mas sem nenhuma garantia referencial ou substancialista, ou seja, as escritas de si, sobretudo, a autobiografia não pode ser lida como uma identidade imediata de quem escreve. O “eu” autobiográfico perfaz-se, segundo Arfuch, na oscilação entre a memória (posta sob suspeita já que a memória, por vezes, como no caso da reconstituição da infância, é a memória dos outros) e a mimesis, constituindo um jogo entre os aportes contextuais família, sociedade, cultura, e a reconstituição, recriação ficcional, no sentido da *poiésis* aristotélica.

A construção fabular de *Becos da Memória* (2018) se dá pela ativação de memórias e reminiscências, primeiro as da autora, seguida pelos personagens

fictícios criados e recriados pela mesma, buscando uma parceria entre a escrita, a vivência e a voz ancestral.

Maurice Halbwaches (1990), sociólogo francês criador do conceito de Memória Coletiva, assevera que as lembranças são reconstruídas do passado com dados emprestados do presente. Mas que são significativos para um grupo de sujeitos por fazer parte da história desse grupo e compor a sua identidade. Sobre a natureza coletiva da memória o autor assevera que a memória é trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os "quadros sociais" nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si.

Segundo Halbwachs (1990, p. 25) “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias”.

Para este autor, é impossível uma memória exclusivamente ou estritamente individual, uma vez que as lembranças dos indivíduos são, sempre, construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo. A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas. A memória coletiva, para Halbwachs, desempenha um papel fundamental nos processos históricos. Por um lado, dando vitalidade aos objetos culturais, sublinhando momentos históricos significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais. Por outro, sendo a guardiã dos objetos culturais que atravessam os tempos e que, então, podem vir a se constituir em fontes para a pesquisa histórica.

A concepção de Halbwachs sobre o lugar da memória coletiva nos processos históricos foi assim sintetizada por Cardini (1988):

[...] a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, refunda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido (Halbwachs, 1990, *apud* Cardini, 1988, p.xii).

A memória coletiva situa-se em confluências entre o coletivo e o individual, ou seja, entre a rememoração psíquica, que pertence ao ser individual em si, ou a

rememoração social, que depende dos que ali participaram para a formação desta memória.

Neste sentido, Zilá Bernd esclarece que:

[...] por memória coletiva, entende-se as interações possíveis entre as políticas da memória histórica e social concebida como uma relação de forças que resulta em definições e redefinições do que é considerado como passado e heranças comuns de um dado grupo ou classe social – e as lembranças de fatos vividos em comum ou individualmente (Bernd, 2013, p. 30).

Ainda nesse viés, vale salientar que as narrativas contemporâneas encontram-se permeadas pela presença da primeira pessoa e seu olhar está voltado para outros mundos, principalmente, para o sujeito subalternizado. Assim, nota-se forte presença da memória coletiva nas produções literárias da contemporaneidade.

Diana Klinger, pesquisadora e professora de Teoria da Literatura da Universidade Federal Fluminense, em sua tese de doutorado, explica esse fenômeno com propriedade e observa ainda, a ligação entre a linguagem literária e outras linguagens artísticas. A cerca dessa lógica, propôs em seu estudo, analisar a escrita literária contemporânea comparando-a com uma performance artística.

Segundo Diana Klinger (2007), uma questão que atravessa a literatura hispano-americana é a presença de características autobiográficas nas obras, ela aparece em romances e novelas. Nas tramas, há elementos que apresentam peculiaridades do autor. Entretanto tais peculiaridades são postas de modo que são difíceis de identificar, se são simuladas ou reais. Para compreender essa afirmação, a autora faz uso do termo “autoficção”, devido, este conceito abranger um amplo leque de possibilidades, como por exemplo recortar histórias em fases e possibilitar uma escrita própria da era pós-moderna. Pois de acordo com Klinger:

O fato de muitos romances contemporâneos se voltarem para a própria experiência do autor não parece destoar de uma sociedade marcada pela exaltação do sujeito. Uma sociedade na qual a mídia tem insistido na visibilidade do privado, na especularização da intimidade e na exploração da lógica da celebridade (2007, p.13).

Nessa perspectiva, o conceito de autoficção permite o retorno do autor protagonista e assim possibilita qualquer sujeito a divulgar/expor sua subjetividade por meio de alguma mídia. O que Klinger considera não apenas um reflexo da cultura midiática, mas numa nova forma de constituição dos sujeitos do século XX e aponta que teóricos como Foucault acreditam que é difícil desvincular o autor da sua produção, visto que, ainda que se “mate” o escritor, sua singularidade será percebida na sua ausência. Pois ao dialogar com a obra o receptor preencherá o vazio deixado. O que para a crítica literária é um problema (as lacunas), motivo que a faz considerar gêneros literários fronteiros como marginais e inferiores. Visão esta que tenta destruir a identidade de quem escreve, mas que na atualidade não se consegue devido ao fato de os leitores não estarem convencidos que a ficção seja um apagamento da vida.

Quando, em 2007, Klinger desenvolveu sua pesquisa para concluir seu livro *Escritas de si, escritas do outro*, a mesma acreditava que o conceito de autoficção, conforme abordado acima, dava conta de responder ao paradoxo do narcisismo midiático e a crítica ao sujeito. Porém, após participações em discussões acadêmicas e jornalísticas, percebeu que esse conceito tem amplitude muito abrangente. Assim Klinger acredita que a noção de autoficção se aproxima do conceito de performance, por isso mencionado anteriormente, aspecto este que será melhor compreendido ao longo deste capítulo

O conceito de performance é de origem inglesa, surgiu na Europa e Estados Unidos, na década de 50, é uma modalidade de manifestação artística. Seu objetivo é apresentar uma construção física e mental. O artista se apresenta para um público onde este último interage e dialoga com a obra, assim constroem juntos sentidos e expressividades. A literatura contemporânea e a performance artística parecem ter um sentido comum quando pretendem questionar normas, sentidos preestabelecidos e ao proporem certa transcendência a barreiras tradicionais. Ainda o caráter artificial, a encenação a imitação especificidade da performance é o que a aproxima da autoficção, demonstrando ainda mais, a ocorrência de construções simultâneas entre um personagem que é um autor com o seu interlocutor.

Desde há muito se percebe que há uma relação entre um eu ficcional com um sujeito autoral nas criações, Klinger, em sua tese, cita exemplos de obras que ao serem analisadas nos fazem refletir que as mesmas apresentam sentidos que vão além do que está literalmente escrito. Salienta ainda que na hodiernidade está difícil

desvincular o autor da sua produção, pois estamos num momento histórico que os sujeitos apreciam falar de si e aliado a isso contam com o avanço da cultura midiática.

Abordar as escritas de si como um traço da escrita contemporânea, parece que se está inserindo um tipo de inovação na escrita literária, porém não há nada novo. De acordo com Klinger, trata-se de um tipo de escrita que já esteve presente na formação de identidades nacionais, mas que foi apagada pela crítica literária ao afirmar que a peculiaridade autobiográfica não permitia discernir se o que estava escrito se referia ao individual ou ao coletivo. Num segundo exemplo, a autora destaca a presença da escrita de si nos períodos de redemocratização nos países que sofreram com as ditaduras militares, onde aparecem relatos memorialísticos de pessoas que foram exiladas, entre outras formas de exposições.

Com base nas reflexões de Klinger, é possível verificar a presença da escrita de si nas produções literárias de autoria feminina negra, onde as autoras encontram na literatura um meio para expressar os silenciamentos da história e da subalternização dos povos africanos e seus descendentes, no Brasil. A literatura africana e afro-brasileira escrita por mulheres têm se potencializado em uma voz ética, estética e política, necessária em um país marcado pelo racismo estrutural, feminicídio e negação dos saberes e culturas ancestrais.

2.2 UMA EPISTEMOLOGIA NEGRA BRASILEIRA

Tanto a literatura de autoria negra quanto a consolidação de uma nova epistemologia sobre negritude⁶ brasileira ganham importante marco, a partir do surgimento dos *Cadernos Negros*, lançado em 1978, ano em que um grupo composto por jovens negros e negras que produziam literatura reuniu-se no CECAN (Centro de Cultura e Arte Negra), com o objetivo de proporcionar visibilidade para as manifestações artísticas, culturais e filosóficas de autores e autoras negros/as. A produção dos *Cadernos Negros* ocorre até os dias atuais, por meio da alternância entre a publicação de contos, poemas e ensaios críticos, que promovem a reflexão acerca de temas como o racismo, a discriminação, o preconceito entre outros temas que envolvem a pessoa negra.

⁶ Conceito, primeiramente abordado por Aimé Césaire, na primeira metade do séc. XX (Césaire, 2020).

Aqui apresentamos alguns nomes expoentes, que publicaram obras relevantes para a época e também para serem estudadas hoje por pessoas interessadas em conhecer o lado da história do Brasil que não consta em livros didáticos, nem em currículos escolares que obedeceram e ainda obedecem a lógica do eurocentrismo.

Iniciamos por Maria Beatriz Nascimento, nascida em 17 de julho de 1942, em Aracaju, Sergipe, historiadora, roteirista, poeta e ativista dos direitos humanos da população negra. Sua família nordestina, assim como tantas outras, migrou no ano de 1949, para o Sudeste, mais precisamente para a cidade do Rio de Janeiro, bairro Cordovil. Filha de um pai pedreiro e de uma mãe dona de casa, Beatriz Nascimento como é conhecida, aos 28 anos ingressou no curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concluiu a graduação no ano de 1971, posteriormente, tornou-se professora da rede pública estadual de ensino fluminense. Sua trajetória de vida foi marcada pela luta e resistência devido à consciência que carregava consigo, a de ser mulher negra e viver em uma sociedade racista e sexista.

Diante desse cenário, lutou e buscou novos olhares contrariando a história oficial, que colocava a mulher e a população negra em lugar subalterno. Na Universidade Fluminense, ao lado de pesquisadoras e pesquisadores negros participou da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).

Nos anos finais da década de 70 e início da década de 80, participava constantemente dos movimentos negros, inclusive manteve vínculo com o Movimento Negro Contra a Discriminação Racial (MNUCDR, fundado em 1978, que mais tarde mudou a sigla para MNU). Beatriz pesquisou durante duas décadas as formações dos quilombos no Brasil, ela pensava os territórios de escravizados e seus descendentes não somente a partir da ciência, mas de sua trajetória pessoal e do seu ativismo político antirracista. Sugeriu que os movimentos negros pesquisassem onde existiam terras ocupadas por comunidades negras e por meios legais providenciassem a usucapião. E, nesse sentido vale salientar que foi na constituição Federal de 1988, em seu Art. 68 que discorre e garante o direito aos descendentes das comunidades quilombolas, que estejam ocupando as terras a propriedade definitiva. Entretanto, essa garantia envolve ações muito complexas e ainda depende de movimentação e luta das comunidades quilombolas.

De acordo com a mesma, nas décadas anteriores, o negro era “mudo” e os demais “surdos”, pois a escrita feita pela mão do homem branco reduziu a história do

negro à senzala, à fuga e ao cativeiro, apagando as narrativas acerca da população escravizada, esquecendo o processo de alforria.

Refletir sobre uma sociedade que impunha aos negros condições desfavoráveis de vida e acesso dificultado aos bens públicos, foi papel fundamental, no trabalho de Maria Beatriz Nascimento. Esta foi uma das intelectuais pioneiras a trazer para dentro da academia, discussões que tratavam dos corpos das mulheres negras e das práticas discriminatórias que pesavam sobre eles. A condição de subalternidade que estes corpos eram e são submetidos no mercado de trabalho como sendo um resquício da escravidão.

Dissertou ainda sobre os impactos do racismo na educação, sua reflexão parte de sua própria experiência enquanto estudante e, também, após observações de campo. No ano de 1995, quando estava cursando o mestrado, teve sua vida interrompida pelo companheiro de uma amiga que a assassinou a tiros. Mesmo considerada uma das maiores pensadora e pesquisadora no Brasil sobre a temática mencionada, a historiadora é reconhecida pela produção do documentário *Ôri*⁷ lançado em 1989.

Ao buscar em sua memória o mar, a travessia, o banzo, o quilombo, resgatou a verdadeira história da população negra, sabia o que cada elemento desses significava para o negro. Assim, a cineasta Raquel Gerber, a partir das narrativas de Nascimento recupera em *Ôri*, os percursos dos movimentos negros surgidos na década de 70, mostrando como os núcleos quilombolas foram importantes para a construção da identidade dos sujeitos e a formação de uma sociedade diferente, contrária aquela sociedade desigual, escravista e opressiva que se formou durante o período da escravização. Temas centrais como a corporeidade e a diáspora negra são trazidos à tona por autoras negras, a exemplo da coletânea de textos de Beatriz Nascimento, organizada pelo antropólogo e geógrafo Alex Ratts, em seu livro *Uma história feita por mãos negras* (2021). Os escritos de Beatriz Nascimento contribuíram e contribuem para a problematização de estereótipos e naturalizações da negritude no imaginário da sociedade brasileira. Por suas contribuições à pesquisa acadêmica é outorgado o título póstumo de Doutora honoris causa *in memoriam* pela (UFRJ), em

⁷ “*Ôri* documenta os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, passando pela relação entre Brasil e África, tendo o quilombo como ideia central de um contínuo histórico e apresentando como fio condutor a história pessoal de Beatriz Nascimento, historiadora e militante negra, falecida prematuramente no Rio de Janeiro, em 1995”. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori>

2021. *Heróis e Heroínas da Pátria*⁸ é um livro que compila nomes de brasileiros importantes em episódios históricos no Brasil, nele consta o nome de Maria Beatriz Nascimento.

Nesse viés, é importante olhar para a produção teórico-crítica de Aparecida Sueli Carneiro, filósofa, ativista antirracismo e escritora, nascida em 24/06/1970, na cidade de São Paulo, São Paulo. Fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, uma organização política que tem o objetivo de erradicar o preconceito e a discriminação que sofrem as mulheres negras, criado em 30/04/1988. Semanalmente, o instituto atende mais de trinta mulheres, que buscam atendimento com assistente social e psicólogos, são também ofertadas palestras sobre sexualidade, saúde física, mental e contracepção.

Após a fundação do instituto, este recebeu o convite para integrar o Conselho Nacional da Condição feminina, em Brasília, foi responsável pela criação do único programa brasileiro de orientação na área da saúde para mulheres negras. No ano de 1992, a pedido de jovens músicos que eram vítimas de agressão policial criou o projeto Rappers, por meio do qual os jovens denunciavam e disseminavam ideias de cidadania para conscientizar pessoas, preferencialmente as da mesma faixa etária.

Em 2009, Sueli Carneiro escreveu o artigo “Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência”, neste trabalho buscou denunciar a hegemonia masculina branca, nas instituições. Tratou da ausência de indivíduos para representar a população negra e também de mulheres negras que mesmo presentes não tem participação ativa nas instituições, devido a questões advindas do preconceito e discriminação de raça e gênero presentes na sociedade. O texto aborda a violência política de gênero e classe vinculada à subalternidade

Sueli Carneiro utiliza o conceito “epistemicídio” cunhado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (1914), para falar do apagamento (morte) dos saberes

⁸ *Herói ou heroína da pátria* é um título dado a personalidades que tiveram papel fundamental na defesa ou na construção do país. O nome é registrado no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria — ou *Livro de Aço*, pois a obra de fato é formada por páginas de aço — abrigado no Panteão da Pátria, na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Criado em 1992, o livro reúne protagonistas da liberdade e da democracia, que dedicaram sua vida ao país em algum momento da história. A inscrição de um novo personagem depende de lei aprovada no Congresso. Até março de 2023, 64 títulos foram inscritos no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, sendo 51 homens e 13 mulheres. São militares, escritores ou intelectuais, revolucionários, políticos, enfermeiros, inventores, músicos e um imperador. Entre os heróis e heroínas brasileiros, estão nomes como Tiradentes, Anita Garibaldi, Chico Mendes, Zumbi dos Palmares, Machado de Assis, Chico Xavier, Santos Dumont e Zuzu Angel
Fonte: Agência Senado (05/04/2023). Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/conheca-os-herois-e-as-heroínas-da-patria>

e conhecimentos dos povos escravizados, em especial, as mulheres, tratando essa parcela da população como se fosse desprovida de cultura, sobrepondo desta forma a do colonizador. Na visão da pensadora, esta seria uma forma de perpetuar o racismo.

A produção de Sueli Carneiro dialoga com outras autoras intelectuais negras como: Beatriz Nascimento (1942-1995), Luiza Bairos (1953-2016) e Lélia Gonzalez (1935-1994). Sua inspiração, ânimo, indignação e sonhos sempre foram os mesmos desde o início de sua militância. Entre as publicações da autora estão: *A mulher negra brasileira na década da mulher* (1985); *Mulheres que fazem São Paulo: a força feminina na construção metrópole* (2004); *A cor do preconceito* (2006); *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2011), dentre outros.

Em 2018, como forma de reconhecimento pela atuação, contribuição e ideias, foi homenageada pela filósofa e ativista Djamila Ribeiro (1980), que inaugurou uma coletânea de textos de mulheres quilombolas denominados *Selo Sueli Carneiro*. Textos, artigos, poemas e histórias compõem a coletânea, são relatos de resistência e lutas de suas histórias e de seus ancestrais, totalizando a participação de dezoito mulheres.

Outra intelectual contemporânea que muito tem contribuído para as reflexões sobre o racismo é Djamila Taís Ribeiro dos Santos. Nascida na década de 1980, é filósofa, feminista negra e acadêmica brasileira, tornou-se uma importante voz na defesa de homens e mulheres negras.

Em 2017, a intelectual publicou seu primeiro livro *Lugar de Fala: feminismos plurais*. De acordo com a mesma, o conceito remete ao local de fala do enunciador. A realidade social dos indivíduos faz com que cada sujeito, a partir de suas experiências e histórias de vida construa a sua subjetividade, tendo, desta forma, seu modo particular de perceber o mundo. Nos discursos e narrativas há nítida percepção de quem fala, nota-se quem é o opressor e quem é o oprimido, o conceito tem o intuito de favorecer e fortalecer a voz dos grupos sociais menos favorecidos e desenvolver a escuta nos privilegiados na tentativa de construir uma sociedade mais igualitária. Por exemplo, quando uma lei trabalhista é criada, quem participa dos debates não são os trabalhadores, mas o patronato, que por vez têm uma visão diferente acerca do que se discute e provavelmente prevalecerá o seu viés.

Prosseguindo, citamos Luiza Helena de Bairos, mulher negra que enfrentou o racismo e a desigualdade, nasceu em Porto Alegre em 27/03/1953. Formou-se em

administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e doutorado em Sociologia pela Universidade de Michigan. Migrou para a Bahia na década de 70, período que o território baiano recebia militantes negros vindos de outros estados, o país estava em ebulição devido as lutas sociais, almejando o fim da ditadura e abertura política. Essa mudança perpassou sua vida pessoal e profissional, saiu da área de administração e migrou para a área da sociologia. Seu trabalho muito se inspirou em Lélia Gonzalez, com propostas de combate ao racismo, não existência de oposição entre política e cultura e compreensão que as matrizes culturais brasileira têm influência negra.

Foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) e muito contribuiu para que pudéssemos compreender a estrutura do racismo no Brasil, sempre pontuando que a questão racial não dizia respeito somente aos negros e negras, mas que era um problema nacional. Bairros iniciou sua militância no movimento estudantil no ano de 1974, oportunidade que foi até Salvador.

Neste mesmo ano foi fundado o bloco de carnaval composto por negros e negras o Ilê Aiyê⁹, que orgulhosos traziam para a avenida o “Mundo negro”, e as heranças africanas. O desfile do bloco rendeu críticas aos participantes que foram acusados pelo jornal *A Tarde* de cometer racismo, o meio de comunicação alegou que o grupo inspirou-se na Black Power¹⁰, imitando um problema americano que não existia no Brasil, alegando ainda que no país reinava a harmonia entre as etnias que compunham a população. Na íntegra, observa-se a nota do jornal.

⁹ Mais informações em: <https://www.ileaiye.org.br/>

¹⁰ “Movimento *Black Power* nos Estados Unidos da América em 1967”. Disponível em: <https://diversifica.ufsc.br/cartilha-chega-de-violencia/grupo-4p/>

Figura 1 - Manchete do Jornal *A Tarde* (A Tarde, 12 de fevereiro de 1975).



Fonte: <https://revistaraca.com.br/pra-nunca-esquecer-bloco-racista-nota-destoante/>

A nota escrita e os comentários feitos em torno da mesma, pelo jornal, explicitam a ideia de falsa democracia existente na época. Será essa questão levantada e discutida por militantes, intelectuais e o principal movimento negro o MNU.

A trajetória intelectual de Bairros cruza com o processo de construção e sedimentação das questões negras no país. O sexismo, o racismo as formas como o negro foi inserido no mercado de trabalho foram os principais temas abordados em seus livros e textos.

Em 1981, o MNU-Bahia foi estratégico para o processo de empoderamento, questionando o lugar subalterno dado às mulheres conferido pelos próprios homens militantes. Nesse mesmo período, as mulheres do MNU criam a peça teatral *Iyá* ou *Anônimas Guerreiras Brasileiras*, que tinha Luiza Helena de Bairros como atriz. A peça tinha a função pedagógica de propor reflexões sobre as situações de opressão que

as mulheres negras sofriam no mercado de trabalho, nos relacionamentos afetivos, exploração sexual, autoestima, entre outros assuntos. Foi a partir dessas ações que Bairos passa a ter destaque na militância, ter visibilidade local e nacional. No processo de redemocratização em 1986, concorreu a uma vaga para a Assembleia Nacional Constituinte pelo partido dos trabalhadores. Desenvolveu atividades profissionais na Secretaria do Trabalho e Ação Social no Estado da Bahia. Luiza Bairos percorreu diversos caminhos e no governo da ex-presidente Dilma Rousseff, no período de 2012 a 2014, foi nomeada ao cargo de Ministra-chefe da Secretaria de Políticas Públicas da Igualdade Racial do Brasil. Faleceu em 12/06/2016, vítima de um câncer de pulmão.

Este espírito ético e estético é identificável em eventos que reúnem intelectuais negros que, inspirados pelas lutas pós independência, nas ex-colônias africanas, mas não só, pois estavam reelaborando/repensando a literatura brasileira, dariam forma ao Manifesto A Convenção nacional do Negro Brasileiro: Manifesto à Nação, escrito por Abdias do Nascimento¹¹ (Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1945).

Abdias do Nascimento nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Franca, estado de São Paulo, neto de africanos escravizados, cresceu em um contexto histórico, que prevalecia o estudo científico denominado Darwinismo Social produzido e espalhado de forma distorcida. Tal estudo disseminava a ideia que havia hierarquia entre as sociedades, sendo possível afirmar que uma sociedade é superior a outras, logo os negros eram diferentes dos brancos em termos físicos, intelectuais e morais, no último caso nasciam com propensão ao crime. Assim “para salvar” o país era necessário incentivar a imigração europeia e embranquecer a sociedade. Tanto que a constituição de 1934, dedicou um capítulo a esclarecer que o poder público tinha a obrigação de estimular a educação eugênica, um movimento que pregava e defendia conhecimentos e práticas que melhorassem as características genéticas da população, e para atingir tal objetivo era preciso excluir grupos indesejáveis e impedir que se reproduzissem, incluindo aí grupos negros. Além de político, Abdias foi professor universitário, poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico e ativista dos direitos civis e humanos das pessoas negras.

Estudou no Ateneu Franciscano, onde formou-se contador, posteriormente graduou-se em Economia e Sociologia. Sua primeira formação (contador) lhe rendeu

¹¹ Fax símile. Documento disponível em:

https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302448/mss1302448.pdf

um trabalho em uma fazenda em Franca, na função de administrador, o mesmo sofreu racismo por parte de seus empregadores, tal atitude fez com que Abdias abdicasse daquele emprego.

Ao alistar-se no exército, foi morar na capital paulista e passou a integrar o movimento Frente Negra Brasileira (FNB). Movimento que realizava protestos em lugares públicos e lutava para que o negro brasileiro fosse inserido na sociedade, com igualdade de direitos.

No ano de 1936, desligou-se do exército e em razão da sua participação no referido movimento, a polícia paulista passa a persegui-lo, levando-o a mudar-se para o estado do Rio de Janeiro. A ditadura do estado novo (1937- 1945), sob o comando do presidente Getúlio Vargas, que outorgou uma constituição baseada no fascismo, proibia manifestações e permitia a prisão de opositores, ações que levaram ao encerramento das atividades desenvolvidas pelo movimento FNB. Neste período, Abdias chegou a ser preso pelo Tribunal de Segurança Nacional, por protestar contra as ações do governo em exercício.

Certa vez, ao assistir uma peça teatral observou a ausência de negros, também de temas sensíveis à história do povo negro no país, percebendo que os papéis ofertados nas peças teatrais serviam para reforçar estereótipos, Abdias é tomado por reflexões e, em 1944, busca uma forma de apresentar uma proposta de valorização social do negro e da cultura afro-brasileira, por meio da arte e da educação. Baseado numa estética própria que não tivesse origem em outros países, cria o TEM - Teatro Experimental do Negro, pensado como uma proposta que emergisse o protagonismo negro, a fim de que refletisse quais eram os papéis ocupados por negros na sociedade. Os atores que compunham as peças eram geralmente operários, empregadas domésticas, moradores de favelas, esses participantes receberam cursos de alfabetização e de iniciação à cultura em geral.

No ano seguinte, Abdias organiza, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, a Convenção Nacional do Negro, que tinha como objetivo a difusão da cultura, a organização da política, a defesa dos direitos dos negros e chamar a atenção da sociedade para a criminalização do racismo, pois, neste momento histórico, a Assembleia constituinte implantava um novo ordenamento jurídico no país.

Organizou no Rio de Janeiro, em 1950, o primeiro Congresso do Negro Brasileiro, que debatia a necessidade de a sociedade enxergar o negro como um ser humano e não apenas assistir a degradação de uma raça, sem nada fazer, levando a

reflexão sobre o que ocorria com o negro era um crime. Percebia o racismo, não como um problema superficial acerca da cor da pele, mas como algo mais profundo, como um fator que tentava desarticular um grupo humano e sua identidade, pois ao rotular o negro, o opressor intentava retirar do mesmo a sua condição humana, condenando o ao caráter de escravo ou inferiorizado. O tratamento dispensado a pessoa negra até hoje a conduz a acreditar que é incapaz de desenvolver ações em setores como a política, a economia, atividades intelectuais e técnicas.

O regime militar instaurado, no ano de 1964, fez com que a militância negra sofresse forte repressão, Abdias buscou exílio por mais de dez anos nos Estados Unidos e Nigéria. Mesmo fora de seu país continuou lutando pelas causas e trocou experiências com o movimento negro internacional como o Panteras Negras¹² (EUA), atuou ainda como professor em universidades desses países, participou de fóruns onde denunciava o racismo brasileiro e acompanhou a descolonização de países do continente africano.

No início da década de oitenta, retornou ao seu país natal, inseriu-se na vida política e contribuiu na fundação do partido político (PDT), partido no qual se elegeu para deputado federal entre os anos 1983 a 1986 e senador da república nos anos 1997 a 1999, defendia em suas pautas a cultura negra, a igualdade para as pessoas afro decentes com enfrentamento e combate ao racismo. Em muitos momentos se via sozinho na luta, mesmo assim sua voz não se calava, em certos momentos, na sessão plenária escutava seus companheiros discursarem falas que Abdias considerava infundadas como: “Não há racismo no Brasil” – “afirmou o deputado Carlos Sant’Anna (PMDB-BA)”. Sua fala foi rebatida por Abdias que disse: “Quem sabe do racismo são aqueles que o sofrem e não vossa excelência, que pertence a classe dos privilegiados. Em outro momento, o deputado Raymundo Asfóra (PMDB-PB), alegou que era exagero dizer que os negros eram oprimidos e que, na verdade, a opressão recaía igualmente sobre todos os pobres, sem importar a raça. Abdias reagiu: “A nossa luta de negro não está desvinculada das reivindicações dos oprimidos deste país. Mas isso não quer dizer que não tenhamos os nossos problemas específicos. Nenhum

¹² “Os Panteras Negras foram um partido político que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, no contexto da luta da população afro-americana pelos seus direitos civis. Fundado por universitários negros, surgiu como um movimento de combate à violência policial contra negros nos Estados Unidos e transformou-se em um partido político com um projeto revolucionário de combate à desigualdade contra os afro-americanos”. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm>

outro pobre de qualquer outra raça, nem os nossos irmãos palestinos, judeus ou asiáticos, foi escravo por 400 anos aqui no Brasil. Somente nós”.¹³

Em sua atuação parlamentar, Abdias apresentou vários projetos de lei como: o “Dia Vinte de Novembro, Aniversário de Morte de Zumbi Dos Palmares”. A partir daí, foi proposto como o Dia Nacional da Consciência Negra; a Lei 10639/2003, que trata sobre a inclusão de conteúdos sobre a história da África e a cultura negra, nos currículos escolares; a Lei 12.711/2012, de criação de cotas raciais e garantia de mais direitos as comunidades quilombolas.

Abdias do Nascimento deixou uma vasta obra, entre livros, ensaios, artigos, capítulos, destacamos a obra *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo* (1978). O intelectual faleceu em 23 de maio de 2011.

Há algumas décadas, intelectuais e ativistas homens e mulheres vem denunciando, por meio de suas produções bibliográficas, a violência e a desigualdade social sofrida pela população negra no Brasil.

Nessa direção é fundamental abordar a obra de Lélia de Almeida, que teve o sobrenome González herdado do marido. Lélia Gonzalez nasceu em 1 de fevereiro de 1935, em Minas Gerais, filha de mãe indígena e pai negro, aos oito anos de idade mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até a sua morte no ano de 1994. Assim como ocorre com grande parte das mulheres negras, Lélia Gonzalez iniciou cedo sua vida laboral e semelhantemente a outras mulheres negras, pobres, como empregada doméstica e babá. Mesmo enfrentando grandes dificuldades, concluiu o ensino médio no colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Posteriormente, formou-se em Bacharel em Filosofia, História e Geografia, pela Universidade Estadual de Guanabara, hoje UERJ. Nessa época de estudos, lecionava na rede pública de ensino fluminense. Ainda, nesse contexto acadêmico, conheceu seu esposo, Luiz Carlos Gonzales, filho de família espanhola. A relação interracial foi permeada por tensões, Lélia Gonzalez sofreu preconceito e discriminação por parte da família do esposo, toda a sua preparação para viver um bom casamento foi destruída.

A pressão e a discriminação foi tanta que um ano após o casamento, o esposo cometeu suicídio. Então, a mesma, ao fazer uma reflexão sobre sua

¹³ Fonte: Brasil. Agência Senado.

vida, concluiu que fez tudo o que podia para se enquadrar aos padrões, porém sem êxito, devido a sua condição de mulher negra. Assim, permitiu-se passar por estudos da psicanálise e do candomblé, e o resultado foi uma reconstituição identitária da autora enquanto mulher, pois transformou-se, reinventou-se e libertou-se de ideologias colonialistas, segundo a própria autora em entrevistas e artigos.¹⁴

Seu pensamento era romper e desbancar ideias hierárquicas, para ela a interseccionalidade entre gênero, raça e classe estava presente na sua história e foi esse o ponto que culminou na sua luta feminista. A partir daí, se percebeu em diálogo com autoras latino-americanas, com o feminismo negro e com o dilema do eurocentrismo.

Foi professora universitária na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Gama Filho, autora de vasta publicação e fundou no ano de 1978, um dos mais importantes movimentos negros da história brasileira, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), essa sigla passou por alteração e mais tarde ficou (MNU). A defesa forte do movimento era lutar pelo fim da violência e discriminação sofrida pelos negros, bem como por implementação de políticas públicas em prol da comunidade afrodescendente no país.

Ainda no movimento negro, Lélia Gonzales chamou atenção para o sexismo, que impunha ao sexo feminino, o silenciamento diante de questões discutidas nos espaços públicos, nos quais poderiam participar, mas este direito lhes era negado. Essa dificuldade de falar e ser ouvida fez com que as mulheres participassem de maneira mais efetiva no movimento feminista. De acordo com Lélia Gonzales, a cosmovisão eurocêntrica e o neocolonialismo das ativistas brancas dificultavam os debates e as proposições, logo, não tinham resultado positivo ao enfrentamento da condição de exclusão e subalternidade que era submetida a mulher afro-brasileira. Em um contexto em que pouco se falava sobre temas como o racismo e gênero, Lélia Gonzales articulava diversas áreas do conhecimento para expor as opressões e dominações que naturalizavam as

¹⁴ Ver: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez>

ideias em relação a pessoa negra, com foco para a mulher, pois sabia da necessidade da construção da autoestima da mulher negra.

A produção teórico-crítica deixada pela autora serve de base para a reflexão crítica da necessidade de abandonar o padrão branco europeu, principalmente, disseminar uma educação voltada para criar um movimento reflexivo nos sujeitos, onde os mesmos reconheçam que a história de negros e negras foi silenciada, que os mesmos viveram e ainda vivem na exclusão, somente conseguem adentrar em algumas instituições, entre elas, a academia, por meio de políticas afirmativas.

Lélia Gonzales formula os conceitos de “amefricanidade” e “feminismo afrolatinoamericano”, fundamentada na teoria decolonial, tais como “colonialidade de poder”, “colonialidade global”, “decolonialidade”, “colonialidade de gênero”, “heterogeneidade colonial”, conceitos formulados pelo Grupo Colonialidade/Modernidade, mais especificamente Walter Mignolo (2003), Anibal Quijano (2005), Nelson Maldonado Torres (2007), Zulma Palermo (2013).

No texto “A categoria político-cultural de amefricanidade”, Lélia González destaca que há razões de ordem geográfica e do inconsciente que motivam o Brasil a afirmar-se enquanto aquilo que não é: um país de formação exclusivamente branca e europeia.

Ao expor seus conceitos rebatizou o continente latino americano, chamando-o de “América-Ladina”, fazia uso recorrente do termo para se referir às desigualdades sociais marcadas pela condição de gênero, classe e raça, que abarcavam a mulher latino-americana, principalmente, a negra e a indígena, tentando compreender a dominação histórica e colonial a que as mesmas eram submetidas. Romper com fronteiras foi uma das grandes contribuições de Lélia Gonzales, ela considerava que o ativismo deveria ser um movimento amplo e que tivesse por base, a experiência colonial, para a partir daí, pensar numa unidade coletiva.

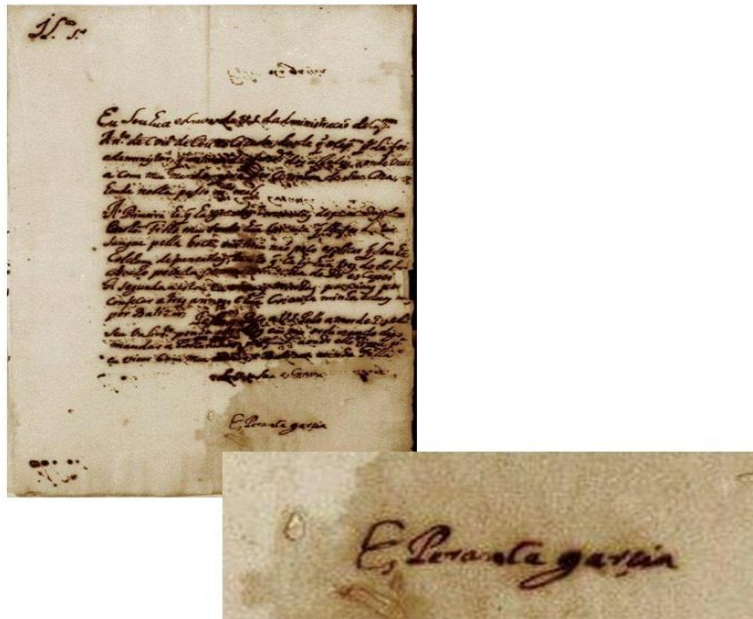
2.3 A CONSOLIDAÇÃO DA LITERATURA NEGRA BRASILEIRA

É importante verticalizarmos a contextualização das produções de Conceição Evaristo no fenômeno literário de autoria feminina negra que se destaca a partir de meados do século XX, com o surgimento e o fortalecimento dos movimentos negros e da produção literária de autoria feminina negra. O impacto dessas produções se vislumbra no ativismo literário de diversas vozes da literatura negra no contexto brasileiro na contemporaneidade.

As obras que compõem a categoria literatura negra apresentam uma escrita cuja temática está ligada à subjetividade da pessoa negra/afrodescendente. Nesse sentido, a obra traz o ponto de vista desses autores. Nessa perspectiva, vale salientar que antes do período da consolidação já haviam escritos que denunciavam a exclusão da história do negro no território brasileiro, é o caso de Esperança Garcia uma mulher negra escravizada que nasceu no município de Oeiras (Piauí), em 1751.

De acordo com pesquisadores, Esperança nasceu na fazenda Algodões, pertencente aos padres Jesuítas, com quem provavelmente a mesma aprendeu a ler e escrever. Aos dezesseis anos de idade, a jovem casou-se e teve filhos. Os catequistas foram expulsos pelo Marques de Pombal, a fazenda foi transferida para outros senhores, fato este que aos dezenove anos de idade separou a mulher de seu marido e filhos. Na ocasião Esperança Garcia e o filho mais novo foram morar em outras terras, onde sofreram abusos e maus tratos, tendo acompanhado o sofrimento de outros homens, mulheres e seus filhos, provocados por um feitor. Diante dos fatos, Esperança utilizou-se da escrita como forma de luta para denunciar ao governador da capitania de São José do Piauí (Gonçalo Lourenço Botelho de Castro) a situação de violência, bem como reivindicar uma vida mais digna. O ano era 1770, no mês de setembro, no dia seis, a narrativa ficou marcada pela coragem de resistir e lutar por direitos humanos, solicitava o resgate do grupo. Atitude que para alguns juristas e historiadores brasileiros, a escrita, do modo como foi realizada, continha elementos equivalentes a uma petição judicial, por conter caracteres como endereçamento, identificação e narrativa de fatos. Esta carta foi encontrada no arquivo público do estado do Piauí em 1979, pelo historiador Luiz Mott. Abaixo segue imagem do manuscrito e um trecho da carta.

Figura 2 - Manuscrito encontrado no arquivo público do estado do Piauí em 1979.



Fonte: Fotografia de Paulo Gutemberg. Disponível em:
<https://images.app.goo.gl/BppwnCNqeEACs92f8>

Seguem abaixo a transcrição de um trecho da carta.

Eu sou uma escrava de Vossa Senhoria da administração do Capitão Antônio Vieira do Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrar que me tirou da fazenda Algodões, onde vivia com o meu marido, para ser cozinheira da sua casa, ainda nela passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca, em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo peiada; por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha os olhos em mim ordenando digo mandar ao procurador que mande para a fazenda de onde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia¹⁵.

A escrita feita a próprio punho por Esperança reivindicava uma intervenção do estado para amenizar as brutalidades e injustiças que ela e o grupo de colegas sofriam por parte do sistema escravista. Essa atitude de escrever acerca de si e a

¹⁵ Cf. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/BppwnCNqeEACs92f8> consulta em 14/10/2024.
<https://ensinarhistoria.com.br/esperanca-garcia-a-escrava-que-escreveu-uma-peticao-ao-governador/>
 - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues.

respeito do que ocorria com os amigos, iria ao encontro das escritas de autoria negra nos dias atuais, que têm como característica a subjetividade e a vivência experienciada de acontecimentos que marcaram a vida pessoal de quem escreve. A carta escrita por Esperança Garcia é considerada um documento histórico que representa a resistência e luta por direitos na sociedade escravocrata setecentista. Serve como base para estudos na literatura negra brasileira bem como estudos na área do direito uma vez que a escrita sob a análise de juristas contempla os requisitos necessários para requerer um *habeas corpus*, em especial pelos do seu estado, o Piauí. A denúncia de Esperança Garcia nos faz analisar a falsa falácia da democracia racial escrita em algumas obras por certos autores. Também desconstrói a ideia de submissão natural da pessoa negra, conforme disseminado pelo discurso colonial e pela história oficial propagada até os dias atuais.

São diversos os acontecimentos e publicações de autoria negra, contudo, muitos desses escritos não foram ou não são conhecidos, dado ao fato do apagamento de autorias negras. O romance *Ursula*, de Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra da América Latina. Lançado em 1859, foi o precursor da literatura abolicionista e é a obra mais conhecida da autora, sendo sua história influenciada pelos ideais abolicionistas. Trata do cotidiano de homens e mulheres escravizados em fazendas e nas casas dos seus proprietários no estado do Maranhão, além do problema do tráfico negreiro e do regime todo a partir da visão do sujeito humano tratado como mercadoria.

Maria Firmina dos Reis também escreveu a novela indianista intitulada *Gupeva* (1861); o livro de poesia *Cantos à beira-mar* (1871); um conto, *A escrava* (1887); além de composições musicais. Também foi professora criadora da primeira escola mista no país que não durou muito, pois causou descontentamento do povoado de Maçaricó (MA).

Recentemente, os estudos sobre a vida e as obras da autora vão ganhando destaque e sendo incorporadas aos estudos literários negros. Infelizmente, muitos documentos e escritos pessoais da autora se perderam, muito do que se sabe é por meio do seu filho Nascimento Moraes Filho, seu biógrafo. Atualmente é possível encontrar diversos estudos sobre as obras de Maria Firmina dos Reis no formato de dissertações, teses e artigos acadêmicos.

Outra autora, que aqui destacamos é Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento- MG em 14 de março de 1914. Filha de negros muito humildes que migraram para a cidade em busca de trabalho. Carolina de Jesus como é conhecida estudou por um período de dois anos em uma escola espírita sustentada pela patroa de sua mãe. Mudou-se para São Paulo em 1937, quando a cidade estava no início do processo de modernização, assistiu, assim, a formação das primeiras favelas e residiu em uma delas, a do Canindé, com seus três filhos. Para sobreviver e sustentar sua família, vivia de coletar papéis e outros materiais recicláveis, tinha na venda dos mesmos sua única fonte de renda. Em meio ao material que coletava, encontrava livros, os quais recolhia para ler, pois gostava muito e logo começou a escrever. Em 1958, o jornalista Audálio Dantas conheceu a escritora bem como seus escritos.

Sua obra *O quarto de despejo: diário de uma favelada* ficou conhecido na década de 1960, nela a escritora relatou o seu dia a dia, pois via na escrita uma forma de sair da invisibilidade. Quando a obra foi descoberta e publicada com o apoio do jornalista Audálio Dantas teve vendagem de cem mil exemplares, sendo depois, traduzida para treze idiomas e distribuído para mais de quarenta países. Carolina publicou outros três livros: *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços de fome* (1963), *diário de Bitita* (1982), esta última publicação póstuma.

Nestas autoras, já era perceptível um *modus operandi* destas escrituras consubstanciadas nos movimentos negros antirracistas e antifeministas. Além de conduzir os leitores a reflexões sobre questões culturais, sociais, morais, de gênero e de classe.

Ruth Botelho Guimarães, nasceu em 13 de julho de 1920, em Cachoeira Paulista- SP, porém durante sua infância viveu em uma fazenda que o pai administrava no Sul de Minas Gerais. Era pobre, negra e poucas vezes teria saído da pequena cidade do interior. Ali convivia com famílias de peões, colonos e com sua avó, assim ouvia e guardava muitas histórias, principalmente sobre negros e índios.

Ainda na infância publicou suas primeiras poesias em periódicos da época. Posteriormente, foi morar na cidade de São Paulo, onde estudou Letras e Filosofia na USP, além de estudar Estética e Folclore. E nesse momento decidiu recontar por meio da escrita as histórias ouvidas, pois tinha guardado consigo o tesouro da oralidade. Escreveu recontos de assombração de duendes e demônios como o saci, a mula sem cabeça, tendo enviado seus escritos para a apreciação de Mario de Andrade. O escritor orientou-a em relação às técnicas de pesquisa folclórica, o que resultou em

um amplo trabalho e lhe rendeu um verbete na *Encyclopédie Française de La Pléiade*, fazendo com que Ruth Botelho Guimarães fosse a única escritora da América Latina a receber esta distinção.

Ruth Guimarães, como ficou conhecida, era professora, poeta, cronista, jornalista e teatróloga, mas foi como romancista que conseguiu projeção nacional com a obra publicada em 1946 denominada, *Água Funda*. Obra está que recebeu o reconhecimento de importantes intelectuais, a exemplo do crítico Antonio Candido que prefaciou o livro e Nelson Werneck Sodré, historiador e professor. Na época da escrita da obra, a romancista tinha vinte e seis anos de idade, já tinha consciência de sua condição humana e da opção pela literatura. Foi professora de língua portuguesa em escolas públicas no estado de São Paulo, em 2008 foi eleita para ocupar uma cadeira na Academia Paulista de Letras, concomitante, comandou a Secretaria da Cultura de Cachoeira Paulista. Faleceu no mês de maio de 2014, na mesma cidade. No ano 2023, a obra da autora foi selecionada como uma das leituras indicadas para o vestibular da Fuvest para o ano 2025.

A obra da autora causou alvoroço na crítica literária da época e foi sucesso de público. Apresentava características como: elementos folclóricos, marcas da cultura indígena, enaltecimento da cultura negra, crítica social, linguagem regional entre outras.

O romance *Água funda* é ambientado na fazenda Olhos D' Água, localizada entre o Sul de Minas e uma parte paulista do Vale do Paraíba, no final do século XIX, sendo narrado em terceira pessoa por narrador onisciente. A história é narrada em dois tempos: o primeiro trata do final do século XIX, período escravocrata, na fazenda de propriedade da Sinhá Carolina, viúva, detentora da produção de cana-de-açúcar. A mesma vende suas terras a fim de viver um romance com um jovem, que a faz perder seus bens e sua sanidade. Nesse período a vida se encontra organizada em torno da mão-de-obra de pessoas escravizadas, que vivem o drama da iminente mudança de modelo político e econômico. No segundo momento a narrativa dá um salto no tempo e relata a chegada da modernidade do início do século XX. O personagem protagonista é um trabalhador rural que enaltece a cultura regional e assim como a protagonista da primeira fase, a Sinhá, perde sua sanidade e vai em busca da mãe do ouro, personagem folclórica. Na fazenda, o modelo de escravidão institucional não mais existia, porém as relações de trabalho são colocadas para a compreensão do leitor como sendo de exploração da força de trabalho. Na sociedade

os trabalhadores eram seduzidos pelas novas companhias empresariais de plantação, com promessas que iriam receber bons salários, mas na realidade tais trabalhadores trabalhavam muito e o que recebiam não era suficiente para a manutenção do seu sustento. Ou seja, exerciam um trabalho remunerado, entretanto a população precisava se sujeitar a condições de escravidão. Esta fase de *Água Funda* narra ainda as crenças populares e superstições que a população local se valia para explicar acontecimentos naturais, que ocorriam com as plantações ou mesmo as fatalidades que aconteciam com as pessoas que residiam na comunidade, como punição enviada pela mãe do ouro. Demonstra, também, como as crenças e a religião influenciam no modo de pensar dos sujeitos, levando-os a aceitar passivamente os fatos e situações.

A temática e elementos como personagens e espaço diegético do romance *Água funda* encontra similaridades com personagens, temáticas e espaço-tempo de obras de Conceição Evaristo, a exemplo de *Olhos d'água* (2014), *Becos da Memória* (2018) e outras.

O que se observa é que estas autoras escrevem desde há muito tempo o que viram e o que vivenciaram como mulheres negras; contudo, há pouco tempo suas obras começaram a ter visibilidade, sobretudo no contexto do crescente interesse pelos estudos literários em perspectivas pós-coloniais e decoloniais. Neste aspecto, é importante destacar o papel de editoras brasileiras que, embora tenham também o viés comercial, passaram a publicar somente produções literárias de autorias negras. Aspecto que trataremos no próximo tópico desta dissertação.

2.4 EDITORAS BRASILEIRAS DEDICADAS A PUBLICAR OBRAS DE AUTORIA NEGRA

Figura 3 – Logo da Editora Mazza



Fonte: <https://mazzaedicoes.com.br/>

Concomitantemente, aos movimentos de empoderamento da cultura africana e negra no Brasil surgem editoras que assumem o compromisso de veicular narrativas silenciadas. A editora Mazza é considerada a pioneira no ramo. Sua mentora foi Maria Mazzarello Rodrigues, mulher negra, militante e intelectual que envolvia se com as

causas sociais, políticas e culturais que abarcavam a pessoa negra. Sua trajetória no campo editorial teve início na década de 1960, quando trabalhou no programa denominado PABAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar), fruto de convenio entre Estados Unidos e Brasil, ano de 1956 a 1964 (UFMG).

Nesse período, o modelo de educação estadunidense começava a ser difundido no país e foi alocado o Instituto de Educação de Minas Gerais, para que o projeto funcionasse. Assim, o envolvimento de Mazza perpassou pelo surgimento e fusão de outras editoras. No ano de 1978, Mazzarello estudou mestrado em Paris na área de editoração, o momento era de ebulição política e cultural junto com discussões sobre negritude. Empreendimentos, nesse segmento, estavam ocorrendo em lugares como: Espanha, França, América-Latina e Estados Unidos. A sua pesquisa de mestrado, em consonância com a conjuntura que estava vivendo e as experiências acumuladas, serviram de estímulo para a militante, em 1981, criar a Mazza Edições com o propósito de veicular obras genuinamente negras, com o objetivo contribuir para narrar outro ponto de vista da história no viés decolonizador.

A autora Conceição Evaristo teve dois romances publicados pela Mazza Edições, trata-se da obra *Ponciá Vicêncio* (2003) e o livro *Becos da Memória* (2006).

Desde sua fundação, a editora passou por dificuldades financeiras, sendo em muitos momentos financiada pelos próprios autores, somente a partir da criação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de cultura, história e produção literária africana e afrodescendente nas escolas brasileiras, em seus três níveis de ensino, foi que a Mazza passou a vislumbrar a possibilidade de não se apertar economicamente e também poder ver as obras de autoria negra adentrar nas diversas instituições de ensino. Existe dois lados que são analisados na produção independente, o primeiro é que a editora, ao utilizar recursos próprios ou de autores, se desvincula da subserviência ao mercado, tendo autonomia e independência e passa a ter característica singular, o segundo é que vê sua ação limitada.

Segundo a publicidade da Editora, seu catalogo é pautado em três valores: ética, justiça e liberdade, que são comuns aos autores, fator que demonstra a ciência do papel político que ambos têm. O objetivo de aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negras contemporâneos e acesso às suas obras tem feito com que recentemente novas editoras entrem no mercado editorial.

Figura 4- Logo da Editora Malé



Fonte: <https://www.editoramale.com.br/>

Em 2015, surge no Rio de Janeiro a Malé Editora e Produtora Cultural, com a concepção de uma missão política bem delineada, pautada em valores como: transparência, qualidade, diversidade e responsabilidade social. Sua preocupação não se restringe a publicar livros, mas também trabalha para garantir a formação de novos escritores, nesse sentido, promove oficinas de escrita criativa e organiza o Prêmio Malé de Literatura, onde contempla, com publicação, os textos e consequentemente os autores escolhidos.

Os fundadores da Malé, Vagner Amaro e Francisco Jorge, acreditam que o trabalho que desenvolvem na editora pode contribuir para a modificação das ideias preconcebidas acerca dos sujeitos negros no Brasil. O processo de editoração da Malé se dá de duas formas: os proprietários convidam os autores que queiram ter suas obras editadas ou os próprios autores procuram, fazem contato, apresentam seus trabalhos e são priorizados a edição de textos literários como (romances, contos, ensaios e poesia).

A autora de maior destaque é Conceição Evaristo, com o título *Insubmissas lágrimas de mulheres*, o livro é composto de 13 contos, as histórias têm como protagonistas, mulheres negras. Ao ocupar o seu lugar de fala, elas explicitam suas dores, anseios, temores e revelam também a capacidade de sair da sua zona de sofrimento, se reinventam e resistem. Nota-se uma fusão da voz fictícia das personagens com a autora, o que marca o processo criativo dos textos e afirma o conceito de *escrivência* elaborado pela autora.

Trazer a representatividade negra é um importante papel exercido pelas chamadas editoras negras, visto que existe demanda de leitores que querem uma literatura na qual se sintam representados, buscando por autores que almejam divulgar a sua arte e a da literatura que quanto mais pluralizada mais representará a diversidade do país. Nesse sentido, priorizar as escritas negras é evidenciar e promover escritores e escritoras negras.

Importante ressaltar que o autor negro enfrenta dificuldades no mercado editorial, justamente por criar sua obra a partir da sua visão de mundo, não necessariamente falar de si, mas a sua literatura vem impregnada de características de sua própria existência. Desta forma, seus escritos infringem a literatura usual, o mesmo relata uma nova representação das relações sociais onde se fará presente a exclusão existente na sociedade. Esse fator faz com que os editores brancos neguem a produção literária dos negros, talvez a sua cor de pele pode ou não estar associada, mas, sua subjetividade, e esse critério basta para que o escritor negro tenha a sua obra rejeitada pelo mercado editorial formado pela maioria branca.

Figura 5 – Logo da Editora Oralituras



Fonte: <https://oralituras.com.br/>

Maitê Freitas é jornalista, mestre em estudos Culturais pela USP e doutoranda em Mudança Social e Participação Política, foi a idealizadora do Oralituras. A mesma é pesquisadora de narrativas autobiográficas e feminismo negro, produtora e gestora cultural, colabora no projeto Empoderadas.

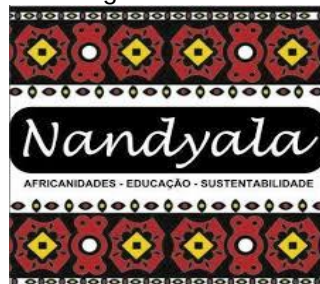
A editora Oralituras surgiu a partir de um momento que sua idealizadora se sentiu incomodada com o tratamento dispensado para com as escritoras negras no mercado editorial. Essa situação hostil que era dada às escritoras e suas obras, despertou o desejo de abrir uma editora que tratasse as mesmas com respeito. Optou também por trabalhar com uma equipe não branca, a Oralituras não busca compromisso centrado na venda de obras, mas, funcionar como uma propagadora da produção de autoria negra.

Atualmente encontra-se no mercado um número maior de produções negras, porém a preocupação de Maitê está na ausência destes escritos por mulheres negras e indígenas ainda não estarem presentes em instituições de legitimação.

A estreia da editora ocorreu no ano de 2019, com a obra: *Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano*. Esta obra constitui-se de 26 ensaios autobiográficos de mulheres negras, de diversas regiões do país, os textos tratam das vivências e do machismo e como as mesmas enfrentam essas situações.

Em 2020 a editora publicou a coletânea intitulada *Escritas femininas, em primeira pessoa*, onde constam escritos de mais de 44 contos de mulheres negras e indígenas. Vale salientar que a editora busca dar visibilidade a obras de mulheres negras e indígenas, (cis e trans). A editora, além das obras, reúne também ensaios e artigos em suas publicações, acredita que desta forma possibilita que as vozes femininas abordadas alcancem espaços de destaque.

Figura 6- Logo da Editora Nandyala



Fonte: <https://nandyalalivros.com.br/>

A Editora Nandyala, fundada em Belo Horizonte, nos anos 2000, não recebe apoio financeiro de nenhuma instituição, sobrevive de seu esforço comercial e ações como oferta de cursos, consultorias e palestras, para tanto criou o Instituto Nandyala. Suas idealizadoras são Íris Amâncio e Rosa Margarida, ambas com o mesmo objetivo e comprometimento em divulgar saberes ancestrais, conhecimento científico e inovação social. Promover o diálogo entre África e Diáspora Negra por meio da leitura sustentável produzida por negros e negras de qualquer lugar do mundo.

Dentre seus principais autores, destacam-se: Conceição Evaristo, Mirian Alves, Lia Vieira, Maria Elisa Santana, Benjamin Abras, Cidinha da Silva, Anderson Feliciano, Sandra Barroso, Madu Costa. Entre os escritores africanos, salientamos Vera Duarte, Paulina Chiziane e Manuel Rui. A seção de crítica cultural também é bastante robusta. Nela, encontramos Aimé Césaire, Carlos Moore, Edimilson de Almeida Pereira, Erisvaldo Pereira dos Santos, Amauri Mendes, José Antonio Marçal, Rosa Margarida de Carvalho, Marcos Antônio Alexandre, Édimo de Almeida Pereira e Elzira Divina Perpetua, dentre outros.

Figura 7 – Logo da Editora Toques Negros – Ogums



Fonte: <https://editoraogums.com/product/coletanea-ogums-toques-negros/>

Outra editora, que podemos citar no bojo das editoras focadas em publicar obras de autorias negras é Toques Negros - Ogums. Trata-se de uma editora criada em 2014, em Salvador na Bahia, tem compromisso com a divulgação de obras de autorias afro-brasileiras. Seus fundadores são Mel Adún e Marcus Guellwaar Adún Gonçalves. De acordo com seus idealizadores, a motivação para originar a Toques Negros Ogums, foi a necessidade de ter um lugar de fala. Segundo eles, a casa editorial nasceu com o objetivo de dar espaço à representatividade de autoria negra, portanto, a casa coloca se como agente de ação frente ao epistemicídio que durante muito tempo acompanhou escritoras(es) negras(os).

O nome da casa editorial “Ogum”, refere-se a um orixá guerreiro, aquele que durante as batalhas abre caminhos, ao escolher esse nome, Mel e Guell Adún, buscaram retomar elementos da ancestralidade africana. A coletânea *Poética Ogum's Toques Negros* foi a primeira publicação da editora, reúne 19 autores e seus poemas. A obra buscou romper com padrões impostos pelo mercado editorial e dar voz a homens, mulheres, lésbicas e gays.

Observa-se que a maioria das editoras com este perfil foram idealizadas por mulheres negras, pensadoras, estudiosas e dentro de identidades outras. Quanto ao papel social, ético e político destas editoras, vemos certa proximidade com a proposta política dos *Cadernos Negros*, lançados em 1978, por um grupo de artistas e escritoras(es) negras(os), a exemplo de Abdias do Nascimento e de Conceição Evaristo. Ao citar tais editoras, nesta pesquisa, não o fazemos com um olhar isento das leis mercadológicas, da lógica do capitalismo que, dissimulado busca atrair intelectuais com a repetição de discursos politicamente “corretos” para chegarem a um determinado público que consome tais obras, contudo, destacamos o lado positivo desta relação, que está em publicar e fazer chegar aos leitores, tal produção, uma vez que estas editoras são bem recebidas nos eventos acadêmicos e feiras culturais.

Destaca-se aqui o papel das editoras, compreendendo que é com o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativa do escritor, bem como de uma crítica com tal característica, que essas obras passam a ser publicadas e distribuídas, assim como lembra Cuti:

Nos primeiros anos do século XX, associações negras de várias partes do Brasil começavam a oferecer uma recepção mais solidária para os escritores, entusiasmando-os a escrever, tendo como endereço direto um leitor negro. Com isso, os autores passam a incluir na sua temática o protesto, desenvolvendo no texto uma consciência crítica (Cuti, 2010).

Feito esta contextualização, na próxima seção desta pesquisa, focaremos na visibilidade, que atualmente, a obra de Conceição Evaristo encontra nos meios acadêmicos, eventos literários e culturais, mas sobretudo nos interessa verificar como o modo de escrita da autora se inscreve na atual literatura negra brasileira.

PARTE III

CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA VOZ DE DESTAQUE NA LITERATURA NEGRA BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORANEA

[...] o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo (Evaristo, 2009, p.05).

3.1 BREVE CARTOGRAFIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

No contexto intelectual atual, surgem as publicações de autoria feminina negra. A visibilidade e o reconhecimento das produções textuais são para poucas que, após enfrentarem o preconceito e inúmeros desafios, podem contemplar seus escritos sendo publicados, vendidos e lidos. Neste cenário, surge Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida no ano de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais, filha de Joana Josefina Evaristo, profissão lavadeira, mãe de quatro filhas, das quais a segunda é Conceição Evaristo.

Joana cuidava e educava as filhas sozinha, quando conheceu e se relacionou com Aníbal Vitorino (padrasto), com o mesmo foi mãe de cinco meninos, assim Conceição passou a ter oito irmãos. A família era pobre, e devido a essa condição social, Joana permitiu que Conceição fosse morar na casa de sua irmã mais velha, Maria Filomena da Silva (tia Lia) e Antonio João da Silva (tio Totó), logo ficaria com uma pessoa a menos para alimentar e fornecer outros cuidados. O casal de tios não tinha filhos e possuíam condição financeiras um pouco melhor.

Na época que foi morar com os tios, a menina tinha sete anos de idade, a nova vida possibilitou que a mesma pudesse estudar e trabalhar, pois ao

conviver com a tia e a mãe que lavavam, passavam, cozinham, cuidavam de crianças com excelência, aprendeu tais ofícios domésticos, logo passou a receber alguns trocados pelas atividades que desenvolvia. Na casa de professores, ela recebia aulas e livros didáticos, para si e para seus irmãos, em troca do labor.

Toda a sua formação escolar e acadêmica deu-se em escola pública, ainda na infância sofreu o preconceito e a separação. Sua mãe era bastante preocupada com a instrução que os filhos iriam receber, assim matriculou os no Jardim de Infância Bueno Brandão e no grupo escolar Barão do Rio Branco, ambas as escolas ficavam distantes de onde moravam, Joana acreditava oferecer ensino de qualidade, devido estas instituições atenderem a clientela da classe alta. As escolas que ficavam próximas da residência ofereciam um ensino diferenciado, defasado, ruim na visão da mãe de Conceição.

Dentro do espaço físico da unidade escolar onde a criança foi matriculada havia separação entre as pessoas, no piso superior eram alocadas as que eram mais adiantadas, as loiras e as que não repetiam de ano, entre outros critérios, e no piso inferior, as que não possuíam as características contrárias as mencionadas. A estudante não escondia o desejo de algum dia estudar no piso superior, se esforçava muito para isso, participava dos eventos escolares mesmo sem ser convidada. Sua intromissão incomodava alguns professores, outros gostavam. Quando estava na terceira série e foi aprovada para a quarta série devido ter se saído muito bem, foi para o sonhado piso superior.

O primeiro prêmio de literatura veio no ano de 1958, quando no término do primário participou de um concurso de redação que tinha como tema “Por que me orgulho de ser brasileira”.

Concluiu essa etapa de ensino e fez um curso ginasial permeado por constantes interrupções, e aos dezessete anos entrou para o movimento operário e se inseriu no JOC (Juventude Operária Católica), onde pode fazer profundas reflexões sobre a questão social e não racial, devido a igreja não discutir essas questões. Nessa época, os movimentos de base da igreja estavam a florados, porém com a ditadura se dissolveram. Trabalhou como empregada doméstica e babá para custear seu sustento, enquanto cursava os

estudos secundários (normal) no Instituto de Educação de Minas Gérias, almejava a carreira do magistério, se forma no ano de 1971.

Esse período estava bastante conturbado na vida de Evaristo e de outras pessoas que sofriam com o plano de desfavelamento, pois iria distanciá-los do centro de Belo Horizonte, tornando a vida daquelas pessoas mais difíceis do que já era, na periferia da cidade, as mazelas que a pobreza carrega consigo seria acentuada. Formada, com o diploma de professora em mãos, a docente não conseguiria ministrar aulas em sua cidade, devido ali não ter concurso público para o cargo, apenas indicações.

Então no ano de 1973, emigrou para o estado do Rio de Janeiro, carregando consigo a consciência de sua negritude, que havia inculcado devido a convivência que teve desde os quatro anos de idade com seu tio Oswaldo Catarino Evaristo, um expedicionário. No mesmo ano fez concurso para professora primária da rede pública municipal de ensino, onde atuou até o ano de 2006, quando se aposentou.

Ao chegar no Rio de Janeiro, começou a frequentar o bar Amarelinho, onde pessoas ligadas à militância do Movimento Negro se encontravam, ali teve contato e conheceu Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Jorge Mugugu, Abdias do Nascimento, entre outras pessoas. Em 1976, ocorre a fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, que oferecia diversas atividades das quais, às vezes, Conceição Evaristo participava, tais atividades tinham forte apelo à militância negra, logo Evaristo pode juntar se de vez aos que defendiam ideias com as quais compartilhava.

Em 1987, ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Letras, defendeu seu trabalho de conclusão do curso intitulado *A luta da mulher negra na sociedade: versificações na voz de Conceição Evaristo*. Formou-se em 1990, ano que ocorre a sua estreia oficial na literatura, na série *Cadernos Negros*.

Em 1992, Conceição Evaristo iniciou o mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pesquisou em sua dissertação, a literatura negra e defendeu o título: *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996).

Em 2011, a autora concluiu seu doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras cujo objeto de tese¹⁶ é a Literatura Afro-Brasileira em confronto com a Literatura Africana de Língua Portuguesa, através da pesquisa de parte da produção poética de alguns escritores e escritoras do Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

3.1.1 Participação de Conceição Evaristo nos *Cadernos Negros* e no Movimento Literafro

Em uma época em que títulos de autores negros eram raridade no mercado editorial, uma contra literatura era algo difícil de se encontrar. Diante dessa necessidade, em 1978, o poeta, ensaísta e dramaturgo Luiz Silva (CUTI), junto com o advogado Hugo Ferreira idealizaram a série literária *Cadernos Negros*.

Os idealizadores pensaram em redigir um livro de literatura com textos de pessoas negras que participavam no Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), e no Jornal produzido pela Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo. A nomenclatura se deu a partir das reflexões em alusão à Carolina Maria de Jesus e da maioria dos escritos negros que ocorriam em *Cadernos*, pois muitos eram desprovidos de máquina de escrever. Após convidar os escritores e reunir os poemas, Cuti organizou o primeiro volume da série. Desde então, ano após ano são divulgados em anos ímpares, poemas e, em anos pares, contos. Essa iniciativa foi importante para divulgar, incentivar a produção e leitura das obras dos escritores negros brasileiros. Visto que as grandes editoras não tinham interesse em publicar, tornando e tratando a produção negra como inferior. Ao longo da existência da série, vários foram os autores e autoras que encontraram acolhimento para suas experiências.

Conceição Evaristo foi agraciada na década de 90, na série, e pode ter seus contos e poemas contemplados para a divulgação. Ao público leitor foi oportunizado o acesso à literatura negra brasileira, onde o discurso tem como

¹⁶ Letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/194-conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica

principal característica o empoderamento da subjetividade negra. As vivências e o cotidiano de negros e negras embasam as temáticas desta literatura. O site **literafro**¹⁷ registra que foram publicados nos *Cadernos Negros*, 31 poemas e 7 coletâneas entre os anos 1990 a 2007. No decorrer desta pesquisa, pretendemos atualizar o número dessas publicações.

A ausência da produção e participação literária de autoras/es negras/os, na academia é acentuada quando se trata do gênero feminino. Desta forma, a importância de tornar conhecida essa literatura e suas autoras na Universidade. Neste sentido, a criação do literafro - Portal da Literatura Afro-brasileira tem relevada importância. O literafro foi criado em 2004 e sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade - Faculdade de Letras da UFMG, o nome em negrito e letra minúscula é uma forma de evidenciar o lugar periférico que os autores ocupam, é uma opção política do Núcleo. O portal objetiva propiciar aos estudantes e demais pesquisadores, o acesso ao acervo de literatura e de ensaios de autoria negra. A atualização de trabalhos ocorre diariamente por pesquisadores da Iniciação Científica, como parte de sua aprendizagem. O objetivo primordial do literafro é ofertar materiais para leitura, reflexão e discussões a fim de que a Lei n. 10.639, de 09/01/2003¹⁸, seja efetivamente implantada nas escolas do país. O portal vê o uso da tecnologia e da *internet* como uma ferramenta potencial para intermediar o conhecimento entre leitores e autores, devido a esse fator, cotidianamente desenvolve novas técnicas de interação, mas sempre mantendo o compromisso, a tradição e a responsabilidade com a literatura negra.

3.1.2 Produção Literária de Conceição Evaristo

Evaristo teve seis poemas incluídos no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros*, uma série que foi lançada em 1978 e tinha como objetivo dar visibilidade para a literatura negra brasileira. Essa coletânea era

¹⁷ Cf. <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/>

¹⁸ Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs

organizada de modo que a cada ano poemas e contos de participantes fossem escolhidos e fomentassem a literatura da periferia.

No ano de 2003, a autora publicou seu primeiro romance *Ponciá Vicêncio*, narrativa que conta a história de uma mulher negra que deixa sua cidade natal para tentar sobreviver na cidade grande. Entre os personagens tem o vô Vicêncio, homem que nasceu escravo e morreu quando a protagonista da história era criança, há também o irmão da mesma que sonha em ser soldado, nota-se a presença da mãe e ausência do pai. Vicêncio é um sobrenome herdado de um coronel que tinha a posse dos escravos ancestrais da protagonista.

Em 2006, Evaristo publica o romance *Becos da Memória*, que apresenta o espaço (favela do Pendura Saia), como uma colcha e os personagens como os retalhos costurados um a um com suas histórias de exclusão, entre eles, bêbados, desempregados meninos de rua.

Conforme relatos da autora, a escrita deste trabalho, teve início na década de oitenta, sua forma original era manuscrita e, depois datilografada, por fim, digitada. No ano de 1988, a obra estava revisada e pronta, seria publicada pela Fundação Palmares/Minc, como parte das comemorações do Centenário da Abolição, mas o projeto não teve continuidade, talvez por falta de verba, o livro ficou no fundo da gaveta, não foi publicado. Anos depois, em outra gestão, a mesma instituição, se colocou à disposição para retomar o projeto e publicar a obra, entretanto, de acordo com Evaristo, a obra estava acostumada a ficar na gaveta e só quase vinte anos depois é que surgiu sua primeira publicação.

A próxima publicação da autora se dá no ano de 2008, intitulada *Poemas de recordação e outros movimentos*, que trata de temas como a diáspora negra, a autoria feminina e a construção da identidade negra. Nessa nova perspectiva literária, faz uso da intertextualidade, dialoga com a poesia de Drummond (No meio do caminho: deslizantes águas “Da advertência de Carlos/ faço moucos meus ouvidos”), Nei Lopes (Cremos), Adelia Prado (Só de sol a minha casa), prosa de Clarice Lispector, Carolina de Jesus (“no meio da noite/Carolina corta a hora da estrela. Laços de sua família um nó/ a fome”).

Os poemas de Evaristo expressam a resistência da mulher negra, com um olhar voltado a dismantelar os estereótipos que foram criados no imaginário brasileiro acerca da pessoa negra, em especial, as mulheres.

Ainda em 2008, iniciou o doutorado na universidade Federal Fluminense, onde aprofundou pesquisas sobre literatura afro brasileira e angolana. Defendeu sua tese em 2011, com o título *Poemas malungos, cânticos irmãos*. Neste trabalho, ela analisou a poesia dos afro brasileiros Nei Lopes, Edimilson de Almeida e do angolano Agostinho Neto. Contista, poetisa e romancista, aborda em seus escritos, por meio da busca da memória de seus ancestrais como era e ainda é a condição humana de exclusão a que são submetidas as pessoas negras e pobres.

O terceiro livro publicado da autora é *insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), uma coletânea com treze contos, todos sobre mulheres negras e cada um tem como título, o nome de uma mulher. O livro apresenta uma narradora que viaja pelo país, para ouvir a história de mulheres e reproduzir a história, inventada reescrita através do conceito cunhado por Evaristo escrevivência (histórias contadas a partir da vivência no mundo real).

O livro encena o ato da escuta, pois a narradora se encontra com as mulheres e as mesmas relatam suas histórias de dor, sofrimento, solidão, racismo, violência doméstica e demonstra a resiliência das mulheres que apesar de todo o sofrimento vivido, sobreviveram para contar sua vivências, retomando o controle das suas vidas.

Outra publicação de contos da autora é *Olhos d'água* (2014), a obra contém 15 contos com temas como: violência urbana, miséria, prostituição, etc., no qual a autora desenvolve histórias de mulheres e crianças negras que vivem em favelas no Brasil, em situações precárias e desumanas.

Em 2016, lança o livro *Histórias de leves enganos e parecenças*, que contém 12 contos e uma novela.

Em 2018 lança o livro *Canção para ninar menino grande*. Pelo título, nota-se que Evaristo parece ter mudado o foco. Nesse livro o personagem principal é um homem, Fio Jasmim que ocupa o centro da narrativa, porém, as mulheres com quem ele se relaciona têm um papel central na obra. Trata-se de um homem negro, jovem, com perfil físico belíssimo, trabalha como

assistente de maquinista, a cada parada que o trem faz ao chegar em seu destino, o jovem desce para contemplar a beleza do local e também das mulheres. Isso acontece com uma enfermeira, que nada nua no rio, a moça pertence a uma família nobre, entre outras histórias. O protagonista tem uma esposa e é pai de quase uma dezena de filhos, mesmo assim tem uma obsessão por encantar e seduzir mulheres. Talvez, tal atitude seja desencadeada devido ter sido lhe ensinado que esse seria o seu papel enquanto homem negro.

No decorrer da história, em determinado momento, há uma narração onde diz que na escola em sua infância, foi impedido pela professora de atuar em uma peça, devido ser negro, o personagem era um príncipe, portanto teria que ter características contrárias as do menino. Na fase adulta, o protagonista busca ser esse príncipe que ao mesmo tempo que seduz e encanta tem o poder de rejeitar as mulheres escolhendo a que bem quiser. Acostumado a colocar seu corpo à disposição do prazer, o homem é surpreendido quando se depara com uma mulher lésbica que não está interessada em qualquer relação que não seja a amizade. A narração leva a refletir acerca dos estereótipos que são dirigidos ao homem negro no que se refere a sua masculinidade e virilidade.

Em 2023, Conceição Evaristo nos surpreende com o conto *Macabéa: Flor de Mulungu*. O conto narra em trinta e seis páginas, o renascimento da personagem Macabéa, para quem a autora atribui um nome composto (Macabéa: Flor de Mulungu), tecendo um diálogo com *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. “Trata-se de uma narrativa poética, sensível que confere à personagem renascimento e empoderamento, a partir do momento em que a mesma reconhece o poder de sua ancestralidade africana” (Alves, 2024, p. 2).

3.1.3 Reconhecimento e Premiações

No ano de 2007, em sua terceira edição, o prêmio “Camélia da Liberdade”, oferecido anualmente pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas, na modalidade escritor, foi entregue para a autora,

patrocinado pela Petrobras. O prêmio é concedido a organizações, instituições ou empresas que realizam ações para a inclusão social da pessoa negra.

Ainda no ano de 2007, recebeu o prêmio *Ori*, o mesmo foi criado pela prefeitura do Rio de Janeiro por meio da Secretaria de Cultura, o objetivo é valorizar e homenagear nomes importantes da literatura brasileira.

A 61ª edição do prêmio Jabuti, 2019, teve aproximadamente 2103 obras inscritas, um corpo de jurados especialistas avaliou as obras inscritas nas categorias. A indicação de Conceição Evaristo foi unânime, uma novidade uma vez que por muito tempo essa homenagem era elitista, nesse sentido, deu vez a uma voz que por muito tempo foi negada, o prêmio foi na categoria contos e crônicas, por *Olhos D'água*. O prêmio Faz Diferença, categoria prosa de 2017, homenageou a autora, iniciativa do Globo em parceria com a Federação da Industrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan).

Prêmio Claudia, categoria cultura de 2017, homenageou Conceição, a mesma diz ter ficado surpresa, pois para ela “conceber uma mulher negra, com um prêmio em cultura é inédito. Rompe com uma imagem que nos coloca sempre no lugar comum, no lugar da subalternidade. Ou quando nos distingue é para a música ou a dança. É novo imaginar que as mulheres negras escrevem, são professoras, são filosofas. Dedico esse prêmio as duas mulheres que concorrem comigo. Fico Feliz pois as duas são pessoas de lutas fortes”. (Leituras da Bel)¹⁹. Essa foi a fala de Conceição Evaristo durante o seu discurso de agradecimento.

O prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais, 2017, foi para a literata, pelo conjunto de sua obra, ela foi a primeira mulher negra a receber o prêmio desde que foi criado em 2007.

Os livros de Conceição Evaristo foram indicados como leitura obrigatória em instituições de ensino como: UFSC, UFMG, USP, UNIOESTE, UEL, UNICENTRO, UEM, na rede Estadual de Minas Gerais, na rede CEFET, dentre tantas outras instituições.

O Inep incluiu no caderno de provas do ENEM, uma frase da autora, para que os estudantes copiassem no cartão de resposta. Essa prática é realizada em todas as edições, a transcrição é um meio de segurança para o

¹⁹ Disponível em: <https://blogs.opovo.com.br/leiturasdabel/2017/10/02/escritora-conceicao-evaristo-e-vencedora-premio-claudia/>

aluno. Para a autora, o reconhecimento pelo seu trabalho deve ser estendido às mulheres negras que ocupam outras áreas, pois, por vezes, a sociedade não acredita em suas capacidades limitando-as, estereotipando-as como sendo boas para exercerem funções como empregadas domésticas, lavadeiras ou outras subalternizadas. As mulheres negras têm competências para administrar, produzir política, literatura, ciência, cantar, dançar, etc. da mesma forma que a mulher branca.

A autora Conceição Evaristo tem diversas obras publicadas, com temáticas voltadas para a história da pessoa negra com foco para o protagonismo feminino. Entre os temas, citam-se a discriminação racial, gênero e classe. Em 2017, foi tema da Ocupação do Itaú Cultural de São Paulo, em 2019 foi homenageada na Bienal do Livro de Contagem. Em 2018, Evaristo se candidatou a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras, a mesma demonstrou desejo e disposição, mas recebeu apenas um voto e o eleito foi o cineasta Cacá Diegues. Em 2023, foi laureada com o Troféu do Prêmio Juca Pato, de intelectual do ano. O prêmio foi um reconhecimento pela sua contribuição à literatura de autoria feminina negra, pela obra *Canção de Ninar Menino Grande*. Foi condecorada com o título de doutora Honoris Causa pelo Instituto Federal do Sul de Minas (FSULDEMINAS), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). No dia 15 de fevereiro de 2024 foi eleita para ocupar a Cadeira número 40 da Academia Mineira de Letras, a posse ocorreu no mês de março de 2024.

Diante desta breve apresentação verificamos o protagonismo de Conceição Evaristo e o reconhecimento como escritora que se destaca pelo pioneirismo de sua literatura fundada nas vivências, suas e de outras mulheres racializadas, descendentes de povos escravizados. Seus textos podem ser lidos como produção literária decolonial, na medida em que sua arte evoca um modo diferente de ler a história e a cultura afro-brasileira.

O termo decolonialidade foi criado a partir do momento que intelectuais da América Latina e de outros lugares questionaram o que transcendeu e o que permaneceu na história e na formação cultural dos povos colonizados com o fim do colonialismo; como discursos e valores. O conceito é gestado no bojo do Grupo Modernidad/Colonialidad, composto por intelectuais latino-

americanos, de diferentes áreas de conhecimento, com o objetivo de rever verdades construídas ao longo do tempo que impediram e impedem os sujeitos de compreenderem os espaços que ocupam. O Grupo surge como uma crítica à modernidade e ao colonialismo epistêmico que a Europa e o “primeiro mundo” impuseram sobre os países ditos periféricos. As figuras centrais do coletivo, como é conhecido, o Grupo aqui citado, são o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano e o semiólogo e teórico cultural argentino-estadunidense Walter D. Mignolo.

O ensaísta colombiano Damián Pachón Soto destaca que:

Existe un segundo nivel de integrantes, que, igualmente, han realizado aportes relevantes, pero su trabajo ya acoge los aportes del anterior trío. Entre ellos se encuentran el filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez, el antropólogo colombiano Arturo Escobar, el sociólogo venezolano Edgardo Lander, el antropólogo venezolano Fernando Coronil, el filósofo puertorriqueño Nelson Maldonado Torres, el sociólogo puertorriqueño Ramón Grosfoguel y la lingüista norteamericana Catherine Walsh, quien trabaja desde la perspectiva de los estudios culturales en Ecuador. Otros intelectuales cercanos al grupo, o que constituyen generaciones nuevas, son Óscar Guardiola Rivera –filósofo colombiano–, Zulma Palermo, Freya Schiwy, Juliana Flórez y Mónica Espinosa. Es justo resaltar aquí el diálogo, los aportes y las actividades académicas conjuntas que con los principales miembros del grupo ha realizado el sociólogo norteamericano Immanuel Wallerstein (Soto, 2008, p. 02).

Como é possível perceber, há um crescente interesse por parte de pensadoras e pensadores que contribuem com a expansão de um pensamento decolonial, em diferentes áreas de conhecimento, advindo de países que sofreram processos de colonialidade e que após um período de independência das metrópoles, passam a construir um modo de pensar diferente do jugo colonizador.

Estas(es) intelectuais conjecturam o mundo de maneira diferente, pois os processos de colonialidade e independência são diferentes em cada território, contudo têm em suas pautas algo em comum, que é justamente uma crítica contra o sistema capitalista, patriarcal e colonial com a proposição de uma possível intervenção, por exemplo, acolher outras vozes e ouvir suas realidades e valores. De acordo com Françoise Vergès:

Na França, o termo costuma estar associado ao ativismo antirracista e a um amplo combate à xenofobia, destacando-se a defesa de imigrantes e descendentes de imigrantes vindos de ex-colônias. No Brasil, o adjetivo ‘decolonial’ tem sido associado à recepção de estudos do Grupo conhecido como Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade, formado por pesquisadores latino-americanos atuantes nas Américas (ver, a esse respeito, autores como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo e Catherine Walsh) (Vergès, 2020, p. 8).

O colonialismo de acordo com estas(es) intelectuais não acabou, em algumas situações, principalmente, ao tratar da mulher negra, o pensamento colonialista é muito presente, diante disso, tais intelectuais direcionam um olhar mais aguçado para o feminismo, devido as mulheres subalternizadas terem passado por experiências traumáticas e desumanas em razão de questões referentes à classe, raça e gênero. Na literatura, pautas do feminismo decolonial se apresentam como elementos organizadores das obras, no tratamento temático, na focalização narrativa, na construção de personagens, na ambientação espaço-temporal e, sobretudo nas heterotopias da linguagem poética e sua potencialidade em fazer eclodir “verdades” cristalizadas e trazer à tona histórias silenciadas, a exemplo da produção literária de Conceição Evaristo. Muitas autoras escolhem o gênero memorialístico no amplo leque das escritas de si.

Gostaria aqui de conectar as palavras “beco” e “memória” como vocábulos que se caracterizam por fragmentos e partes. Beco se refere a uma rua estreita curta, que pode não ter saída, ou ligar o espaço a ruas maiores. A memória humana refere-se a pequenos fragmentos que se armazena em diferentes partes do cérebro, que são acionados pelo hipocampo, uma estrutura cerebral que evoca a memória quando necessário, ligando situações passadas com as circunstâncias do presente.

Maurice Halbwachs (2013) assevera que as memórias do passado são significativas para um grupo, pois elas fazem parte da história e compõem a identidade desse grupo.

No romance *Becos da Memória*, a personagem narradora Maria Nova é uma menina, evoca, já adulta, os acontecimentos e os modos de percepção do ambiente em que ela morava, uma favela. Neste sentido, a personagem buscou nos becos da sua memória lembranças da infância, do espaço em que ela e familiares residiam e conviviam, isto é, pessoas pertencentes a três gerações. A evocação da memória ocorre sempre indagando os valores e as relações entre as pessoas que se encontravam em uma situação de becos sem saída, para resolver os problemas de saúde, moradia, desemprego e outros que assolavam os mesmos.

Tais aspectos serão analisados, na próxima seção da dissertação, com base na leitura de *Becos da Memória* (2018).

PARTE IV
-
ESCREVIVÊNCIAS: BECOS DA MEMÓRIA

O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora de futuro (Bosi, 2002, p. 66).

Um dos objetivos desta pesquisa é identificar o conceito de “escrevivência” desenvolvido na obra *Becos da memória* (2018), partindo de um estudo da focalização narrativa e das personagens femininas presentes nesta obra. Este objetivo articula-se ao estudo das escritas de si que configuram grande parte da produção literária da autora.

Conceição Evaristo é uma das autoras afrodescendentes brasileiras, que assumiu a importância da influência da experiência de vida em seus textos. Esta opção está elaborada em seu conceito de “escrevivência”, termo criado pela autora para designar um tipo peculiar de escrita que se constitui, a partir de três elementos formadores básicos: corpo, condição e experiência. Para a autora, a escrita é resultado da relação entre vivência, experiência e memória do sujeito que escreve e está relacionada à questão histórica do processo de escravização dos povos africanos, sobretudo, das mulheres africanas.

Eu venho trabalhando com esse termo desde 1994, 1995 em minhas aulas, mas só, agora na escrita desta dissertação, eu começo a fazer um jogo entre escrever-viver, escrever-se-ver, escrever-se-vendo, escrevendo-se, até chegar ao termo escrevivência de Evaristo. De acordo com a autora, o ponto de nascimento dessa ideia traz um fundamento histórico, que é o processo de escravização dos povos africanos e aqui se refere as mulheres africanas e

suas descendentes escravizadas. “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2021). De seus romances, contos, poesia e ensaios ressoam “as vozes e experiências de mulheres negras e da população afro-diaspórica no Brasil. Ao escrever e pensar a partir desse lugar, Evaristo cria o conceito de “escrevivências”, que significa e permite a reescritura da própria história brasileira a partir das vozes de pessoas negras”.

Neste contexto, a literatura ética e estética assumida por Conceição Evaristo representa uma estratégia de resistência política contra as representações negativas sobre o continente africano, sua história, seus líderes, intelectuais e ancestralidade provenientes de um passado colonial recente e de um imaginário branco, eurocentrado e imperialista, no qual, o racismo estrutural tem origem. O romance *Becos da memória* (2018) remete a um contexto histórico importante para o movimento negro no Brasil, tal como relata a autora, “Em 1988 o livro seria publicado pela Fundação Palmares/Minc, como parte das comemorações do Centenário da Abolição, projeto que não foi levado adiante, acredito que por falta de verbas”. A partir deste excerto é possível verificar os silêncios velados da história e o descaso das políticas públicas com relação à cultura afro-brasileira.

Observa-se a interseccionalidade na construção das personagens de Evaristo, na forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios mostram desigualdades que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes na narrativa.

Nesse sentido, nesta seção da dissertação, nos propomos a analisar o romance *Becos da memória*, acreditando que a autora utiliza o exercício da memória, através de diversas evocações e remissões ao passado, como artifício de atração e envolvimento de seus leitores. Desse modo, verificamos a configuração autobiográfica a partir do tratamento do tempo e da reminiscência na narrativa, em aproximação com a escrita de si como gênero literário.

4.1 BECOS DA MEMÓRIA: ESCRITURA E REMINISCÊNCIA NARRATIVA

Becos da Memória foi escrito em 1988 e publicado quase vinte anos depois de escrito, primeira publicação, em 2006, trazendo em si vestígios da luta pela publicação e disseminação da literatura africana e afrodescendente no Brasil, por isso inserimos, nesta dissertação um item que apresenta editoras que nasceram em processos de militância e protagonismo negro. Ao publicar a terceira edição da referida obra, Conceição Evaristo fala aos leitores:

Novamente entrego *Becos da memória*, agora em sua terceira edição, ao público leitor. É um especial momento. Nessa entrega, um pouco das memórias da construção de *Becos* são ativadas. Como já disse em outras ocasiões, esta narrativa nasceu em 1987/88, sendo, pois, anterior à escrita dos contos e do romance *Ponciá Vicêncio*. Foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de escrevivência. Arrisco-me a dizer, também, que a origem da narrativa de *Becos da memória* poderia estar localizada em uma espécie de crônica, que escrevi, ainda em 1968. Naquele texto pode ser apreendida a tentativa de descrição da ambiência de uma favela (Conceição, 2018, p. 11).

A temática do romance gira em torno do tema do desfavelamento de uma comunidade que passava por transformações relativas ao espaço habitado, destaca-se o caráter de denúncia da exploração e das injustiças individuais e coletivas sofridas pelos moradores da favela. No início da narrativa de *Becos da Memória*, a narradora Maria-Nova é a principal responsável pela transposição das experiências vividas durante a trama, depois a narração vai oscilando entre terceira e primeira pessoa.

Maria-Nova é também a protagonista do romance. A personagem, de 13 anos é afrodescendente, filha de Mãe Joana. Mora em um barraco caiado de branco com Tio Totó e Maria-Velha, sua terceira mulher. Maria-Nova observava tudo o que acontecia na favela e ouvia com atenção as histórias

contadas por Bondade, Tio Totó e Maria-Velha, com o intuito de um dia contá-las. Gostava muito de Vó Rita que era a matriarca da favela, através de suas mãos muitos marmanjões e marmanjonas tinham vindo ao mundo. “Vó Rita era gorda e alta [...] Tinha voz de trovão” (Evaristo, 2013, p. 44). Vó Rita morava em outro barraco com a Outra, a personagem leprosa, que só tinha o amor e os cuidados de Vó Rita. Todos os demais a discriminavam. “Vó Rita dormia embolada com ela”. As personagens revelam dor, opressão e silenciamentos.

Candido, ao refletir sobre a personagem de ficção, esclarece que:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial (Candido, 2007, p. 55).

Por meio da rememoração, Conceição Evaristo ficcionalizou as lembranças do tempo que viveu com sua família, amigos e conhecidos em uma favela em Belo Horizonte (MG), buscando no passado elementos que marcaram a construção de seu processo identitário. Tal como relata a autora em suas entrevistas, as experiências vividas provocavam inquietações desde sua meninice e ela sabia que em algum momento deveria ou iria externalizar tudo o que experienciou, presenciou e sentiu. Para tanto criou a personagem Maria Nova, com o objetivo de ser a porta-voz daquelas pessoas e assim inseri-las na história, retirando-as do silêncio a que foram submetidas.

A caracterização física, que a narradora apresenta da personagem Maria Nova, em algumas passagens do romance é a de uma menina magra, esguia, olhos indagadores, psiquicamente à medida que crescia, tornava-se uma pessoa forte, decidida, “estava sendo forjada a ferro e fogo” (Evaristo, 2017, p. 12). Assim como as demais personagens femininas apresentava também tristeza e, às vezes, ficava um pouco deprimida. Mas como não ficar diante de tanto sofrimento, violência e descaso que testemunhava os seus, como a dolorosa passagem da vida para a morte de Filó Gazogênia. Uma

mulher, que quando chegou na favela era sacudida, trabalhadeira, honesta, o tempo passou e se tornou uma pobre velha que acometida pela tuberculose estava sozinha no leito de sua cama, tinha uma filha e uma neta, mas também doentes, encontravam-se internadas em uma casa hospitalar. O internamento foi providenciado pelo patrão da filha que segundo a narrativa estava tentando arrumar para Gazogênia. O que suscita dúvidas no pensamento desta que escreve, pois para o patrão é sempre melhor pensar meios que não perca a sua mão de obra.

Filó Gazogênia temia o desfavelamento, que mudava a rotina de todos os moradores, principalmente das mulheres, que conforme a narrativa, desempenhavam vários papéis, eram esposas, mães, trabalhadoras e nesse momento tinham seu direito à moradia negado, algo que lhes causava preocupação, pois sabiam que a cada família que estava saindo logo chegaria a sua vez. Nesse sentido a autora coloca que:

Todos, sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais. O que seria a lei usucapião? (Evaristo, 2017, p.71)

A preocupação e a angústia relatada na citação acima era de todos e não era diferente para Maria Nova. Outros sentimentos como a dor, o medo e o rancor tomavam conta do coração das pessoas daquele lugar. Pois estavam sendo expulsas de um espaço que consideravam seu, a fim de entregar sabe-se lá para quem, vidas e histórias não interessavam a ninguém, naquele contexto de exploração imobiliária e desfavelamento.

Dava-se a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez. As famílias estavam mudando havia um ano, mas, tempo antes, já havia a ameaça de que tudo iria acontecer. De tempos em tempos aparecia por lá engenheiros para medir a área. Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do governo (Evaristo, 2017, p.117).

O desrespeito e o descaso para com o sujeito eram postos em prática, visto que por parte dos pretensos donos havia um planejamento, uma organização, mas para os moradores da favela restava escolher entre alguns trocados ou algumas tábuas e tijolos que a construtora oferecia, a fim de que saíssem dali sem o devido apoio e programação.

À medida que as preocupações iam crescendo, as histórias de becos iam se entrecruzando, permitindo visualizar como os fatores sociais, raça, gênero e classe social influenciavam a construção identitária das personagens. Maria Nova vivenciava algumas, outras escutava, como a que o personagem Bondade certo dia lhe contou. Que havia em um barraco da favela uma menina que tinha a mesma idade que Maria Nova, era filha de um pai bêbado e de uma mãe ambiciosa em ter o básico para suprir as necessidades da família, mas que um dia numa atitude talvez impensada vendeu sua filha para um vendedor da fábrica de cigarros. Às vezes, a pobreza extrema, aliada a vulnerabilidade social, força os sujeitos à violação do direito, até mesmo dos seus. O sistema capitalista é capaz disso, jogar as pessoas umas contra as outras não importando se têm grau de parentesco ou se é um estranho.

Após escutar a história de Bondade, à noite, ao dormir, Maria Nova sonhou e sentiu as dores da amiga Nazinha. Teve também a história de Fuizinha, uma menina que tinha mais ou menos a sua idade, e a de Nazinha, que o pai a espancava bem como, sua mãe. Ambas sofriam em silêncio a violência doméstica, certo dia a mãe de Fuizinha passou por uma violência tão grande que a silenciou definitivamente. A infeliz menina continuou sua vida, sofrendo a fúria, os abusos e o machismo do pai, que tinha um discurso de que mulher é para tudo, para fazer qualquer coisa e permitir que o outro lhe faça o que bem entender. Ideia oriunda do sistema patriarcal que percebe a figura feminina como um sujeito inferior nas suas especificidades físicas e mentais, um ser objetificado. Pensamento comum disseminado na sociedade, onde muitas mulheres compraram a ideia da submissão pelo viés religioso, moral e cultural. E, nessa submissão deixam transparecer apenas as violências explícitas, e em muitos momentos de suas vivências, desconhecem

a violência simbólica e ou implícita que são produzidas nas categorias sociais que carregam ideias colonizadoras. Nesse sentido, de acordo com Lugones:

As feministas de cor têm frisado aquilo que só é revelado, em termos de dominação e exploração violentas, quando a perspectiva epistemológica se concentra na intersecção dessas categorias. Ainda assim, isso não tem sido suficiente para fazer os homens de cor, que também são vítimas de dominações e explorações violentas, perceberem que em certa medida também são cúmplices ou colaboradores na efetivação da dominação violenta das mulheres de cor [...] (Lugones, 2020, p. 52).

Percebe-se a ideia da subordinação na relação vivida por Joel e as três irmãs, Balbina, Mundica e Lica. As três mulheres tinham uma percepção de mundo na qual Joel entrava e manipulava esses mundos com a falácia de apenas não terem filhos, no mais estava tudo certo na sua visão de macho. Nesse olhar para as mulheres de *Becos da Memória*, podemos facilmente perceber o quanto e como o sistema escravista interferiu na formação das subjetividades das mesmas, fazendo-as se sentirem inferiores, submissas, subordinadas, primeiro a um sistema de trabalho; segundo, inculcando em algumas mentes estereótipos relacionados a seus corpos. Como exemplo, cita-se a sua sensualidade selvagem, onde o corpo negro é posto como desprovido de alguns atributos que o faz diferente da mulher branca. Mas, que este corpo negro serve como o de ninguém para realizar os desejos sexuais masculinos. Desenvolvemos esta reflexão, a partir da personagem Cidinha – Cidoca, “rabo- de ouro”.

A personagem é apresentada ao leitor como uma mulher bonita, corpo macio e quente, “mansa, muito mansa”. O adjetivo “mansa” nos remete a pensar que se tratava de uma pessoa de temperamento sossegado, calmo, tranquilo ao extremo. Sua vestimenta preferida era um vestido na cor branca e solto sobre o corpo, assim ficaria acentuada a sua nudez negra. O que provavelmente a faria sentir-se confortável, e também pela praticidade ao desenvolver seu trabalho, além de torná-la tentadora aos olhos masculinos.

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o ‘rabo-de-ouro’. Não havia quem o provasse e não tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca (Evaristo, 2017, p. 21).

Cidoca é apresentada como uma prostituta que tinha muitos fregueses, sua clientela aumentava ainda mais quando acontecia, na favela, dois grandes eventos. O primeiro eram os festivais de bola, que ocorria uma vez por ano, porém, durava meses e realizava-se nos sábados e domingos, trazia muita alegria. Invertiam-se os objetivos, durante a partida de futebol, ao invés da bola, o corpo de Cidoca era motivo de concentração dos jogadores. Era bastante conhecida, tinha “fama”, às vezes, alguns homens até queriam levar a moça consigo, afinal ficar com Cidinha era como se recebessem um troféu, mas, a mulher tinha vontade de partir, porém, nem ela nem o pretendente se arriscavam.

Os antigos homens, pretensos donos de Cidinha, estavam na espreita. Deitar com ele ou outro, sim, ela podia, afinal era fama, prestígio para a favela, mais um para contar as delícias da mulher. Porém, Cidinha ir saltar as divisas, ultrapassar os limites do campo empoeirado... Não! Nem ela nem ele seriam doidos para se meterem em tamanha loucura (Evaristo, 2017, p.26).

Nota-se que Cidinha era vigiada por alguns homens da favela, que a tinham ou a consideravam um objeto sexual, afinal, ela deitar-se com os outros homens podia, pois trazia notoriedade para a favela, contudo, ir embora, mudar a sua vida, não, eles perderiam “o turismo sexual da favela”. Logo, não permitiam sua partida, tinham Cidoca como um patrimônio.

O segundo, eram as festas juninas organizadas nas casas de quem tinha mais condições. Mas o “festerê” oficial da favela era na casa de Cabo Armindo, esta (a festa) deixava todos eufóricos, tinha quadrilha, fogueira e comidas típicas a vontade. Algumas pessoas comentavam que Cabo Armindo cedia o local e organizava a festa, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro vizinho. Entre os participantes da festa estava Cidinha – Cidoca, com seu vestido caipira, branco e com renda. Ao entendermos que alguns homens tinham um tipo de posse sobre Cidoca, mais uma vez observa-se a presença do machismo para com as mulheres de *Becos da Memória*. Um machismo opressor, pois Cidoca expressava a vontade de partir, porém não lhe era permitido. Possivelmente, esse contexto ocasionou-lhe trauma

psicológico, pois à medida que a narrativa avança, a personagem vai apresentando um comportamento depressivo.

Cidinha Cidoca andava muito quieta ultimamente. Quem te viu quem te vê!... Alheia pelos cantos do botequim, nem cachaça exigia mais. Suja, descabelada, olhar parado no vazio. Se lhe dessem trago bebia. Se não dessem, nem da secura na boa reclamava mais (Evaristo, 2017, p. 21).

O comportamento desencorajado a acompanhou até o momento, que, de calada, resolveu excessivamente dizer que iria “Morrer de não viver...” (Evaristo, 2017, p. 22). Esta fala de Cidoca levou as pessoas a acreditarem que a mesma havia enlouquecido de vez. O desabafo era incompreendido, a pobre desejava apenas comunicar que não via sentido em sua vida, que vivia por viver.

O “Morrer de não viver...” se concretizou em um domingo de manhã, quando Cidoca foi encontrada de modo inexplicável, sem vida em um Buracão que existia, em uma área vazia da favela. Aquele corpo representou lucidez, loucura e por fim virou história do passado, embora estivesse presente em alguns becos, espaços como o botequim, na memória dos homens que haviam conhecido seu corpo. Com as fases de lucidez e loucura de Cidoca, os moradores da favela já haviam se acostumado, mas com a morte era diferente.

Observa-se na obra que as histórias se passam como blocos carnavalescos na avenida, o leitor vai acompanhando um a um e ao mesmo tempo que percebe existência de regras, nota algumas exceções. A personagem Dora era tranquilamente uma exceção, podemos fazer a leitura desta personagem como sendo uma mulher que tinha uma forma de pensar muito diferente das demais do seu grupo. Enquanto algumas personagens eram prostitutas, exploradas e violentadas sexualmente, outras exerciam a função em trabalhos subalternizados. Dora se apresenta como uma mulher muito bonita, alta, voz e corpo melodioso, que gostava muito de si própria, tiradeira de terço e conhecida por muitas pessoas. A mulher psicologicamente era empoderada e tinha autoconfiança, autoestima e controle sobre a sua sexualidade. Características que a diferenciava naquele contexto. Não era uma mulher passiva em seus relacionamentos amorosos se deitava com os homens era por que gostava, devido lhe dar prazer. Teve um filho e não viu

problemas em deixar a criança para o genitor cuidar. Ou seja, não se enquadrava no padrão comportamental imposto pela sociedade.

Depois de já haver deitado com tantos homens, depois de já haver deitado meses e meses com o espanhol e nunca haver pensado sequer em filho, se descobriu grávida. O homem, de tempos em tempos, visitava a família. Viu a barriga de Dora, perguntou se era dele. Dora confirmou. Tudo certo, tudo bem. Se Dora quisesse, ele ficaria com a criança. Criaria. Ela poderia ver a criança, estar com a criança quando quisesse. Poderiam casar, se ela quisesse também. Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem a barriga. Dora não queria nada (Evaristo, 2017, p.93).

Dora é a mulher que despertou o interesse de negro Alírio, o homem, após ouvir as histórias da moça, a considerou inteligente e não compreendia como a mesma não conseguiu construir um futuro diferente para si. Ao analisarmos esta personagem, compreendemos que o processo de escravização não permitiu a ascensão das mulheres negras, o intuito era deixá-las na condição de subalternidade, exclusão e desumanização. A narrativa explicita que Dora poderia ter construído uma vida diferente e, no entanto, não conseguiu. É desolador tal caracterização continuar de modo velado sendo perpetuada na sociedade capitalista que vivemos. Como percebeu negro Alírio, Dora era inteligente, mas carregava consigo uma ancestralidade cultural que não a enaltecia.

4.2 REFLEXÕES SOBRE AS PERSONAGENS E OS PROCESSOS MEMORIALÍSTICOS

Becos da Memória é uma ficção que confunde escrita e vivência e como tal a obra trata de recordações do passado que ficaram na memória dos personagens, sendo acionadas por algum acontecimento do presente. Por meio da ficção, é possível acessar níveis de realidade. As construções literárias possibilitam o deslindamento da dinâmica, das relações que compõem a sociedade, uma vez que as narrativas – orais e escritas – constituem formas privilegiadas de apreendermos aspectos da constituição da memória coletiva e individual, da dinâmica social e discursiva, de quem somos, conforme Octávio Ianni (1996). As personagens, ao serem criadas,

comunicam uma verdade existencial, conforme Candido (2007), ou seja, a literatura memorialística se alimenta de fragmentos sociais e históricos.

A partir destas considerações, iniciamos por falar do personagem Antonio João da Silva, o tio Totó, o mesmo era filho de pais escravos, ele, porém nascido na Lei do Ventre Livre, promulgada no ano de 1871, pelo legislativo brasileiro, que tinha o objetivo de gradualmente abolir a escravidão no Brasil. Tal Lei, conforme afirmam alguns historiadores promovia a vida dos grandes fazendeiros, pois se a lei vigorasse, imediatamente, traria prejuízos para os mesmos, implementada aos poucos continuaria a beneficiar latifundiários. Assim Totó vivera sua infância e juventude livre, mas preso as mazelas que a escravização deixou para seus descendentes. Uma delas era “viver aqui acolá”, afinal se não tinha mais o compromisso com o trabalho escravo, nas fazendas dos patrões, poderia se deslocar para onde quisesse, sem auxílio, mesmo que a partida ocorresse devido a algo não provocado pelo negro, como a venda das terras pelo proprietário, ou o surto de Tuberculose. Totó se viu numa situação dessas, e certo dia teve que partir com a mulher e a filha, sair da fazenda em que foi criado. Queriam esquecer as histórias suas e dos seus, passaram dias e dias no meio do mato, sobrevivendo, e enquanto sobreviviam.

Lembravam histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens livres, em terras longínquas. Lembravam-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-jesus de que tanto falavam os senhores e os padres (Evaristo 2017, p. 20).

O personagem e sua família procuravam lembrar de passagens boas de um outro lugar, para tentar superar a dificuldade vivida naquele momento. Não imaginavam que o pior estava por vir, ao atravessarem um rio, em que a correnteza levou a mulher, a filha e os pertences de Totó, chegando sozinho ao outro lado da margem.

As duras lidas que passou, a perda do trabalho e da família causaram uma ferida em Totó que chegou a pensar em voltar para o rio e deixar que as águas levassem o seu corpo, mas só pensou não teve coragem de voltar ao rio e nem a vida. Está história pontiaguda era rememorada para Maria Velha e para Maria Nova que escutavam Totó nos momentos que o homem se sentia

ludibriado pela vida, desesperançado acreditando que o seu corpo pedia terra. Ainda buscava na memória e contava para as Marias as lembranças de seu segundo casamento, o que se deu com nega Tuína.

A personagem é descrita como uma moça bonita, miúda e caprichosa, que trabalhava na cozinha da fazenda, onde era cultivado algodão. Na narrativa, a mesma observava o corpo negro do homem em meio ao algodão, ambos demonstravam interesse um pelo outro. Totó teve coragem de se aproximar da mulher e pedi-la em matrimônio. O personagem, apesar de ainda carregar consigo o luto pela perda de Miquilina e Catita, ria, sorria para espantar a dor e a tristeza. Suas gargalhadas eram apreciadas por Tuína que o acompanhava até que um dia, depois de se descobrir grávida, seu riso passou a choro, “a mulher chamou o marido” e disse:

Totó, eu sei que são dois, uma menina e um menino. E sei mais: você que vai cuidar sozinho desses filhos. Eu sei que, daqui uns dias, eu vou...

Totó cortou a gargalhada que estava na garganta. Sentiu e reviu uma cena havia tanto tempo esquecida, escondida no peito. Uma cena que só anos mais tarde ele contaria para Maria Velha e para Maria Nova. Totó tonteou e sentou. Olhou para a barriga de Nega Tuína, os gêmeos mexeram respondendo ao olhar do pai. Ele sentiu novamente são, salvo e sozinho (Evaristo 2017, p. 90).

Totó nunca tinha chorado diante dos sofrimentos que passou pois aprendeu e acreditava que “homem não chora”. Mas a partir da noite que “os carrinhos-trator dos homens-vadios-meninos se chocaram tio Totó sempre chorava e encontrava apoio nos braços de Maria-Nova” (*Ibidem*, p. 91). Evaristo nos informa que:

A menina se aproximava, na tentativa de consolá-lo, abraçando o velho. E, sem pudor, sem orgulho algum, sem vergonha de serem vistos, os dois libertavam o pranto. Tio Totó chorava por todas as dores juntas. Era um choro nervoso, desesperado. A dor ficara muito tempo, muitos anos estancada no peito. Agora jorrava como sangue em hemorragia (Evaristo 2018, p.130).

Em meio ao desespero Totó relembrou e contou a Maria-Nova a passagem de Nega Tuína. Ele passou a perceber que Tuína estava com a barriga enorme parecendo uma montanha, a mulher não conseguia mais parar

em pé e se equilibrar sua situação estava difícil, então resolveu chamar a personagem Vó Rita.

Naquele tempo Vó Rita ainda fazia os partos das mulheres do lugar, ao adentrar a casa e alisar o ventre de Tuína a parteira logo constatou que a gestante precisava de um hospital e atendimento médico. Porém a parturiente não expressou desejo em se deslocar até o hospital, pois nunca tinha ido a um e muito menos se consultado com um médico. Além do mais confiava muito no trabalho e sabedoria de Vó Rita e considerava a matriarca melhor que muitos médicos. Se no final tudo desse errado não temeria, pois Totó cuidaria dos filhos.

E sucedeu que Tuína após parir os gêmeos, uma menina e um menino, esvaiu-se em hemorragia. Vó Rita mesmo contra a vontade da mulher tentou buscar socorro em um hospital, mas a demora foi tanta que ao retornar com a ambulância nada puderam fazer pela vida de Tuína. Evaristo pontua que:

Maria – Nova, ao ouvir Tio Totó narrando a passagem de Tuína, tinha a cabeça em dores. Era como se tudo fosse arrebentar dentro dela. Olhou Tio Totó e sentiu como o velho estava cada vez mais indefeso. Pensou que talvez a única defesa dele fosse realmente a morte (Evaristo 2018, p. 135).

Observar o sofrimento do Tio Totó orientava a menina a refletir que alguma coisa tinha que ser feita para modificar a vida e ela indagava como? Se via num beco sem saída, cingida e não percebia nenhuma forma de melhorar as circunstâncias.

O personagem Totó de acordo com a narrativa era dos mais idosos da trama, com noventa e tantos anos, por isso, seu corpo pedia terra, estava cansado de tudo, de perder os pais, as famílias que tinha constituído antes de se casar com a Maria-Velha e, por fim, sentia desespero por saber que iria perder a favela.

Totó lamentava sua vida passada e no presente dizia que não via futuro. Tinha perdido as esperanças e via na morte a única saída, assim eram seus relatos durante as conversas que tinha com Maria-Velha, sua terceira esposa. Esta personagem é descrita como uma mulher bonita e triste. Tal como Totó era descendente de escravos e também lembrava de histórias doloridas que

tinha ocorrido em sua vivência. Uma história que ela sempre contava para Maria-Nova, de acordo com a narrativa era sobre a infância. Um dia na infância ela, Maria-Velha, saltitava, pulava que nem cabrita na frente de seu avô que a olhava e chorava muito, pois Maria que ainda não era velha, com aquelas pernas longas o fazia lembrar de uma filha, que o mesmo teve e que perdeu de vista. Aconteceu que a filha do velho era uma escrava mãe de leite, um dia se rebelou contra seu senhor agarrando-o pelo colarinho da camisa e sacudindo-o. Esta atitude da escrava despertou no seu sinhô uma ira a ponto de o mesmo enviá-la para o tronco, onde seria agredida até o fim. Diante da cena a criança, filha de leite, chorou, gritou e desmaiou, quase enlouqueceu intervindo para que não matassem sua “mamãe preta”. Os senhores da escrava não a mataram, mas resolveram vendê-la e por isso nunca mais foi vista. Essa dor o homem carregava em seu peito.

Relembrou de seu avô chorando enquanto ela dava pulos acabitados e dos motivos da dor do velho. A saudade que ele dizia ter de sua filha Ayaba. Nas lembranças, encontrou sua mãe que tinha um lado do corpo esquecido e seu pai, o louco Luisão da Serra. Lembrou-se da pequena localidade que havia nascido, Serra do Cipó, e viu a sua vida toda retorcida em dores, como um emaranhado de cipó (Evaristo 2018, p. 142).

Maria-Velha voltou a si e pensou que deveria continuar resistindo, que precisava prosseguir segurando a vida não somente por si, mas pensava nas crianças e quem sabe em outra favela, outro lugar em que a vida tivesse e guardasse algum sentido.

A personagem Maria-Velha tinha muitas histórias tristes para rememorar e contar para Maria-Nova, contava, também sobre a loucura de seu pai. Seu pai, o louco Luisão da Serra, que ela conheceu quando tinha aproximadamente sete anos, ao ir comprar fumo de rolo para o avô. Inteirou-se sobre seu pai por acaso, pois ao encontrá-lo percebeu semelhanças com o seu avô quando este era jovem. Luisão da Serra, quando menino era inteligente, indagador e rebelde contra os sinhôs, odiava-os. Sua ira aumentou mais ainda quando venderam sua irmã Ayaba, seu desejo era vingar-se, atear fogo na casa-grande. A narrativa é de que, nessa ocasião, chorou a noite toda e surpreendeu o pai ao falar durante bom tempo a língua da terra distante. O

pai pensava que o menino falasse apenas a língua dos brancos, a surpresa e a alegria foram grandes. Mas no outro dia, o menino sumiu, seu pai pensou que os sinhôs o tivessem vendido, assim como fizeram com sua mãe e demais irmãos. O menino, após um tempo retornou homem de barba feita para buscar o pai, pois tinha comprado um pedaço de terra para eles. Viviam tranquilos no lugar, Luisão da Serra realizou um desejo do seu pai, casou-se com uma negra “calma” e teve os filhos: Maria, Tatão, Natividade, Ilídia e Joana. Na visão do avô, Maria era igual a filha Ayaba, por isso, quando a menina brincava e saltitava na sua frente dele, sofria e chorava. Para ele era como se a vida se repetia. Maria-Velha, ao refletir sobre essas histórias, por instantes, achava que Totó tinha razão como vinha pensando ultimamente, que tudo o que viveu foi uma “perdedeira só”.

De acordo com a narrativa, o personagem desesperançado e desiludido, numa manhã, enquanto as Marias arrumavam as trouxas preparando se para a mudança, Totó calado, distante e trêmulo de frio despediu-se.

Segundo Evaristo “Era a morte, era a vida. Era Tio Totó sendo levado de roldão” (2018, p.176). O personagem Totó não conseguiu conhecer o novo lugar onde moraria e construiria nova vida com a família.

Na narrativa, a morte de Totó pegou seus amigos e parentes de surpresa mesmo todos percebendo que ele estava dia após dia morrendo aos poucos, percebiam em sua fala desesperançosa ao relatar as dores que a vida lhe tinha ofertado.

As personagens Negro Alírio e Dora ficaram o tempo todo acompanhando a despedida (velório) de Totó, afinal quando Negro Alírio chegou na favela, a primeira pessoa a lhe dar abrigo foi “tio Totó”. A segunda foi Dora e ao se encontrarem rapidamente viveram uma amizade seguida de um romance. Foram conversando, se conhecendo e cada um foi tomando a vida do outro:

Dora relembrou com lágrimas nos olhos, as brincadeiras de roda, a mãe fazendo os quitutes das patroas. O pai que saíra mundo afora. O menino que ela tivera e entregara ao homem com quem se deitara uma vez só e criara barriga (Evaristo 2018, p.92).

Relembrar a vida permeada por sentimentos como tristeza, desesperança, preocupação, perdas e sofrimento era corriqueiro para os personagens de *Becos da Memória*, parecia que as vivências sempre se repetiam, embora as pessoas fossem únicas, mas o que viviam era comum a todos. O desfavelamento que estava ocorrendo deixava todos com o coração dolorido, pois os moradores, principalmente, aqueles que há muito tempo tinham chegado ali, tinham o sentimento de pertença, acreditavam que o lugar era seu.

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais (Evaristo 2018, p.71).

O personagem Bondade sofreu bastante também, pois fazia muito tempo que residia naquela favela. Era amigo de todos, fazia jus ao seu nome, conhecia todos os barracos e cada habitante. A primeira pessoa que deu abrigo a Bondade, quando este chegou na favela foi Vó Rita, depois em cada casa. ele tinha um espaço garantido para arrumar sua cama quando chegasse.

Maria-Nova tinha em Bondade outro contador de histórias. Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos, nas alegres, ele tinha no rosto e nas mãos a alegria de uma criança (Evaristo 2018, p.37).

Para a coleção de Maria-Nova todas as histórias eram bem vindas, principalmente, as mais amargas, pois algum dia ela haveria de recontá-las. A menina percebia que muitas coisas estavam acontecendo no lugar, mas compreendia melhor, por meio das narrativas que ouvia do outro. Por isso queria, desejava mais e mais explanações e conseguia, se não era pela boca do Tio Totó ou de Maria-Velha, era pela boca de Bondade. Entre as histórias contadas por Bondade, certo dia, contou uma, com a qual a menina acertadamente se identificava, pois falava de um homem que assim como ela aprendeu a ler. Se tornou observador, analisava as circunstâncias e partia para a ação.

Um dia, o Homem, que na época, era ainda um pouco mais que um menino, já de noite, tomava banho no rio, quando viu alguns homens chegarem carregando uma pessoa que

parecia morta, e jogá-la nas águas do rio. Reconheceu que eram os homens, os capangas do Coronel (Evaristo 2018, p. 58).

A cena testemunhada, aquele corpo sendo lançado ao rio, não o deixou dormir pois pensava no ocorrido e em outro fato que os seus pais, um dia lhe contaram. Que o menino tinha um bisavô, este, possuía uma chaga na perna que lhe provocava grande sofrimento. Velho e inútil para o trabalho ficava sentado e a ferida exposta, passava por ali um Sinhô moço e agredia com chutes o ferimento do idoso.

Alguns anos mais tarde, o Sinhô moço teve o castigo que mereceu segundo os negros. Apareceu uma ferida na perna do moço, tal qual a chaga do velho, nada do que tentavam curava. Nessa passagem da narrativa percebe-se o apego a religião, por parte dos mais humildes, como uma forma de conforto, porém, contudo, sabe-se que isso também pode ser perigoso, pois torna as pessoas vulneráveis, podendo ser manipuladas.

Mesmo sendo menino discordava da fala dos negros quando diziam que era castigo e que tinham Deus ao seu lado. Na noite que refletia sobre o que viu e o que lembrou, pensou em Deus e de certo modo se redimiou, por pensar que eles precisavam de um Deus urgente que pudesse estar o tempo todo ao lado deles e não no futuro, no céu depois da morte. Maria-Nova lembra que “o mesmo pensamento voltou naquele instante, uns dez anos depois, enquanto caminhava com os outros apressada e raivosamente até a casa do Coronel Jovelino” (Evaristo, 2018, p.60).

Bondade caminhava cego de ódio, não era mais um menino temeroso relembrou o fato de uns dez anos atrás, o corpo sendo jogado no rio das Mortes e teve que calar. E no presente, a morte do Pedro da Zica, a mando do coronel, agora era um homem e não iria se calar diante das injustiças. Em conformidade com Evaristo:

Havia muito que ele sabia de tudo, esperava este momento. O próprio inimigo o ensinara a ler. Ele aprendera mais do que lhe foi ensinado. Sabia ler o que estava e não estava escrito. Sabia ler cada palmo de terá, cada pé de cana, cada semente de milho. Sabia mais ainda, sabia ler cada rosto de um irmão seu (Evaristo 2018, p. 62).

Maria-Nova apreciava na história, os pontos que considerava comuns entre ela e Bondade, principalmente, o desejo de aprender a ler que ambos tinham quando eram crianças. Ela gostava de aprender e era incentivada pelos mais velhos que percebiam, no conhecimento, uma forma de emancipação. Por isso diziam que para ela a vida seria diferente, afinal estudava.

Os personagens que alimentavam a coleção de narrativas pontiagudas de Maria-Nova eram também responsáveis por recuperar a memória coletiva de seus ancestrais à medida que relatavam acontecimentos ocorridos em tempos históricos diferentes, mas que denunciavam os mesmos fatos. A recorrência desses fatos narrados, demonstram a negligência do poder público nas esferas da saúde, educação, segurança e inclusão social.

Nesse olhar para as personagens de *Becos da Memória*, percebemos o quanto e como o sistema escravista interferiu na formação das subjetividades das mesmas, fazendo-as se sentirem inferiores, submissas, subordinadas a um sistema de trabalho e inculcando a elas visões pejorativas ao seu corpo negro.

Da mesma forma o conceito de “dororidade”, desenvolvido por Vilma Piedade (2017), aborda que as mulheres negras estão ligadas por um laço de dor, de racismo, de subalternização que políticas feministas, muitas vezes, não contemplam, justamente por não compreender essa dor.

De acordo com Bernd, “Personagens, passagens da história do negro no Brasil, castigos e sofrimentos não são evocados na obra Evaristiana como mera paisagem, mas com humanidade, com caráter pontuais de relatos de injustiça cometidas contra a população de origem afrodescendente” (Bernd, 2023, p. 167).

A memória é um tema largamente presente nos estudos de crítica literária, diversos teóricos evocam as categorias de memória individual e memória coletiva para análise do texto literário na relação com o ato de rememorar. Contudo, boa parte desses conceitos ainda estão ligados a epistemologias eurocentradas, e pouco dialogam com o contexto racial brasileiro ou não o contemplam de maneira adequada. Por isso, a importância da produção ensaística de intelectuais negro-brasileiros para a crítica literária

brasileira. Cuti, Lelia Gonzalez, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, estão entre pensadores e literatos que produzem reflexões, que partem da escritura negra. Esses intelectuais evidenciam que os textos negro-femininos brasileiros precisam ser analisados a partir de uma abordagem racializada e de classe, por exemplo, Conceição Evaristo tem aparecido com frequência nos ensaios críticos de literatura negra feminina, devido ao conceito de escrevivência. Esse conceito, articulado ao campo das escritas de si tem-se mostrado profícuo para os estudos de memória na literatura de autoria negra contemporânea. O exercício da escrevivência pode ser verificado na produção literária da autora e também nos textos ensaísticos e em suas falas (entrevistas, conferências), o que motivou a presente pesquisa sobre *Becos da Memória* (2018). Sabemos que o estudo desta obra não se esgota nesta dissertação, devido às diversas camadas que se sobrepõem nos temas que aparecem na obra, contudo, espera-se retomar a leitura desta e de outras obras da autora em estudos futuros e com mais preparo para a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como proposta, a partir da narrativa *Becos da memória* (2017), de Conceição Evaristo, realizar a análise literária da obra, sob a perspectiva teórico-crítica das escritas de si, passando pelo aporte dos estudos de memória social e de memória individual na relação com a literatura. Essa abordagem crítica mostrou-se profícua para pensar sobre o *modus operandi* da narrativa de Conceição Evaristo.

Nossa intenção foi verificar como se revelam, no romance, elementos que configuram o conceito de escrevivência, desenvolvido pela autora. Para tanto, partimos de referenciais teóricos e metodológicos das escritas de si, que por sua vez, articulam-se com autorias de voz feminina e com a base histórico-reflexiva sobre literatura negra brasileira.

Em relação ao escopo teórico-metodológico, a pesquisa está inserida nos estudos pós-coloniais, feministas e feminismo negro. Articulado a este escopo de investigação, tivemos, como objetivo, estudar a construção das personagens femininas no romance e a relação destas, com o espaço da narrativa na produção de subjetividades.

Nesse sentido, as perguntas: Como se revelam, no romance, elementos que configuram o conceito de escrevivência? Como Conceição Evaristo capta sua temporalidade histórica, no que diz respeito ao feminismo decolonial e a produção de uma escritura ética e estética?; e, É possível identificar a passagem de elementos da memória individual para a memória coletiva nas escritas de si, tomando por base o romance *Becos da memória*?, foram respondidas, tal como demonstrado nas três partes que compõem a presente dissertação.

A pesquisa se propôs a: a) Analisar e aprofundar os estudos sobre a literatura de autoria feminina negra; b) Estudar a construção das personagens femininas de *Becos da memória* e as relações destas com o espaço da narrativa na produção de subjetividades; c) verificar como se revelam, no romance, elementos que configuram o conceito de escrevivência; d) Compreender como Conceição Evaristo capta sua temporalidade histórica, no

que diz respeito ao feminismo decolonial; e) Contribuir com a visibilidade da literatura brasileira de autoria feminina afrodescendente.

Assim, na primeira seção, *Uma vida em constante refazimento: minhas memórias*, experimentei o exercício das escritas de si, momento em que relatei um pouco das minhas memórias, desde a infância atípica à consolidação de meu processo identitário como migrante junto de minha vó, vivências domésticas nem sempre felizes, vivência escolar, escolha do meu próprio nome, período de adolescente e jovem mãe, lutas de uma mulher em busca do direito de criar a própria filha, memórias felizes com minhas filhas e meu marido, homem que teve a coragem de caminhar ao meu lado nessas lutas, minha formação acadêmica, minha opção por ser professora da infância, o sonho da formação continuada, a escolha por estudar a obra de Conceição Evaristo. Creio que tudo se esclarece no agora. Não foi fácil escrever minhas memórias, mas asseguro que foi libertador, deixar aparecer quem sou. Eu sujeito mulher afrodescendente.

A segunda seção, *Pensamento crítico de autoria negra e relações com o literário*, oportunizou-me refletir sobre a relação da produção de um pensamento teórico-crítico de autoria feminina negra e a importância de formulações conceituais para a consolidação de uma epistemologia negra na relação com a literatura de autoria feminina negra contemporânea, o que foi fundamental para as análises de *Becos da memória*, que aparecem na terceira parte da dissertação.

Na terceira parte, *Conceição Evaristo: Uma Voz da Literatura Brasileira de Autoria Feminina Contemporânea*, apresentei um estudo, colocando em relação aspectos biobibliográficos de Conceição Evaristo e de sua atuação em movimentos importantes na luta contra o racismo estrutural no Brasil. Nessa parte, fica evidenciado o protagonismo da autora na literatura de autoria feminina negra, no atual contexto brasileiro. Nessa seção, destaca-se, ainda, a importância da militância negra para o surgimento de editoras com caráter decolonial, inclusive, com publicações de obras de Evaristo.

Por fim, a quarta parte, *Escrivência: Becos da Memória*, apresenta uma análise literária da obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, como foco para escritas de si no cotejamento com estudos da

memória individual e da memória social ou memória coletiva. O objetivo foi verificar elementos estéticos que apontem a presença da ancestralidade africana, reminiscências e memórias, com foco para a mulher negra.

A análise literária de *Becos da memória*, sob as perspectivas dos estudos pós-coloniais nos propiciou o aprofundamento dos estudos sobre a literatura de autoria feminina e feminismo decolonial, para isso, foi importante compreender o pensamento das teóricas e teóricos que contribuíram para a realização desta pesquisa. Para além deste estudo, tais teorias ampliam o olhar da crítica literária contemporânea e nos mostram como as autoras e autores leem suas temporalidades históricas, no que tange a uma escritura ética e estética.

As escritas de autoria feminina, nas produções pós-coloniais colocam-se como fontes importantes para o debate sobre violência de gênero e racismo estrutural. Muitas mulheres negras que sofrem com a violência de gênero e pessoas trans, passam por situações constrangedoras e nem imaginam que estão tendo seu direito violado, até que o outro externalize algum acontecimento individual, assim, quando a pessoa se dá conta que isso já aconteceu com ela, também pode sentir-se mais confiante em lutar por seus direitos, por isso, a importância de compartilhar as escritas de si. Essa escrita, ao circular, promove a construção de sujeitos coletivos que passam a comungar ou identificar-se com o outro. Um trauma, uma vivência individual, cria no sujeito uma memória individual. O compartilhamento dessas experiências poderá promover reflexões coletivas nos sujeitos e criar memórias. Sabemos que foram criadas e registradas poucas memórias em relação a esses temas, por isso, são tratados com indiferença em muitos casos, o que para isso a literatura de autoria feminina negra tem contribuído.

Nesse sentido, evidenciamos que a construção fabular de *Becos da Memória* se faz pela ativação de memórias, primeiro as da autora, seguida pelos personagens fictícios criados e recriados pela mesma, buscando uma parceria entre a escrita, a vivência e a voz ancestral, neste sentido, sobressai o conceito de escrevivência, que pode ser melhor compreendido no esboço das escritas de si.

Eis aí, o poder da literatura, em trazer à tona memórias esquecidas ou silenciadas e promover o debate sobre temas que tratam das relações humanas e dessas relações com uma determinada época ou espaço histórico.

Aqui, faço um adendo. Tenho quarenta e sete anos de vivência e há dois, tenho estudado e buscado compreender os conceitos e as relações entre raça, classe social e gênero, bem como o processo de escravização ocorrido no país, graças ao mestrado que estou realizando e as leituras orientadas. Antes dos estudos tinha um conhecimento raso sobre as categorias mencionadas. Ao me apropriar do conhecimento de modo mais aprofundado passei a refletir em como eu não percebi antes as situações de exclusão, apagamento e formas horrendas de violência que o homem branco impôs aos ascendentes e descendentes de negros. Ao ponto de eu mesma, que tenho uma ancestralidade negra, até o início desses estudos não reconhecer minha identidade da mesma forma que tantas outras pessoas não se reconhecem.

Mas aprendi igualmente com os estudos, que intelectuais como Maria Firmina dos Reis, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Carolina Maria de Jesus, Eliana Alves Cruz, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo e tantos outras(os) também se inteiraram da verdadeira história da escravização e suas consequências na fase adulta de suas vidas. Isso é, não temos que carregar a culpa por termos sido alienados durante tanto tempo de nossa própria história, pois se for para culpabilizar alguém que, esta culpa recaia sobre o sujeito branco elitizado que ao formular os currículos escolares, por exemplo, negaram o direito a uma formação omnilateral aos estudantes, visto que sempre estudei em escolas públicas e não tive acesso a esses conhecimentos, o que mostra que a Lei n.º10.639, de 9 de janeiro de 2003 nem sempre tem sido atendida.

Considera-se a escola como o espaço próprio para formar a construção de uma consciência crítica e, por vezes, essa perpetua o preconceito, a discriminação e o racismo através de seus agentes e da omissão aos conteúdos relativos ao povo negro e afrodescendentes. Contudo, mais do que discorrer ou falar sobre aprendizagem tardia, apagamentos e exclusões, o momento é de evidenciar a história de um povo forte e resistente que lutou bravamente contra a subjugação que foi lhe imposta e é devido a isso que eu

e nós estamos aqui para refletir e continuar resistindo, por meio do acesso ao conhecimento e da militância negra.

Não se pode negar que a criação das leis criadas para proteger a população negra tem propiciado resultados positivos e motivado diversos estudos e movimentos negros, inclusive na literatura e nas outras artes, contudo, sabemos que enquanto sujeitos humanos, somos movidos pelas mentalidades construídas e, nesse sentido, urge modificar padrões de conhecimentos hegemônicos da população brasileira, no sentido de desconstruir estereótipos criados pela elite branca, de que a pessoa negra é inferior, ou que tem sua intelectualidade diminuída devido a cor de sua epiderme. Nesse viés, enquanto educadora e, agora, conhecedora de uma história de luta das(os) escritoras(es) negras(os), não há como me eximir de corroborar para a disseminação de conhecimentos que busquem pela equidade racial na sociedade brasileira e creio que a leitura literária e a leitura de ensaios críticos contribuem para a elaboração desses conhecimentos.

Diante disso, espera-se que esta pesquisa contribua com os estudos sobre literatura e sociedade, escritas de autoria feminina e decolonização epistêmica e criativa, juntando-se a outros estudos na linha de pesquisa “Literatura, Memória, Cultura e Ensino”, deste Programa de Pós-graduação, considerando ser esta a primeira pesquisa da linha, sobre a obra *Becos da memória* (2018), de Conceição Evaristo, sobretudo, pelo potencial poético e crítico que sua obra contém.

Assim, caminhamos junto de Conceição Evaristo pelos *Becos da Memória*.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, L. K. Uma escritura atravessada pela experiência pessoal e o mundo: autorias femininas no ensaísmo latino-americano. *In*: VEDOVATO, L.; LANGARO, C. S. **Vozes da Resistência**: O trabalho acadêmico de mulheres, diálogos latino-americanos e estudos decoloniais. São Carlos: Pedro&João Editores, 2022, p. 15-35.

ALVES, L. K. Escrituras Confluentes em Macabéa: Flor de Mulungu. *In*: ALVES, L. K; DONIZETI, A. da C.; COSTA, J. da C. **A Escrita de Si e as Estéticas Contemporâneas**. São Paulo: Pontes Editores, 2024, p. 193-213.

ASHCROFT, B. *et al.* **Key concepts in post-colonial studies**. London: Routledge, 1998.

ARFUCH, L. 2010. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRASIL. **LEI 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20N%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20L/Acesso%20em:30dez.2023. Acesso em: 30 dez.2023.

BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BARTHES, R. **Crítica e Verdade**. Trad. Madalena da Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2007.

BERND, Z. **Literatura e identidade nacional**. Quarta edição revista e ampliada. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2023.

BERND, Z. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.23, 2013. p. 211-222.

BERND, Z. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

BERND, Z. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BERND, Z. **Inventário de ausências**: memória/esquecimento e representificação no imaginário das Américas. Porto Alegre: Zouk, 2022.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BONNICI, T. **Conceitos da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

CANDIDO, A. *et al.* **A Personagem de ficção**. 11 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDINI, F. Un sociologo al Santo Sepolcro. *In*: HALBWACHS, M. **Memorie di Terrasanta**. Trad. Laurent Léon Schaffter. Veneza: Ed. Arsenale, 1988, p. vii-xxiv.

CARNEIRO, S. Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência. Revista do **Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, p. 50-55, 2009.

CARNEIRO, S. **A mulher negra brasileira na década da mulher**. São Paulo: Nobel, 1985.

CARNEIRO, S. **Mulheres que fazem São Paulo**: a força feminina na construção metrópole. São Paulo: Celebris, 2004.

CARNEIRO, S. **A cor do preconceito**. São Paulo: Ática, 2006.

CARNEIRO, S. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Letramento, 2018.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COSTA, A. K. D. da. **O ressoar das vozes que se movem na favela, por entre Becos da Memória**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-graduação em Letras, 2023. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/123456789/11702/>. Acesso em: 17 jun.2024

COUTINHO, E. F. Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina. *In*: COUTINHO, E. F. **Literatura Comparada na América Latina: ensaios**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003, p.11-29.

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo, 2010. [Coleção em debate, coordenada por Vera Lúcia Benedito].

DUARTE, C. L. Feminismo: uma história a ser contada. HOLLANDA, H. B. (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.26-51.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de janeiro: Pallas, 2018. [Epub].

EVARISTO, C; DAVENGA, A. **Cadernos Negros**, São Paulo, v. 18, 1995.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, C. **Depoimento**. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, C. **Macabéa**: Flor de Mulungu. Ilustração de Luciana Nabuco. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

EVARISTO, C. **Olhos D'Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, C. **Gênero e Etnia: uma (escrevi)vência de dupla face**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

FANON, F. **Pele negras, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, E. Negritude, Negrismo, Literaturas de Afro-descendentes. *In*: FIGUEIREDO, E. (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p 163-187.

FOUCAULT, M. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. [Lisboa]: Vega, 1992. p. 128-160.

FOUCAULT, M. As técnicas de si. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HOOKS, b. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IANNI, O. A metáfora da viagem. **Revista Cultura Vozes**. n.º 2, março/abril de 1996, p. 3-19.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. de. **Casa de Alvenaria**. Prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras: Osasco, 2021.

JESUS, C. M. de. **Casa de Alvenaria**. Prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus. Vol 2. São Paulo: Companhia das Letras: Santana, 2021.

KLINGER, D. **Literatura e ética: da forma para a força**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. 2 ed. Coimbra: Alamedina, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo decolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, set.-dez., 2014. [2010].

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, H.B. de. (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83.

MACHADO, B. “Escrevivência”: a trajetória de Conceição Evaristo. *In*: **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014. Disponível em: https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/8310/ANEXO_II-_ARTIGO_SOBRE_CONCEI_O_EVARISTO_E_A_ESCREVIVENCIA.pdf/. Acesso em 27 jan. 2024.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M.. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. **Mental**, Barbacena , v. 7, n. 12, p. 153-166, jun. 2009. Disponível em : http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000100009/. Acesso em 09 dez. 2023.

MACHADO, R. **Impressões de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Eirele, 2017.

MACHADO, L. K. de C. R. O. **Pelos becos da memória**: uma análise da autorrepresentação negro-feminina em Conceição Evaristo. (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. PUC-GO, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4655/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MATA, I. **A literatura africana e a crítica pós-colonial** : reconversões. Manaus, AM : UEA Edições, 2013.

MIGNOLO, W. **Histórias Locais/Projetos Globais**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimento y apertura. Um manifesto. *In*: GÓMEZ, C. S.; GROSFÓGUEL, R. (org). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2007.

NASCIMENTO. A. **A Convenção nacional do Negro Brasileiro**: Manifesto à Nação, escrito por Abdias do nascimento (Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1945). Fax símile. Disponível em : https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302448/mss1302448.pdf/. Acesso em 10 jan. 2024.

NASCIMENTO. A. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. Perspectiva : São Paulo, 1978.

NASCIMENTO. A. **Submundo. Cadernos de um penitenciário**. São Paulo: Jorge Zahar, 2022.

NASCIMENTO. A . **O Quilombismo**. Documentos de uma Militância Pan-Africanista, 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva / IPEAFRO, 2019.

NASCIMENTO, M. B. Por uma história do homem negro. *In*: RATTS, A. (org.). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PALERMO, Z. Desobediencia epistémica y opción decolonial. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v. 5, p. 237-194, jan./jun. 2013.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. LANDER, E. (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2005, p.117-142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf/. Acesso em: 18 de out. 2022.

RATTS, A. **Eu sou Atlântica**: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006, p. 65-69.

REIS, M. F. dos. **Úrsula**. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo; Introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

REIS, M. F. dos. **Cantos à beira-mar e Gupeva**. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

RIBEIRO, A. E; KARAM, S. Editora Mulheres, Zahidé Muzart e um caso relevante de edição de livros no Brasil. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-18, jan.-mar. 2020. Escola de Humanidades. Disponível em: [ttp://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2020.1.34581/](http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2020.1.34581/).03 fev. 2024.

ROSA, S. R. C. Um olhar sobre o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Portal da literatura afro-brasileira – **Literafro**, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In*: SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.9-26.

SANTIAGO, S. Meditação sobre o ofício de criar. **Aletria**. v.18, p.173-179, jul.dez. 2008.

SANTOS, B. de S. **Epistemologies of the South**: justice against epistemicide. London: Paradigm Publishers, 2014.

SANTOS, D. T. R. dos. (Coord.) **Lugar de fala**: feminismo plurais. São Paulo: Jandaíra, 2019.

SOLER-PONT, A. **O príncipe medroso e outros contos africanos**. Recontados por Anna Soler-Pont. Ilustrações de Pilar Millán. Trad. Luis Reyes Gil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, W. **Representações ficcionais do negro na literatura brasileira**: ensaiando ainda. Cascavel PR: Edunioeste, 2023.

SOUSA, A. C. F. de. **Tessituras de resistência**: relações entre a perspectiva trágica e a escrevivência de Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Viçosa, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFV_7f8597ec60ab565f0a6f367896a17d45/. Acesso em: 17 jun. 2024.

SOUZA, K. D. M. de. **Conceição Evaristo**: do imaginário racial à circularidade de seu dizer. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual do oeste do Paraná - UNIOESTE, 2021. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5245/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SOTO, D. P. Nueva perspectiva filosófica en América Latina: el grupo Modernidad/Colonialidad. **Ciencia Política**, nº 5 enero-junio 2008. Disponível em: [file:///D:/Dialnet-NuevaPerspectivaFilosoficaEnAmericaLatinaElGrupoMo-3663394%20\(3\).pdf](file:///D:/Dialnet-NuevaPerspectivaFilosoficaEnAmericaLatinaElGrupoMo-3663394%20(3).pdf) Acesso em 10 mai. 2024.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** 1ª ed. Trad. Sandra Regina Goulart. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

TORRES, N. M. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. *In*: GÓMEZ-Castro, S.; GROSGOUEL, R. (org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2007.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, p.327-336.

Filmografia

GERBER, R. **Óri**. Brasil: Filmow, 1989. [Elenco Com Gilberto Gil, Maria Beatriz Nascimento, Marianno Carneiro da Cunha, Ciro Nascimento, Thereza Santos, Jimmy Bo Horne, Mãe de Santo Didi].

Sites consultados

BRASIL. AGÊNCIA SENADO. **Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria**,
Fonte: Agência Senado. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/conheca-os-herois-e-as-heroínas-da-patria/>. Acesso em 10 jan. 2024.

BRASIL **LEI n. 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm Acesso em: 10 jan.2024.

EDITORA MAZZA. Disponível em: <https://mazzaedicoes.com.br/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

EDITORA MALÉ. Disponível em: <https://www.editoramale.com.br/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

EDITORA ORALITURAS. Disponível em: <https://oralituras.com.br/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

EDITORA NANDYALA. Disponível em: <https://nandyalalivros.com.br/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

EDITORA TOQUES NEGROS – OGUMS. Disponível em: <https://editoraogums.com/product/coletanea-ogums-toques-negros/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

ESPERANÇA GARCIA. **A Carta**. Disponível em: <https://esperancagarcia.org/a-carta/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

LITERAFRO. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/literafro/newsletter/1964-literafro-novidades-n-56-setembro-de-2024/>. Acesso em: 03 out. 2024.

MANCHETE DO JORNAL A TARDE. **A Tarde**, 12 de fevereiro de 1975. (Fax símile). Disponível em:
https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302448/mss1302448.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

IPEAFRO. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

ITAÚ CULTURAL. **Ocupação Abdias Nascimento**. São Paulo, 2016. Disponível em:
file:///C:/Users/lourd/OneDrive/Documentos/2023/ORIENTANDA%20NELCI/Capitulo_no_livro_Ocupacao_Abdias_Nascim.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.

PANTERAS NEGRAS. Disponível em:
<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/os-panteras-negras-e-o-movimento-racial-nos-eua.htm/>. Acesso em: 03 fev. 2024.